



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUÍSA MARIANNA VIEIRA DA CRUZ

**ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA À HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA  
UTILIZADAS POR MULHERES QUE MANTÊM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS  
COM MULHERES EM CONTEXTO INTERIORANO**

Recife

2019

LUÍSA MARIANNA VIEIRA DA CRUZ

**ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA À HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA  
UTILIZADAS POR MULHERES QUE MANTÊM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS  
COM MULHERES EM CONTEXTO INTERIORANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau Mestre em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia

**Orientador:** Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento

Recife

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

C957e Cruz, Luísa Marianna Vieira da.  
Estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizadas por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres em contexto interiorano / Luísa Marianna Vieira da Cruz. – 2019.  
105 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.  
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Sexualidade. 3. Mulheres. 4. Homossexualidade. 5. Heterossexualidade. 6. Serra Talhada (PE). I. Nascimento, Luís Felipe Rios do (Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-068)

LUÍSA MARIANNA VIEIRA DA CRUZ

**ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA À HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA  
UTILIZADAS POR MULHERES QUE MANTÊM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS  
COM MULHERES EM CONTEXTO INTERIORANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 09/05/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lorena de Lima Moraes (Examinador Externo)  
Universidade Rural de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Luciana Leila de Fontes Vieira (Examinador interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

As mulheres que rompem com as normativas e resistem cotidianamente!

Dedico

## AGRADECIMENTOS

A Mainha, Dira e Dara por existirem. Por me socorrem dos apuros, por me representarem, por me acolherem, por encherem minha paciência... por me amarem incondicionalmente. Não sei o que seria de mim sem vocês.

A Família Vieira e Cruz, obrigada pela paciência com a minha ausência. Sei que estão na torcida. Amo vocês.

A Joaquim, que chegou no meio da construção deste trabalho. Meu muito obrigada por compartilhar tua casa (lugar onde escrevi metade dessa dissertação); por dividir a tua mãe, que sempre me acolheu, abraçou, alimentou e cuidou como uma filha; por dividir os amores da tua vida comigo. Esse obrigado se expande a Família Rezende, obrigada por me acolherem em um dos momentos mais difíceis desse processo. Obrigada por me auxiliarem no processo de permanecer me enxergando positivamente.

A Jam, cada linha desse trabalho tem o teu olhar... tua voz é emitida nessas palavras, mesmo que não seja do modo tão poético quanto o teu, mas aqui se fez a minha poesia. Obrigada por estar no início, meio e fim desse processo. Que sigamos caminhando, aprendendo e compartilhando a vida juntas.

A Andressa e May, por estarem comigo sempre. Desde o início da minha existência me lembro de vocês trilhando caminhos comigo. É maravilhoso saber que tenho vocês e que será assim o resto da minha vida.

As meninas do Extinto “tanto faz”, só posso dizer que amo nosso brejo.

A Karolla, Magnum, Adriano, Laís, Dani e Telma obrigada pelos almoços, cervejas, risadas, por me acompanharem (às vezes mais perto, ou mais distante) na vida.

A Denise, por revisar, perguntar, sugerir, construir essa pesquisa comigo. Mesmo traçando caminhos distintos dentro da psicologia sempre caminhou comigo. Obrigada por ser tão prestativa e acolhedora na academia e na vida.

A Bel, Hérika e Polly, obrigada por cada encontro no ano ser tão recheado de risadas, novidades e comilanças.... e a Fábio pelas caronas mais acolhedoras e divertidas.

A turma do mestrado, que me auxiliaram inúmeras vezes enquanto transitava entre o Sertão e o litoral. Obrigada Alexya e Heridane, pelo acolhimento. Obrigada Juci, por partilhar angústias e soluções. Obrigada Camila, Laís, Thairis e Walker pelos almoços e conversas compartilhadas.

As interlocutoras, primeiro que essa pesquisa surgiu de vocês, com vocês e para vocês. Alguns momentos não foram fáceis, queria que esse processo representasse a trajetória de cada uma de vocês, mas vocês são tão grandes que tentei deixar o mais próximo possível. Vocês foram espelho maravilhoso de resistência e de manejos das dificuldades.

A Felipe, por ter acreditado nesse projeto e pelas orientações prestadas durante o processo.

A Lorena, por não desistir de mim nesse processo. Ela que sempre arrumou um jeitinho de me impulsionar, ela é que a musa que a gente quer copiar. Ela que tem um jeito de menina, mas é uma das mulheres mais inteligentes que a academia poderia me apresentar e que fosse levar para vida como amiga.

A Nicole, por ser uma pessoa sagaz, inteligente e que mesmo quando o barco tá perdendo seu prumo, sabe buscar novas rotas com muito bom humor e cerveja porque ninguém é de ferro.

Ao Dadá, por ajudar a me localizar no Pajeú. Por ser esse grupo de pesquisa que me faz sentir em casa e que me enche de orgulho por cada conquista, cada debate que conseguimos construir.

Ao programa de Pós-graduação de Psicologia da UFPE, pelas orientações e direcionamentos ofertados para o desenvolvimento da pesquisa.

A Facepe, pelo financiamento para que essa pesquisa ocorresse.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizada por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres da cidade de Serra Talhada. Desse modo, foi necessário conhecer como aspectos da territorialidade atravessam como os sujeitos se percebem e no exercício da sua sexualidade. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa das pesquisas sobre a temática. Quanto a metodologia, o trabalho de campo foi construído através das entrevistas com mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais entre mulheres residentes na cidade de Serra Talhada, utilizando-se de um roteiro com enfoque biográfico. Assim, totalizando um quantitativo de nove mulheres na faixa etária de 18 a 30 anos. Para selecionar as participantes foi utilizada a amostragem por bola de neve, após a coleta de dados, foi realizada a transcrição das entrevistas e análise temática dos dados. Também foi utilizada a observação participante com intuito de descrever como é Serra Talhada como local de pesquisa, o que auxiliou com a contextualização das narrativas apresentadas. Esta pesquisa foi realizada de acordo com as normas da Resolução Nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFPE. Diante disso, as interlocutoras descreveram como gerenciaram a regulação da sua sexualidade diante das fases do desenvolvimento e a relação com construção e no processo de subjetivação dos que nelas estão imersos, assim como as negociações realizadas com a família e religião. Relataram acerca as interações afetivo-sexuais e negociações necessárias para vivenciar uma sexualidade dissidente em uma cidade de pequeno porte. Por fim, delinearam como é resistir ao controle, vigilância, a personalidade tão fortemente marcado no contexto.

Palavras-chaves: Homossexualidade feminina. Heterossexualidade compulsória. Resistência. Território.

## **ABSTRACT**

This study aimed to investigate the strategies of resistance to compulsory heterosexuality used by women who maintain affective-sexual relationships with women in the city of Serra Talhada. In this way, it was necessary to know how aspects of territoriality cross how subjects perceive themselves and in the exercise of their sexuality. For this, an integrative review of the research on the theme was carried out. As for the methodology, fieldwork was constructed through interviews with women who maintain affective-sexual relationships among women living in the city of Serra Talhada, using a script with a biographical approach. Thus, totaling a quantitative of nine women in the age group of 18 to 30 years. In order to select the participants, snowball sampling was used, after data collection, transcription of interviews and thematic analysis of the data were performed. Participant observation was also used in order to describe how Serra Talhada is a research site, which helped with the contextualization of the narratives presented. This research was carried out in accordance with the norms of Resolution No. 466/12 and No. 510/16 of the National Health Council. The project was sent to the Ethics Committee in Human Research at UFPE. Thus, the interlocutors described how they managed the regulation of their sexuality in the development phases and the relation with construction and in the process of subjectivation of those who are immersed in them, as well as the negotiations with the family and religion. They reported on the affective-sexual interactions and negotiations needed to experience a dissident sexuality in a small town. Finally, they outlined how it is to resist control, vigilance, the personality so strongly marked in context.

**Keywords:** Feminine homosexuality. Compulsory heterosexuality. Resistance. Territory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1- Textos identificados sobre relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres e cidades de pequeno e médio porte .....	20
Figura 1 – Serra Talhada e cidades circunvizinhas .....	37
Figura 2 – Palco da concha, do lado esquerdo se encontra o Bar Espaço Concha's .....	40
Figura 3 – Parte central da Praça e ao fundo a Igreja do Rosário e seu pátio.....	40
Figura 4 – Frente do Bar Espaço Concha's .....	41
Figura 5 – Participantes da pesquisa .....	45
Quadro 2 – Caracterização das interlocutoras da pesquisa .....	47

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	SOBRE OS CAPÍTULOS .....	15
<b>2</b>	<b>EXPANDINDO NA LÓGICA E NOS LUGARES: MULHERES QUE MANTÊM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS COM MULHERES EM CIDADES PEQUENAS/ INTERIORANAS E CONTEXTOS RURAIS.</b> .....	17
2.1	O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS MULHERES QUE TEM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS COM MULHERES EM CIDADES PEQUENAS, INTERIORANAS E CONTEXTOS RURAIS? .....	18
2.1.1	Descrição geral das produções científicas .....	19
2.1.2	Como as produções científicas descrevem as interlocutoras? .....	21
2.1.3	Com relação aos contextos, o que se diz? Quais são as dificuldades? E as reinvenções? .....	24
2.2	QUAIS SÃO AS ESPECIFICAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS PARA COMPREENSÃO DA PROBLEMÁTICA? .....	27
<b>3</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE CONSTITUÍRAM ESSA PESQUISA.</b> .....	32
3.1	CONTEXTO .....	33
3.2	COMO SE EFETIVOU A PESQUISA .....	40
3.2.1	Mas como foi, pra mim, construir essa pesquisa? .....	43
3.3	APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS .....	44
<b>4</b>	<b>GERENCIANDO A REGULAÇÃO E NEGOCIANDO COM AS INSTITUIÇÕES</b> .....	53
4.1	INFÂNCIA .....	53
4.2	JUVENTUDE .....	58
4.3	RECONHECIMENTO DO DESEJO .....	59
4.4	REVELAÇÃO .....	64
<b>5</b>	<b>MANOBRANDO BARREIRAS: INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES E NEGOCIAÇÕES COM O TERRITÓRIO.</b> .....	73
5.1	AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS .....	73
5.2	ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE .....	76
5.3	NEGOCIANDO COM A CIDADE E OCUPANDO TERRITÓRIOS .....	81
5.4	CONSTRUIR E RESISTIR: ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO E RESISTÊNCIA .....	89
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
-------------------------	------------

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina a investigar as estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizada por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres da cidade de Serra Talhada. Especificamente, delinear as concepções atribuídas à sexualidade e à homossexualidade feminina nas relações sociais por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres; descrever como se configuram as interações afetivo-sexuais entre mulheres na cidade; identificar os mecanismos de regulação da sexualidade e analisar as estratégias de resistência à norma utilizada pelas mulheres. Mas para isso, é necessário compreender as construções sociais que determinam os modos de vida das mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulher e a repercussão na constituição da sua subjetividade.

Atualmente, debates em torno de questões de gênero e sexualidade vem evidenciando-se. Como, já pontuado por Rubin (2003), em tempos de estresse social aumenta-se o debate sobre essa temática. Atualmente, esse estresse está diretamente ligado às crises financeiras e políticas que o País vem sofrendo. Momento histórico também reconhecido por debate acirrado e antagônico em torno de questões relacionados ao ensino religioso e de temáticas sobre gênero e sexualidade no âmbito educacional. Problematizações protagonizada pela forte presença da bancada conservadora e religiosa nos Poderes que governam o País.

Mesmo que os debates e pesquisas sobre sexualidade tenham se intensificado, alguns assuntos e determinados públicos permanecem padecendo com a regulação e sendo silenciados. Um exemplo disso é o apagamento das experiências afetivo-sexuais entre mulheres. Pois ainda é perceptível o tabu que é falar sobre esses relacionamentos, inclusive academicamente. Já que “autorizar” esses encontros, seria aprovar a desconstrução do pensamento acerca do erotismo das mulheres (dissociada do desejo masculino) e descolar o sexo das funções reprodutivas. Ainda mais, ir de encontro a toda construção social da sexualidade da mulher que estava estritamente ligada a moral patriarcal e religiosa.

Diante dessa preocupação, vale salientar que essa pesquisa se constitui a partir de pressupostos feministas e surge de e para refletir sobre as múltiplas formas de exercer a sexualidade, seja dialogando com normas ou fugindo delas. Esta pesquisa foi fundamentada nos encontros e desencontros provocados pela

multiplicidade de sexualidades, dissidentes ou não, em contextos de vigilância e controle.

Essa dissertação dá continuidade ao debate de como construções sociais, em torno do gênero e sexualidade, servem de instrumento para controle dos corpos, instituindo práticas e espaços que podem ser ocupados pelas pessoas. Busca descrever como é percebida a sexualidade em contextos distantes dos grandes centros do País, dando enfoque aos contextos interioranos/rurais.

Para isso é importante compreender que constantemente os indivíduos são cercados por informações referentes aos atributos que cada um deve “possuir”. Tais atributos, são reproduzidos desde a infância. Através do discurso, são repassadas características e práticas que nos fazem pertencer a um ou outro gênero e somos estimulados a nos moldar ao que é estabelecido pela sociedade para o feminino e o masculino (SAFFIOTI, 1987).

Perpetua-se um padrão de “Mulher” e “Homem” e é exigido que exponham feminilidades e masculinidades de acordo com cada gênero, definido pelo sexo de nascimento. Nesse contexto, as pessoas são direcionadas a cumprir o que foi instituído de modo correspondente. Define-se a diferenciação dos sujeitos pelos corpos, algumas distinções mais bem demarcadas no discurso, outras mais implícitas.

Determinam-se os papéis femininos e masculinos e as pessoas são direcionadas a cumprir o que foi instituído para seu sexo. Porém, o que merece destaque nessa discussão é que rotineiramente há uma desvalorização das características atribuídas as mulheres, com o intuito de mantê-las em posição de inferioridade.

Sob essa mesma ótica se ampara a ideia da heterossexualidade como sexualidade hegemônica. Pois, os relacionamentos heterossexuais são ‘tidos como verdade’ em contraponto aos homossexuais que caem no campo da anormalidade. A heterossexualidade compulsória se sustenta na lógica da reprodução, conseqüentemente só pessoas de sexos opostos devem se relacionar sexualmente (BUTLER, 2003).

Assim, se institui a norma e o que escapa dessa coerência é enquadrado como patológico, já que contrapõe o que foi definido naturalmente e está inscrito no biológico (BUTLER, 2003). Logo, quem escapa esse enquadramento fazendo resistência sofre preconceito e discriminação.

É relevante considerar a necessidade de refletir sobre o preconceito com os dissidentes sexuais pois, como coloca Erving Goffman (1980), onde existe normas de identidade há manipulação de estigma. O conceito de estigma aqui utilizado se refere a um atributo depreciativo que tem a função de deslegitimar alguém e reafirmar a normalidade do outro. No qual, é arquitetado o descrédito a quem rompe com a heterossexualidade compulsória, impulsionando o respeito e a credibilidade a quem se relaciona com pessoas do sexo oposto e mantendo perpetuação da família heterossexual como modelo. Resumindo, quem foge à regra, é submetido a estigmatização. Por isso, é importante refletir sobre os estigmas que recaem sobre as mulheres que mantêm relações afetivo-sexual com mulheres e a repercussão na constituição de sua subjetividade.

Diante disso, esta pesquisa destaca a importância do olhar de gênero sobre as mulheres. Esta perspectiva traz a reflexão também quanto às relações de poder, que não podem se restringir apenas a relação homem/dominador e mulher/dominada, sem considerar as singularidades de cada polo e suas diversas características (classe, raça, etnia...), já que isso excluiria a possibilidade de pensar as “feminilidades e masculinidades” (LOURO, 1997). Faz-se necessário também não restringir o conceito de gênero a papéis femininos ou masculinos, porque cairia no reducionismo aqui questionado.

Considerando os aspectos descritos acima, é relevante descrever algumas construções sociais em torno da sexualidade feminina e como isso repercute nas mulheres que desviam das imposições que muitas vezes são embasadas em teorias deterministas e justificadas como “naturais” ou da “essência do ser mulher”.

As concepções em torno da sexualidade feminina permaneceram por muito tempo ancoradas em características biológicas e normas dos padrões cristãos, em que o corpo e a sexualidade eram lugar de interditos. Marilena Chauí (1984) descreve que a repressão sexual exercida pela moral cristã, se configuraria em um conjunto de normas, regras e valores, que tem como objetivo controlar como os sujeitos lidam com a sua sexualidade. Incutindo a repressão, a falta de autonomia e poder; e a conseqüente limitação da experiência de prazer.

Além disso, historicamente a sexualidade da mulher permaneceu restrita a reprodução e a satisfação do prazer masculino. Um exemplo disso é a maternidade, que é vista como a concretização do destino feminino, um marco na vida das mulheres e já foi concebida até como status de “atestado social” de sanidade

mental. Sob esses parâmetros, a sexualidade servirá a heterossexualidade, assentando de instrumento de opressão para as mulheres por definir desejos e submetê-las ao poder masculino (NAVARRO-SWAIN, 2000).

Deste modo, classificam-se as mulheres para determinar suas práticas e lugares. Um exemplo disso, é que as esposas e mães deveriam ser recatadas quanto à sexualidade e manter o silenciamento diante de tais assuntos. Quem se distancia dessas imposições são tidas como “impuras” e “imorais” e não estariam aptas ao casamento e a fazer parte de um lar. Movimento oposto é cobrado aos homens, que devem ter sua iniciação sexual precoce e é exigida a virilidade como comprovação da sua masculinidade, além de que lhes é autorizado à vivência da sexualidade como forma de prazer (SAFFIOTI, 1987).

Finalizando, essa pesquisa nasce da vontade de destacar os sentidos que permeiam a sexualidade e como atravessam a subjetividade das mulheres que fazem sexo com mulheres, além de romper com o silenciamento imposto as protagonistas e as vivências da sexualidade. Do mesmo modo, essas inquietações vão ao encontro com os meus questionamentos ao longo da vida acerca da relação da mulher e suas (im)possibilidades de vivenciar a sexualidade. Foram essas perguntas e circunstâncias que me trouxeram até aqui, mas também sei que aqui não cessarão.

## 1.1 SOBRE OS CAPÍTULOS

Para iniciar o debate a que este trabalho se destina, foi discutido como as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres, considerando como as práticas sexuais interferem na constituição da subjetividade das mesmas. Além disso, objetivou-se compreender como o território em que estão inseridas repercute no exercício da sexualidade, já que este é repleto de significados sofre gênero e sexualidade, foco deste trabalho. Foi discutido também, as especificidades de vivenciar uma sexualidade dissidente em cidades pequenas, interioranas e/ ou rurais.

No capítulo Caminhos metodológicos discorri sobre como a pesquisa foi construída com relação a metodologia, e, apresentei o Campo em que a pesquisa foi desenvolvida, no caso a cidade de Serra Talhada. Destaquei o contexto interiorano,

por compreender a necessidade de dar visibilidade ao que acontece nesses espaços e destacar as vicissitudes locais. Para além, descrevo ainda como se deu o acesso as interlocutoras da pesquisa e os entraves desse processo. Apresento, também, cada uma das interlocutoras e faço sua caracterização.

Em Gerenciando a regulação e negociando com as instituições, trato sobre como se deu as negociações das mulheres que mantém relações afetivo-sexual com mulheres na infância e juventude, e como se deu o processo de reconhecimento do desejo, a revelação e o sofrimento diante da repercussão da sexualidade.

No capítulo 4, Manobrando barreiras: interações afetivo-sexuais entre mulheres e as negociações com o território, descrevo sobre as interações que ocorrem na esfera virtual, através de aplicativos ou redes sociais, e também em outros campos, como o rebuceteio. Apresento os espaços de sociabilidades e como se dá a relação entre as interlocutoras e esses. Também coloco as especificidades locais para a vivência da sexualidade pela ótica das interlocutoras e os mecanismos de resistência destas diante do território.

Encerro com as Considerações finais, resgatando o que foi construído e discutido nessa pesquisa, também aponto alguns caminhos sobre a temática para que sejam trilhados em futuras pesquisas.

## **2 EXPANDINDO NA LÓGICA E NOS LUGARES: MULHERES QUE MANTÊM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS COM MULHERES EM CIDADES PEQUENAS/ INTERIORANAS E CONTEXTOS RURAIS.**

Esse capítulo objetiva tratar sobre a sexualidade e o território, por compreender a necessidade de perceber que os sujeitos estão inseridos em contextos repletos de significados. Isso resulta em lidar rotineiramente com as fronteiras simbólicas do que se espera socialmente com relação a feminilidades e masculinidades, que são determinados através dos significados culturais e demarcam as relações de poder entre os indivíduos (MADUREIRA; BRANCO, 2007). Desse modo, através de uma revisão integrativa dos trabalhos encontrados sobre a temática se faz necessário conhecer como aspectos da territorialidade atravessam como os sujeitos se percebem.

Pensar em território traz à tona os impedimentos, silenciamentos e reinvenções. E por mais que ainda passem muitas vezes como vivências “invisíveis” não quer dizer que as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres estejam protegidas. Como apresenta o Dossiê sobre lesbocídio (PERES; SOARES; DIAS, 2018), das lésbicas que foram assassinadas no País, 13% foram no Estado de Pernambuco. Chama-se atenção, ainda, para o fato de que a maior incidência das mortes, 56%, ocorreu no interior dos Estados.

Isso aponta a urgente necessidade de debates sobre essas vivências. Mostra ainda o quão necessário se faz expandir as possibilidades de apoio social nos territórios. Essas mulheres reinventam formas de cuidados e proteção, porém mesmo assim permanecem expostas a violências que podem ocasionar sua morte.

O que problematizo aqui é: que espaços acolhem essa demanda em cidades distantes dos grandes centros? Quem acolhe a demanda de violência diante da agressão familiar devido a não-aceitação da sexualidade dessa mulher? Caso não tenha autonomia e dependa financeiramente dessa família, como se proteger? Que políticas públicas poderiam ser repensadas e/ou construídas pensando nas especificidades que demanda o acolhimento de uma mulher que mantém relacionamento afetivo-sexual com uma mulher que reside em uma cidade pequena ou em uma área rural?

Infelizmente para essas perguntas não tenho muitas respostas, porém reafirmo a necessidade de mais visibilidade do que apagamento. Visibilidade de dados, demandas... como também de espaços que se proponham a uma escuta acolhedora e protegida.

## 2.2 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS MULHERES QUE TEM RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS COM MULHERES EM CIDADES PEQUENAS, INTERIORANAS E CONTEXTOS RURAIS?

Em levantamento realizado no site da Scielo e na Plataforma BDTD<sup>1</sup>, pude perceber que os trabalhos sobre relações afetivo-sexuais entre mulheres realizados em contextos menores foram realizados no período entre 2008 e 2013 e que são com relação a sua natureza: 1 tese de doutorado, 2 dissertações de Mestrado e 2 artigos nacionais, todos na área da Psicologia, como apresentado na tabela 1.

**Quadro 1** –Textos identificados sobre relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres<sup>2</sup> e cidades de pequeno e médio porte (continua)

<i>Publicação</i>	<i>Tipo</i>	<i>Área</i>	<i>Ano</i>	<i>Local</i>
Palma, Yáskara Arrial et al. Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres.	Artigo	Psicologia	2010	Porto Alegre <sup>1</sup> e Caxias do Sul
Palma, Yáskara Arrial; Levandowski, Daniela C. Vivências pessoais e familiares de homossexualidade feminina.	Artigo	Psicologia	2008	Caxias do Sul

<sup>1</sup> Foram utilizadas essas ferramentas, pois o Scielo contém uma ampla gama de periódicos e é uma ferramenta potente para encontrar artigos, e o BDTD se dispõe a reunir em um portal teses e dissertações produzidas no País. Para as buscas dos textos foram utilizados separadamente os termos homossexualidade feminina, lésbica e mulheres que fazem sexo com mulheres. Encontrado os textos, em seguida foi feita a leitura de cada resumo e metodologia permanecendo apenas pesquisas realizadas em cidades de pequeno e médio porte.

<sup>2</sup>As variadas nomenclaturas que fazem referência as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres presentes na tabela é resultante da dificuldade de encontrar trabalhos. De tal modo, que foi necessário expandir a busca por diversos termos para encontrar pesquisas com esse público em cidades pequenas e/ou contextos rurais.

**Quadro 1** – Textos identificados sobre relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres<sup>3</sup> e cidades de pequeno e médio porte (conclusão)

<i>Publicação</i>	<i>Tipo</i>	<i>Área</i>	<i>Ano</i>	<i>Local</i>
Lima, Marli Machado. Entre elas: cartografias dos devires amorosos.	Dissertação	Psicologia	2008	Assis - SP
Toledo, Livia Gonsalves. Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista.	Dissertação	Psicologia	2008	Assis - SP
Toledo, Livia Gonsalves. “Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista.	Tese	Psicologia	2013	Assis - SP

Fonte: CRUZ (2019)

### 2.1.1 Descrição geral das produções científicas

No tocante à localidade, foram realizados no Sul e Sudeste, não sendo encontrada nenhuma publicação no Norte e Nordeste do País. Dentre esses trabalhos, destacam-se as produções de Livia Toledo, que tem um histórico de

<sup>3</sup>As variadas nomenclaturas que fazem referência as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres presentes na tabela é resultante da dificuldade de encontrar trabalhos. De tal modo, que foi necessário expandir a busca por diversos termos para encontrar pesquisas com esse público em cidades pequenas e/ou contextos rurais.

pesquisas sobre lesbianidades em cidade do interior de São Paulo. As pesquisas dela serviram como estímulo ao anseio de outras pesquisas sobre a temática.

Um aspecto importante é o número de habitantes das cidades que as pesquisas foram realizadas. Caxias do Sul apresenta uma população com mais de 435 mil habitantes e Assis tem aproximadamente 95 mil habitantes. Sendo que a cidade de Assis se aproxima mais da realidade populacional do território que será realizada essa pesquisa, já que a cidade possui uma população de cerca de 80 mil habitantes (CENSO, 2010).

Com relação à produção em formato de artigo, o primeiro traz **as experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres** (PALMA, et.al, 2010). Neste artigo, considerando a nomenclatura, as autoras realizaram entrevistas com mulheres que se identificam como lésbicas e residem em Porto Alegre (Capital) e Caxias do Sul (interior). Este trabalho se deu a partir da união de outros dois trabalhos, e se faz importante destacar que não objetivava a “comparação” entre os diferentes contextos e sim trazer os pontos observados sobre o tema em cada local.

O segundo artigo fala das **Vivências pessoais e familiares de homossexualidade feminina, foi realizado apenas na Cidade de Caxias – RS** e tinha como objetivo conhecer como havia se dado a descoberta da sexualidade e o processo de conhecimento da orientação sexual por parte de familiares (PALMA, LEVANDOWSKI, 2008). O contexto em que se situa esse trabalho é a Cidade de Caxias do Sul, considerada cidade de médio porte por abrigar mais de 400 mil habitantes (CENSO, 2010) e faz correlação entre essa realidade e a da Capital do Estado.

As três publicações a seguir foram realizadas em Assis – SP, um município de aproximadamente 95 mil habitantes (CENSO, 2010). Foram trabalhos ligados ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Estadual de Paulista, situada nessa cidade.

A primeira publicação se caracteriza como uma dissertação de mestrado, que tem como título: **Entre elas: cartografias dos devires amorosos**, de Marli Lima. Objetivou apresentar relacionamentos amorosos entre mulheres em uma cidade de médio porte, com o intuito de mostrar como as mulheres resistem e se reinventam diante do padrão heterossexual. O que mais chamou atenção nessa pesquisa foi à

autora ter enfatizado o desejo de focar nas criações, ao invés das normas e imposições.

Na dissertação de Livia Toledo (2008), que tem como título: **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**, a autora aponta algumas discussões sobre lesbianidades, estigmas e preconceito. Nesta, a autora destinou-se a investigar como os processos de estigmatização a respeito das lesbianidades atravessam a vida de mulheres lésbicas. Além disso, aponta a invisibilidade histórica das vivências das mulheres que fazem sexo com mulheres e interliga com aspectos como heterossexualidade compulsória e machismo. Apresenta ainda aspectos da cultura e atravessamentos nos modos de subjetivação, assim como apresenta as estratégias de poder disciplinar das instituições, exemplificando com a religiosidade presente nas cidades menores, principalmente as católicas e evangélicas.

E por fim, a tese **“SERÁ QUE EU TÔ GOSTANDO DE MULHER?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**, Livia Toledo (2013) teve como objetivos apresentar os mecanismos de imposição da heteronormatividade, investigar o modo como às formas hegemônicas dos códigos morais são vivenciadas pelas dissidentes e como articulam desejo, (in)visibilidade e processos de exclusão. A autora apresenta o quanto à implantação da Universidade, na região que foi realizada a pesquisa, pode proporcionar maior abertura para os debates sobre a diversidade sexual, pois possibilita o trânsito de pessoas de outras culturas e favorece trocas e novas reflexões. Discorre ainda sobre a dificuldade com a personalidade, onde os dissidentes são identificados facilmente e tornam-se alvo de discriminações. Sob essa lógica, os dissidentes também permaneceriam mais acanhados quanto a expressão afetiva e/ou erótica.

### **2.1.2 Como as produções científicas descrevem as interlocutoras?**

Nos artigos (PALMA, et.al, 2010; PALMA, LEVANDOWSKI, 2008) as mulheres foram identificadas como lésbicas, porém não foi apresentada uma

discussão maior acerca disso. Marli Lima (2008) e Livia Toledo (2008; 2013) descrevem que estão discutindo sobre mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres, entretanto enfatizam que não objetivam trabalhar com a noção de identidade.

Quanto à nomenclatura que as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres se reconhecem são diversos: lésbica, sapatão, entendida, entre outras. Sintetizando, quanto às auto classificações não existe um consenso, porém é um aspecto importante e deve ser discutido por questões epistemológicas (MARQUES, OLIVEIRA, NOGUEIRA, 2013).

Ainda sobre esse ponto, se faz necessário fazer algumas ressalvas. Quando o presente trabalho estava sendo construído, muitos questionamentos surgiram quanto à nomenclatura que seria adotada para caracterizar as interlocutoras e nos esbarramos em algumas questões. Primeiro, na busca da bibliografia, foi utilizado diversos termos para alcançar a maior diversidade possível de trabalhos sobre as mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres, utilizamos: homossexualidade feminina, lésbica, Mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) e sapatão.

Falando de cada termo em particular, discorremos sobre as problematizações e incompletudes. Foi através do termo homossexualidade feminina, que foi possível encontrar uma maior gama de produção da temática (seguido por lésbica). O termo “homossexual” é regulamente utilizado nos debates políticos, no intuito de abarcar vivências de homens e mulheres homossexuais, entretanto a literatura ressalta que as demandas femininas permanecem em segundo plano, sentindo-se não contempladas com tal nomeação. Esse apagamento acaba sendo reforçado pelas artimanhas e manutenção do machismo e patriarcado.

Através da nomenclatura lésbica, foi possível maior amplitude de assuntos (conjugalidades, sociabilidades, relações familiares, maternidade). Entretanto, no dia a dia é uma nomenclatura que ainda está associada ao preconceito; além disso, ter experiências com mulheres por si só não resulta em uma identidade exclusivamente lésbica, como também o desejo pode não resultar em práticas sexuais (MARQUES, OLIVEIRA, NOGUEIRA, 2013).

As nomenclaturas lésbica e homossexual estão estritamente ligadas aos movimentos de libertação sexual, como também a noção de identidade. Sabe-se que existe uma valorização da identidade lésbica por fortalecer o Movimento Lésbico

e suas lutas, principalmente por proporcionar representatividade para cobrança de direitos e políticas. Destaco a importância dos movimentos, principalmente por seu papel de proporcionar a reflexão sobre as sexualidades não normativas e a outros fatores que estão interligados nesses debates.

A Identidade é rotineiramente colocada como imutável, apesar da flexibilidade possível a outros tipos de identidade, como a profissional, por exemplo. Esta só é aceita quando é culturalmente inteligível, isto é, precisará apresentar uma linearidade entre sexo/gênero/desejo, reforçando a coerência e continuidade necessária para controlar e/ou (des)patologizar os corpos. É a matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2015).

A linearidade entre sexo, gênero e identidade é reforçada pelo modelo biomédico e fundamentada em ideias essencialistas, que se baseia na naturalização e estruturação dos gêneros e reforça as relações de poder. Consequentemente, serve para sustentar uma lógica de discriminação e violência para mulheres e sujeitos que não se percebem dentro desses padrões tão rígidos, algumas vezes, e fazem resistência à norma.

Assim, é importante reforçar que a mutabilidade característica da identidade se perpetua para as identidades de gênero e sexualidade (LOURO, 1997), entre outras. E a partir do momento que se repensa os gêneros e os padrões para eles estabelecidos, questiona-se também a concepção de identidade, principalmente se estiver associada à ideia de natural/ essência.

Porém, cobra-se uma definição quanto a sexualidade para poder determinar uma regularidade e racionalidade nas práticas e consequentemente definir o modo de vida dos sujeitos. Assentando-os na ordem da moral. Essa realidade não é diferente para as mulheres que tem relacionamento afetivo-sexual com mulheres, daí a importância da compreensão a partir da noção de identidades fluídas. Coloca-se a necessidade de compreender a sexualidade para além da ideia de identidade, já que as pessoas podem transitar em diferentes experiências de sexualidade (BARBOSA, KOYAMA, 2006; TOLEDO, 2008).

Isso se relaciona com a afirmação de Cláudia Mora e Simone Monteiro (2013), que chamam atenção para o fato das políticas atuais do País estarem arraigadas a identidade sexual, muitas vezes desconsiderando outros fatores sócio-históricos que estão interligados com a sexualidade (BARBOSA, FACCHINI, 2009).

O termo Mulheres que fazem sexo com mulheres é amplamente utilizado pelas pesquisas na área da saúde, como também é utilizado para nomear mulheres que não se percebem dentro das categorias políticas direcionadas a sexualidade. E por mais que faça referência diretamente a apenas um aspecto, práticas homossexuais, é uma maneira de não fixar nas questões identitárias.

As expressões sapatão e caminhoneira são constantemente utilizadas no cotidiano, contudo o impacto dessa expressão dependerá do contexto e de quem verbaliza. Normalmente, essas expressões podem ser utilizadas com o intuito de dirigir-se de forma hostil e violenta as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres. Porém, em alguns momentos e contextos, sua verbalização é autorizada, como por exemplo, nas relações de intimidade e proximidade entre mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres, possibilitando a ressignificação.

Frisamos a compreensão da dificuldade de se “auto classificar” com relação à sexualidade, pois segundo Valadão e Gomes (2011) possivelmente por medo de violência, destacando a psicológica, algumas mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres não queiram ser reconhecidas, para assim minimizar a exposição à violência. Porém, o silêncio dessas existências pode trazer impactos negativos tanto no nível pessoal quanto coletivo. Já que as demandas dessas mulheres ficam invisibilizadas e as restrições vivenciadas podem impactar negativamente na sua vida. Por esses fatores elencados, escolhi utilizar “mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres” durante esse trabalho.

Desse modo, não temos como objetivo categorizar as sexualidades e/ou chegar a um consenso quanto a que termo utilizar. Isso, por compreender que cobra-se uma definição quanto à sexualidade para poder determinar uma regularidade e racionalidade nas práticas e conseqüentemente definir o modo de vida dos sujeitos. Assentando-os na ordem da moral.

### **2.1.3 Com relação aos contextos, o que se diz? Quais são as dificuldades? E as reinvenções?**

Começando pelo momento de descoberta, as interlocutoras colocaram que foi durante a infância e adolescência que tiveram algum contato mais íntimo com outra

menina (mesmo que fosse através das brincadeiras) e que por mais que não tivesse claro o porquê da proibição era perceptível que aqueles comportamentos deveriam acontecer e se manter em segredo. Confirmavam tal percepção quando algum adulto colocava que não podiam brincar de modo tão próximo. Assim, seguiam a linha de raciocínio de que estavam fazendo algo errado ou proibido, raciocínio esse que se perpetuava na adolescência ou quando adulta, proporcionando a negação e/ou dificuldade de assumir o desejo de vivenciar uma sexualidade dissidente (LIMA, 2008; TOLEDO, 2013).

À medida que foram crescendo, obtiveram confirmação do desejo por mulheres, entretanto, não reconheciam outros dissidentes sexuais nos espaços que conviviam, seja na família, escola ou mídia. Algumas destacaram que conseguiram encontrar pessoas com essas vivências através de times de futebol feminino. Entretanto, até conseguir intimidade para que os pares conseguissem assumir a sua sexualidade, as lésbicas vivenciavam questionamentos como: “será que sou a única?”; chegando muitas vezes a se interrogarem o que havia de “errado” ou se estariam “doentes”, por não presenciar pessoas vivendo o mesmo desejo (LIMA, 2008; TOLEDO, 2008; 2013).

Percebe-se, assim, o reflexo da invisibilidade. À medida que essas vivências são silenciadas, promove-se o apagamento e um movimento de maior adequação e controle sobre as lésbicas. Isso resulta em sofrimento psíquico por acreditarem que algo estaria errado ou por crerem que eram as únicas com esse desejo (LIMA, 2008; TOLEDO, 2008; 2013).

Ainda sobre a invisibilidade, Marli Lima (2008, p.120) colocou que as lésbicas ao não se assumirem para os pais podem está utilizando uma estratégia para evitar conflitos e tensões, assim como só demonstram afeto e carinho entre pares em lugares restritos. Como também optam por revelar apenas as pessoas que possuem muita intimidade e confiança. O que a autora denomina como Política do tipo “você não me conta, eu não te pergunto”.

As pessoas com que essas mulheres compartilham ou não experiências sobre sua sexualidade dissidente é um aspecto importante a ser considerado, pois, as participantes colocaram que avaliam bem para quem vão contar, já que, como vivem em uma cidade pequena, contar para uma pessoa “errada” pode colocar em risco o seu segredo. E muitas entrevistadas colocaram que mesmo quando já

assumiram para suas famílias, muitas vezes só contam sobre a homossexualidade quando perguntado diretamente.

Lívia Toledo (2013) colocou, com relação a esses aspectos, que as participantes expressaram que a família das lésbicas de maior idade preferiam silenciar sobre essa vivência de modo que “o que não é dito, não existe”. Entretanto entre as lésbicas mais jovens, estava presente o embate e também o questionamento sobre a sexualidade, invalidando essa forma de se relacionar. As lésbicas também colocaram que uma das maneiras de lidar com a estigmatização e preconceito era permanecer na clandestinidade e manter o segredo, ou expor abertamente sobre sua sexualidade e manter uma postura mais combativa frente às manifestações preconceituosas.

Quanto à localidade, pontuam que por mais que as cidades sejam interioranas e de espaço geográfico restrito, existem cidades vizinhas um pouco maiores que proporcionam um espaço para vivência da sexualidade. Destacam que por mais que Assis (cidade onde as pesquisas de pós-graduação foram realizadas) seja considerada uma cidade pequena, ainda é o território que acolhe as dissidentes oriundas de cidades ainda menores. Essa cidade acaba sendo também para onde migram para investir em um Ensino Superior e ficarem mais autônomas da família. A partir desse movimento, as mesmas saem da tutela dos pais podendo ter outras experiências. Toledo (2013) traz que assim ficam invisíveis quanto à sexualidade para a família, pois podem ficar conhecidas como lésbicas em Assis, mas não na sua cidade de origem.

Um dos aspectos presentes em cidades pequenas é a pessoalidade, que foi pontuado pelas entrevistadas como algo que dificulta a vivência da sexualidade dissidente, pois todos se conhecem e boa parte da população é família. Além disso, quando pessoas próximas suspeitavam da dissidência, faziam piadas não direcionadas e quando tinham a confirmação exerciam mecanismos de homofobia mais diretos.

Lívia Toledo (2013) coloca que “o meio”, que pode ser desde espaço físico a grupo, ao mesmo tempo em que promove encontros dissidentes, dá visibilidade as vivências, também é um lugar de acolhimento (reduzindo o desconforto quanto à sexualidade) e proteção das ameaças de quem discorda. Aspecto que, por outro lado, deixa essas mulheres mais restritas a alguns espaços, o que não promove a ocupação de outros, podendo gerar segregação e limitação.

Outro aspecto que foi colocado pelas lésbicas é a fofoca, que se percebe como um mecanismo de controle e adequação. Entretanto esse fator, não foi discutido detalhadamente nessas pesquisas. O que é importante pesquisar. Tendo como objetivo investigar como a lesbofobia interfere (in)diretamente nas relações de interconhecimento das lésbicas a ponto de muitas vezes permanecerem desassistidas de acolhimento, inclusive quanto as políticas.

As autoras puderam enfatizar que por mais que exista uma série de dificuldades, a resistência à norma da heterossexualidade pelas lésbicas acontece cotidianamente. Marli Lima (2008) e Livia Toledo (2008; 2013) enfatiza que o vigor do desejo instiga essas mulheres a reinventar formas de lidar com as relações. Marli Lima (2008) enfatiza a potência da solidariedade entre mulheres mesmo quando suas relações acabaram. Coloca também que as lésbicas estão reinventando e buscando novas formas de se relacionar de modo a negar a reprodução do “modelo de relacionamento heterossexual”, que como afirma a autora está atrelada a uma concepção capitalista.

As lésbicas apresentaram que se permitir para a vivência da lesbianidade é algo muito potencializador, pois assumir a sexualidade dissidente possibilitou uma transformação de vida. Acrescentaram ainda que negar a sexualidade era viver na escuridão e que se sentiam muito bem por serem aceitas mesmo que em pequenos grupos (LIMA, 2008). Elas não precisavam necessariamente ser aceitas em todos os lugares, mas precisariam ser respeitadas.

## 2.2 QUAIS SÃO AS ESPECIFICAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS PARA COMPREENSÃO DA PROBLEMÁTICA?

Ainda destacando o que a literatura apresenta, Thiago Oliveira e Silvana Nascimento (2016) enfatizam que em contextos urbanos maiores, é presente no imaginário social, que é possível vivenciar experiências de sexualidade de forma mais descomprometida de amarras sociais. Entretanto, permanecer na cidade de origem pode gerar uma relação tensa entre anonimato e pessoalidade, aspectos que os sujeitos precisam estar em constante processo de negociação (PASSAMANI, 2015).

A personalidade presente no território se dá porque as pessoas se conhecem e interagem com mais familiaridade, demarcando as relações sociais e intensificando o controle. Além da família enquanto instituição que utiliza dispositivos de controle, ainda se faz necessário lidar com a vizinhança, esta denominada como lugar, aqui é percebida também como espaço de lazer e encontros (SILVA, 2000).

Joseli Silva (2000) também aponta que o território remete fatos e tradições, como os festejos religiosos, por causa disso tem-se a impressão de não haver mudanças mesmo com o passar dos anos. Associando a percepção de estagnação, regularidade e pouco progresso nessas áreas; e demarcando a diferença das metrópoles e grandes cidades.

Porém, isso não impossibilita que as experiências em cidades pequenas e/ ou rurais deixem de acontecer e as pessoas utilizem estratégias para “camuflar” as sexualidades dissidentes justamente pelas próprias características do território. Diante disso, questionam-se as peculiaridades dessa relação:

Quais as estratégias do desejo para adquirir matérias de expressão num território marcado pela vigilância e pela personalidade das relações? Como sujeitos que se autodenominam homens homossexuais estilizam a própria existência a fim de torná-la habitável, mesmo diante da impossibilidade instituída de poder expressar seus afetos? A homofobia é capaz de capturar totalmente o desejo, ou é possível encontrar brechas e fissuras, por onde ele flui e se expressa? (SANTOS; TEIXEIRA FILHO, 2014, p. 181).

Guilherme Passamani (2015) cita que discorrer sobre homossexualidade e cidades pequenas é compreender sobre como a disciplina, vigilância, controle e enquadramento refletem nas vivências e a repercute na constituição subjetiva. Já que o interior é um espaço privilegiado para perceber a ação dos dispositivos disciplinares e é o local em que as instituições (como escola, igreja, família) mantêm sua força discursiva e disciplinar.

Outros autores acrescentam que o silêncio em torno da homossexualidade é uma prática discursiva, no qual destina o lugar de invisibilidade e clandestinidade para tais relacionamentos, que por meio das interações sociais são atribuídos múltiplos significados à homossexualidade e isso reflete nas relações e na constituição enquanto sujeitos. A vivência homossexual no contexto de interior por si só é um ato de resistência, embora ainda permaneça na invisibilidade (FERREIRA; BARBOSA, 2014).

A dificuldade por si só não se resume em contrapor o instituído, mas as consequências e o sofrimento de fazer resistência, já que o grupo social pressiona pelo cumprimento da norma e ser visto como desviante causa impacto direto nos laços de convivência. Trava-se aí o conflito entre o reconhecimento social da coletividade e transgressão das regras sociais (SILVA, 2000).

Outro aspecto de extrema relevância é constante diálogo das cidades pequenas com aspectos de ruralidade. Levando a me questionar, até onde é possível considerar um contexto rural e urbano, o que separa, o que define? Quando pensamos em rural, associamos uma visão bucólica do espaço, que está atrelado a passividade, calma, o contato com a natureza e poucas intervenções urbanísticas. É uma visão bem infantil, que aprendemos na escola a diferenciar que os prédios, as ruas asfaltadas, um intenso fluxo de pessoas caracteriza um ambiente urbano e a presença da agricultura e animais é uma referência constante a ruralidades.

Quebrando um pouco desses paradigmas, podemos pensar como nas cidades pequenas estamos constantemente negociando com ruralidades e urbanidades e que esse diálogo é frequente e mais próximo do que conseguimos nos dá conta diante da rotina cotidiana.

De tal modo, é preciso trazer a discussão em torno das ruralidades e os novos arranjos familiares. Barduni Filho et. al. (2010) descreve que a transformação nos contextos rurais tem possibilitado um debate anteriormente silenciado. Os autores destacam que é necessário repensar sobre esse rural que ficou por muito tempo aprisionado no antagonismo com o urbano. Colocam que os contextos rurais estão mais próximos dos centros urbanos e que não permaneceram estáveis e estagnados como muitas vezes são retratados.

Com a modernização das relações de trabalho e a interferência do Estado nas produções agrícolas provocadas pelo novo cenário econômico mundial, as famílias tendem a buscar novas formas de sustento, que anteriormente se restringia a agrícola. Esse processo desencadeou uma fragilidade na tríade terra/família/herança, no qual os papéis dos membros da família puderam se modificar no sentido de reafirmar ou rejeitar os valores constituídos anteriormente (idem, 2010).

Os autores colocam que o desenvolvimento dos membros de uma família depende do sistema social que está inserido e da propagação dos papéis instituídos

que são repassados de geração em geração. Assim, o indivíduo se constitui a partir das construções concebidas no seu grupo familiar e no externo (idem, 2010).

No caso dos contextos rurais, se faz importante apresentar a importância da relação da família com sua comunidade. Relações fortemente marcadas pela afetividade, amizade, respeitabilidade assim como a moralidade; aspectos estes que irão conjugar com os objetivos da comunidade como um todo. Com isso, a família dentro desse contexto deve manter a boa reputação de seus membros, pois a avaliação negativa recai sobre todo grupo familiar. Esse aspecto serve como sistema de valor para qualificar o capital social da família, além de transmitir para as gerações seguintes (idem, 2010).

Assim, as famílias estariam marcadas pelos conflitos entre o Nós e o Eu, em que os membros devem controlar seus desejos e construir relações moralmente valorizadas para não macular a respeitabilidade da família. E o respeito é uma categoria significativa no meio rural (idem, 2010).

Os debates sobre a sexualidade em contextos rurais ainda permanecem muito focados na reprodução e constituição da família, porém pouco se fala nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Ferreira (2008) traz a reflexão se é possível refletir sobre a sexualidade dos sujeitos camponeses sem que esta esteja atrelada a tríade Deus-Homem-Natureza, já que o foco permanece em pensar que o homem camponês tem um corpo casto, ligado ao trabalho (próprio suor), família e patrimônio terra. E que sua libido estará majoritariamente voltada para reprodução da espécie.

E por mais que os movimentos sociais tenham impulsionado uma maior aceitação em torno da libertação sexual, é relevante pensar como se dá as redes sociais de apoio as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres nas cidades pequenas e em contextos rurais.

O que se pode afirmar, é que independente das exigências e controle disciplinador sobre esses sujeitos nas cidades pequenas, os mesmos produzem “invenções de territorialidade e sociabilidade” para dar passagem a afetos e desejos. Porém, também vivem constantes movimentos de resistência quando decidem assumir e optam por não resignar as imposições normativas (SANTOS; TEIXEIRA FILHO, 2014).

Considerando o que foi apresentado acima, a pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a vivência das relações afetivo-sexuais entre mulheres e

locais com espaço geográfico reduzido, enfatizando as estratégias de resistência a heterossexualidade compulsória.

Esta pesquisa tem sua importância por discutir a sexualidade de mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres em uma cidade interiorana e refletir como esses aspectos atravessam a subjetividade, objetivando facilitar um novo posicionamento no contexto social em que vivem. Através dos questionamentos levantados, pretende-se semear a possibilidade de empoderamento, ressignificações de vivências e, ainda, provocar para que a temática saia da invisibilidade dentro do município, proporcionando qualidade de vida a esse público.

E tem relevância por se apresentar como um tema incipiente no campo científico, já que pouquíssimas pesquisas foram encontradas sobre a temática e assim provocar para que a temática saia da invisibilidade, proporcionando qualidade de vida a esse público. Como também é importante discutir a sexualidade de mulheres que faz sexo com mulheres em uma cidade interiorana e refletir como esses aspectos atravessam a subjetividade, objetivando facilitar um novo posicionamento no contexto social em que vivem. Além disso, poder apresentar quais são as reinvenções das mulheres diante das regulações e as formas de resistência à norma.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE CONSTITUÍRAM ESSA PESQUISA

A presente pesquisa destinou-se a investigar as estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizada por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres na cidade de Serra Talhada. Especificamente, delinear as concepções atribuídas à sexualidade e à homossexualidade feminina nas relações sociais por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres; descrever como se configuram as interações afetivo-sexuais entre mulheres na cidade; identificar os mecanismos de regulação da sexualidade e analisar as estratégias de resistência à norma utilizada pelas mulheres.

Diante disso, acessou-se as narrativas de mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres, através do Método Biográfico, pois assim, foi possível reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva da história das informantes (BUENO, 2002), bem como conhecer as negociações que elas estabelecem com o território. Para alcançar os objetivos a que essa pesquisa se propôs, o trabalho de campo foi realizado na cidade de Serra Talhada e deu-se por meio de entrevistas. Nestas, utilizou-se um roteiro com enfoque biográfico, que objetivou a reconstituição da história de vida afetivo-sexual das interlocutoras (RIOS, 2004).

Com relação à seleção das participantes, a pesquisa teve como critérios de inclusão mulheres com experiências afetivo-sexuais com mulheres, com idade entre 18 e 30 anos que residam em Serra Talhada, pois é importante considerar os aspectos geracionais e suas múltiplas interfaces. Assim, quanto aos critérios de exclusão, não foram incluídas mulheres com idade inferior a 18 anos e acima de 30 anos e que não residam em Serra Talhada.

Inicialmente, foi realizado contato com mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres dos vínculos de proximidade da pesquisadora. Para selecionar as participantes foi utilizada a amostragem por bola de neve (Snowball Sampling) (VINUTO, 2014), tendo em vista que a pesquisa aconteceu em um município onde a temática ainda permanece na invisibilidade, facilitando o encontro da pesquisadora com as interlocutoras privilegiadas.

Em relação à quantidade de informantes, foram realizadas entrevistas com 9 (nove) mulheres. E foi utilizada a ferramenta de amostragem por saturação, assim,

com essa quantidade de interlocutoras, foi possível responder aos objetivos da pesquisa (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Também foi utilizada a observação participante com intuito de descrever como é Serra Talhada como local de pesquisa, o que auxiliou com a contextualização das narrativas apresentadas. Como afirma Uwe Flick (2004), através desse método é facilitado aos pesquisadores acessar os espaços e pessoas que podem contribuir com a pesquisa, assim como acessar redes de sociabilidade de mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres anteriormente não acessadas. Os dados produzidos a partir da observação foram registrados no diário de campo e analisados conjuntamente com as entrevistas das interlocutoras.

Após a coleta de dados, foi realizada a transcrição das entrevistas e análise dos dados. Com relação à metodologia de análise de dados, foi realizada a análise temática dos dados, que, como descreve Gibbs (2009), parte da leitura do material e em seguida agrupamento das ideias temáticas e questões estruturais que aparecem nas narrativas.

Esta pesquisa foi realizada de acordo com as normas da Resolução Nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFPE.

### 3.1. CONTEXTO

Acredito que antes de dar continuidade aos debates sobre as mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres e as negociações realizadas pelas mesmas diante da heterossexualidade compulsória, se faz necessário apresentar o campo que esta pesquisa foi executada.

Toda a minha trajetória de vida se deu em cidades interioranas, sertanejas, de pequeno e médio porte, esse contexto sempre me proporcionou acolhimento e por onde andei sempre reforcei e apresentei de onde vim por considerar de extrema importância na constituição de quem sou hoje. E foi em um dos encontros e desencontros proporcionados por esses territórios que essa pesquisa foi inspirada.

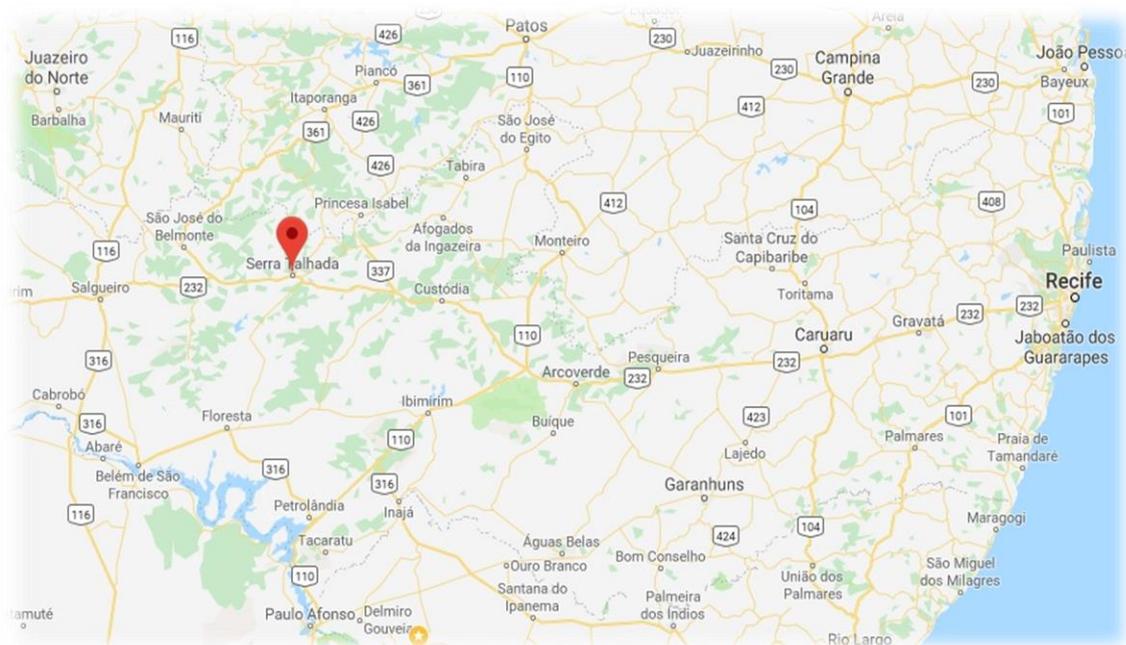
Nasci e cresci na Região do Vale do São Francisco, mais especificamente em Petrolina - PE. Entretanto, buscando encontrar estabilidade como forma de exercer a Psicologia, decidi começar a fazer concursos públicos enquanto ainda estava na

faculdade. Um dos primeiros concursos que prestei foi em Serra Talhada, local onde constituí o meu lar.

Para falar especificamente da cidade em questão, Serra Talhada<sup>4</sup> é uma cidade com 79.232 habitantes e que fica localizada no Sertão do Pajeú, a 416km de distância de Recife (Capital do Estado) e a 350km de Petrolina (divisa do Estado com Bahia). Esse sempre foi um referencial muito importante para que me habituasse com a cidade, já que podia circular facilmente entre dois lugares que me proporcionava bons espaços de sociabilidade e sem a preocupação com as amarras profissionais que exigia residir em Serra Talhada.

Serra Talhada é conhecida por trânsitos facilitados para o acesso ao Ensino Superior, mas também é uma referência quanto espaços de sociabilidade juvenil, principalmente homoeróticos para os dissidentes de cidades circunvizinhas. Além disso, possui um trânsito facilitado para habitantes de outros Estados, como a Paraíba (distância de 55,2 km) e Ceará (289 km).

Figura 1: Serra Talhada e cidades circunvizinhas.



**Fonte:** Google Maps, 2018

Com relação ao Ensino Superior, são ofertadas vagas para cursos de diversas áreas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade de Pernambuco (UPE), Instituto Federal (IF- Sertão – PE), Autarquia

<sup>4</sup>De acordo com o último censo do IBGE

de Ensino Superior de Serra Talhada (AESET), além de uma ampla gama de faculdades particulares. Inclusive, muitas pessoas se deslocam de cidades circunvizinhas todos os dias para conseguir cursar o Ensino Superior. Com isso, a cidade se tornou um polo educacional para a Região.

Serra Talhada está localizado no Sertão Pernambucano, mais especificamente no Sertão do Pajeú. E com isso garante as especificações, características e tradições do Sertão, onde o Sertanejo é visto como valente, forte e que precisa de destreza para lidar com as impossibilidades diante da estiagem. Entretanto, por mais que as cidades sertanejas tenham avançado em sua urbanização permanece o simbolismo e os traquejos de um contexto rural, com forte religiosidade e relações de poder.

Quanto às representações sobre o sertanejo, são rotineiramente associadas à dependência e subserviência ao sistema coronelista, porém também ligada à valentia para almejar a sobrevivência diante de tantas impossibilidades naturais (seca). Sim, tudo isso no masculino! Pois no imaginário social, são lugares percebidos e pelo tradicionalismo e patriarcado.

Essa presença masculina e a autoridade que lhe é atribuída é representada fortemente pela história do Cangaceiro Lampião. Registrado com o nome Virgulino Ferreira da Silva e nascido em Serra Talhada, teve a sua história marcada por fortes relações de poder, que se resumiam em vinganças em busca de honra.

Lampião, que é visto de modo ambivalente (herói ou bandido) pelos habitantes da Cidade, mesmo assim permanece sendo homenageado em vários locais do município que têm referência ao cangaço e a sua biografia. São conhecidos nacionalmente por suas histórias de violência e vingança que em busca de honra se perpetuou muitas mortes. Assim, perpetuou-se a representação da violência como uma forma de afirmação de poder.

Sobre as mulheres e o cangaço pouco se fala. O que é colocado é referente a sua entrada para o cangaço, muitas foram sequestradas, e a questão da maternidade, pois não podiam permanecer com seus filhos, destinando seus cuidados a familiares e amigos.

Poder de decidir, poder de decidir pela vida ou morte do outro, sobre os corpos das mulheres. Aonde o bando chegava não havia muitas opções para aqueles que ali residiam a não ser travar guerras para manter seus desejos ou ceder aos ensejos do bando. E ao que a literatura remota que se iniciou a briga de famílias

vizinhas se tornou uma disputa de poder marcada por muito sangue que ficou conhecido nacionalmente. Além da marca da violência, o Cangaço faz referências a várias formas de cultura e arte, como a dança/ritmo Xaxado e os cordéis.

Com todos esses simbolismos, à medida que fui me instalando, pude conhecer pessoas, seus costumes, a rotina da cidade, assim como a honra e desafetos de seus habitantes. Nessa cidade alguns costumes nunca perdem seu sentido. Um dos maiores eventos festivos da cidade é a Festa de Nossa Senhora da Penha, conhecida também como a Festa de Setembro, que se dá em comemoração ao aniversário da Padroeira da Cidade (Nossa Senhora da Penha) e é o período em que muitos dos que estão residindo fora da cidade (por motivos de trabalho ou estudos) retornam para encontrar e festejar com seus familiares. A cidade fica fervorosa e se desenvolve um momento de saudosismo para aqueles que já puderam participar nos anos anteriores e continua sendo perpetuado pelos mais jovens que ali nasceram.

A cidade ainda mantém algumas festividades como as Pegas de boi e corrida de jegue – eventos festivos tradicionais são organizados como forma de movimentar a economia local – eventos que são organizados em locais na área rural da cidade. Nesses eventos há disputas esportivas, onde desempenham as atividades com o uso de animais (boi e jegue) e sempre regado ao som do forró ou música sertaneja, como também de uso de bebidas alcoólicas. Cultura como forma de lazer. Eventos em outras cidades próximas também são frequentadas pelos moradores de Serra Talhada, como a festa dos estudantes em Triunfo, a festa de Nazaré do Pico, entre outras.

Serra Talhada foi também escolhida, apesar de ser maior do que as suas circunvizinhas, devido a facilidade de acesso as interlocutoras, assim como de deslocamento para a pesquisadora. Por também ter a ciência que muitos dos jovens dessas cidades menores se deslocam para os espaços de sociabilidade em Serra Talhada, devido não ter muitas possibilidades em suas cidades de origem. Além disso, pela repercussão que a história de Lampião e do cangaço tem na cidade.

Com o intuito de obter mais informações sobre o território e como se dava as negociações das mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres foi realizada observação em alguns dos espaços informados pelas interlocutoras nas entrevistas. Vale salientar que essa observação não objetiva e não é totalmente isenta, já que esses espaços são também ocupados por mim, mesmo que não com

a mesma frequência que destacaram as entrevistadas. A concha acústica (Marco Zero da Cidade) e o estabelecimento Espaço Concha's foram destacados como importantes espaços de socialidade homoerótica.

A concha acústica de Serra Talhada fica localizada no Centro da cidade e foi o ponto de partida para a estruturação do Município. Está localizada em uma Praça, que se constitui basicamente por três espaços: 1) da Concha, onde tem um palco, e bancos para assistir os eventos promovidos lá. Na lateral do palco fica o Espaço Concha's; 2) tem uma estátua no meio da praça (demarcando o marco zero da cidade), com alguns bancos de madeira e árvores a sua volta e 3) a Igreja do Rosário, esta é bem pequena e por isso também tem um pátio espaçoso, que é utilizado para eventos e atividades ligada à igreja. Além disso, a praça funciona como uma espécie de rua larga, onde os estabelecimentos e casas permanecem do lado esquerdo e direito. Como demonstrado nas imagens<sup>5</sup> abaixo:

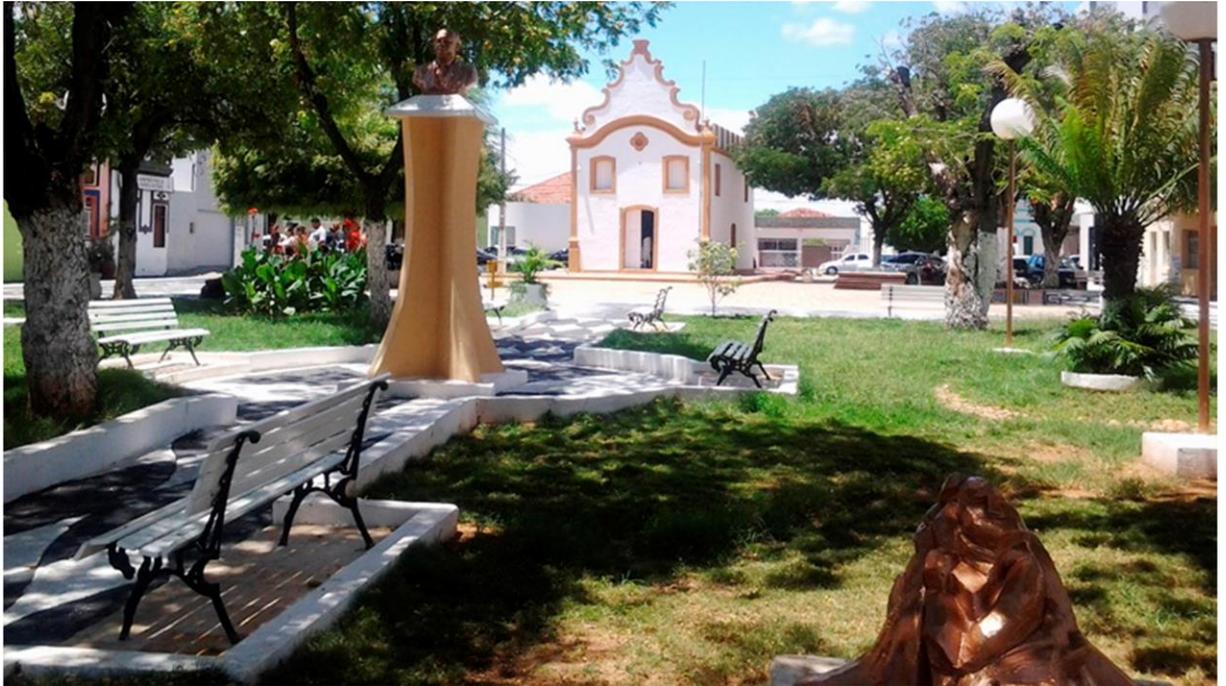
Figura 2: Palco da concha, do lado esquerdo se encontra o Bar Espaço Concha's



Fonte: Blog Farol de notícias, 2017.

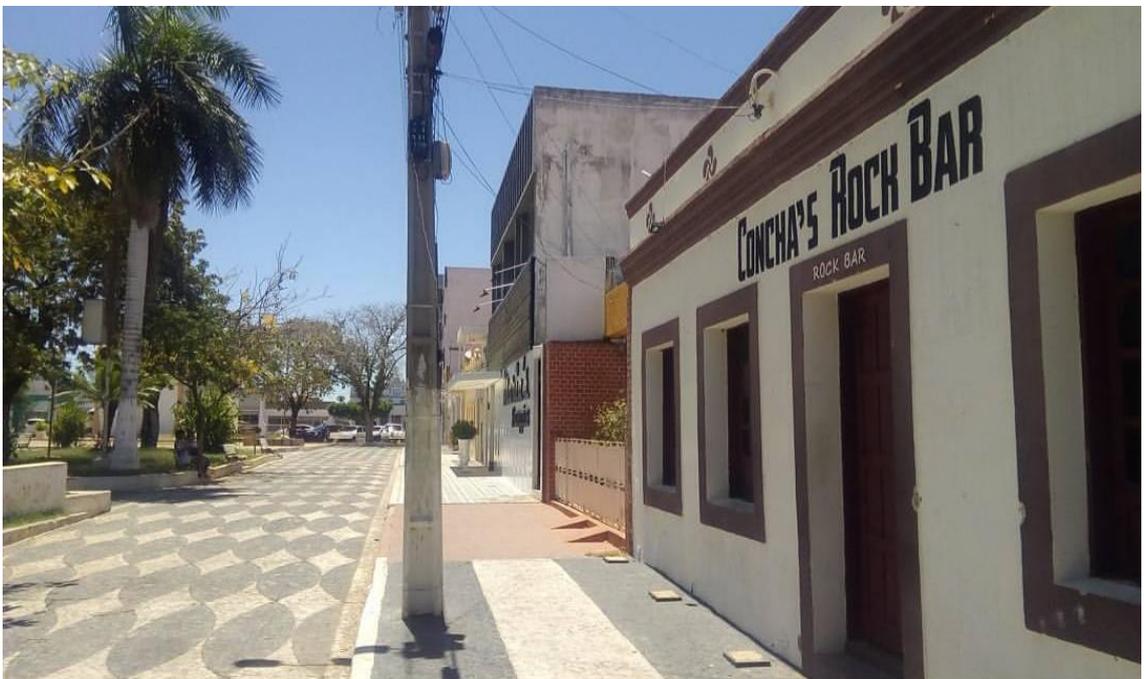
---

Figura 3: Parte central da Praça e ao fundo a Igreja do Rosário e seu pátio.



Fonte: Blog Farol de notícias, 2017.

Figura 4: Frente do Bar Espaço Concha's.



Fonte: Blog Farol de notícias, 2017.

Neste local, tem poucas residências habitadas principalmente por idosos, e, como também acontece com os estabelecimentos, coladas umas nas outras. Geralmente, nos fins de tarde e finais de semana, é possível encontrar crianças brincando com seus pais na frente da igreja, assim como idosos sentados em frente à suas casas. Já na parte noturna, outro público habita o espaço. Pessoas mais jovens ocupam a praça e reinventam o ambiente.

Quando essa pesquisa se iniciou havia pouco investimento na ocupação da Praça da Concha e até os estabelecimentos comerciais que ali se instalavam não perduravam por muito tempo, sejam eles voltados para o público LGBTQ+ ou não. A praça que é considerada um cartão postal da cidade, permanecia apenas com a sede da Banda Filarmônica Vilabelense, pois em 2016 a Casa do artesão havia fechado suas portas.

No ano 2016, O espaço Concha's<sup>6</sup> é instituído, onde anteriormente era instalada a Casa do artesão e tanto a praça quanto o estabelecimento começam a movimentar aquela localidade. Pude perceber que aqueles espaços, que também eram espaços de sociabilidade LGBTQ+, são abertos e acessíveis, entretanto é nítido como também são percebidos como associados a marginalidade, ilegalidade e para uso de drogas ilícitas.

Por volta de agosto e setembro de 2017, a população da cidade cobra as autoridades públicas no sentido que ocupassem aquele espaço, assim como encontrassem meios de proteger o que é o “cartão postal da cidade” para que não se instituisse como espaço para uso de drogas e vulnerabilidade, a Prefeitura retorna com o calendário de atividades culturais no local.

Diante disso, durante o processo de construção dessa dissertação busquei estar mais atenta as percepções que os moradores da cidade tinha com relação a esses espaços de sociabilidade LGBTQ+ ( Praça da Concha e ao estabelecimento Espaço's Conchas) e era muito constante que pessoas heterossexuais expressavam uma preocupação que seus filhos não tivessem frequentando tais locais, já que ouvia-se falar como um lugar onde o uso de drogas é facilitado. Algumas vezes me atrevia a questionar se já haviam frequentado os espaços e negavam essa possibilidade.

---

<sup>6</sup> Que inicialmente foi inaugurado com o nome Concha's Rock Bar.

Para os jovens, principalmente para os dissidentes de gênero e sexualidade, o Bar Espaço Concha's se tornou um símbolo de resistência, em que, no coração da cidade, é possível ter um lugar que possam se vestir do modo que acham conveniente e expressar seus afetos. O Concha's é um lugar de resistência, que tenta se manter de modo acolhedor as diversas possibilidades de existência, mas que também sofre com as mesmas dificuldades dos que ali frequentam, pois assim como o seu público, ainda não obtêm muita autonomia financeira. Para mim, era um espaço de representatividade e que tinha sua importância. Mas hoje percebo como um lugar de muito acolhimento e que passou a ter um sentido simbólico que foi constituído durante a construção da pesquisa.

E é por esses motivos, que se faz necessário compreender os atravessamentos da homossexualidade feminina no processo de subjetivação e a relação com aspectos da territorialidade.

### 3.2. COMO SE EFETIVOU A PESQUISA

À medida que fui circulando por esses espaços, pude ampliar minhas redes de sociabilidade. E foi assim que pude entrar em contato com vários homens gays e os mesmos impulsionavam visibilidade para suas vivências nas redes sociais. Isso muito me intrigava já que não se via ou sabia abertamente dessas posturas por parte das mulheres, o que havia eram especulações, ou mulheres que se pegavam quando haviam feito uso de álcool, mas o assunto não rendia conversas para além daquele momento. Só posteriormente, em espaços mais intimistas, pude conhecer mulheres que mantinham relacionamento afetivo-sexual com mulheres e foi na convivência com elas que surgiram os questionamentos que estruturam esse trabalho.

Foi em um encontro do Coletivo FUÁH<sup>7</sup> que o anseio por pesquisar sobre tal temática iniciou. Em um debate proporcionado pelo Coletivo FUÁH foi destacado a ausência das mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres, sendo colocado que naquele território era possível perceber que elas se mantinham distantes das discussões e permaneciam restritas ao privado ou a pequenos grupos.

---

<sup>7</sup> O Coletivo FUÁH foi criado na cidade de Serra Talhada com o intuito de proporcionar uma rede de apoio a mulheres e homens negros e proporcionar espaços de discussão contra o machismo, racismo e outras formas de opressão.

Essa colocação me instigou mais ainda a interrogar: como se posicionam as mulheres que rompem com a heterossexualidade compulsória em cidades pequenas/interioranas? Quais as estratégias utilizadas diante de um contexto de contradição e/ou aceitação das normas e posturas impostas por uma cultura regulamentadora? Quais são os sentidos construídos sobre essas relações?

Após a liberação do comitê de ética, iniciei a sistemática para encontrar as interlocutoras, que se deu da seguinte maneira: entrei em contato com algumas colaboradoras da minha rede de afinidade, que aqui serão nomeadas como interlocutoras-chaves. Vale destacar que no ato de recrutamento das interlocutoras não foi utilizado termos como: lésbica, homossexual, entre outros por ter sido identificado uma dificuldade inicial diante de uma possibilidade de exposição do seu segredo. Estas participaram das entrevistas e me apresentaram outras interlocutoras, até então desconhecidas na minha rede de contato. As interlocutoras-chaves dessa pesquisa foram: Canafístula, Flor-de-cera, Malva e Angico.

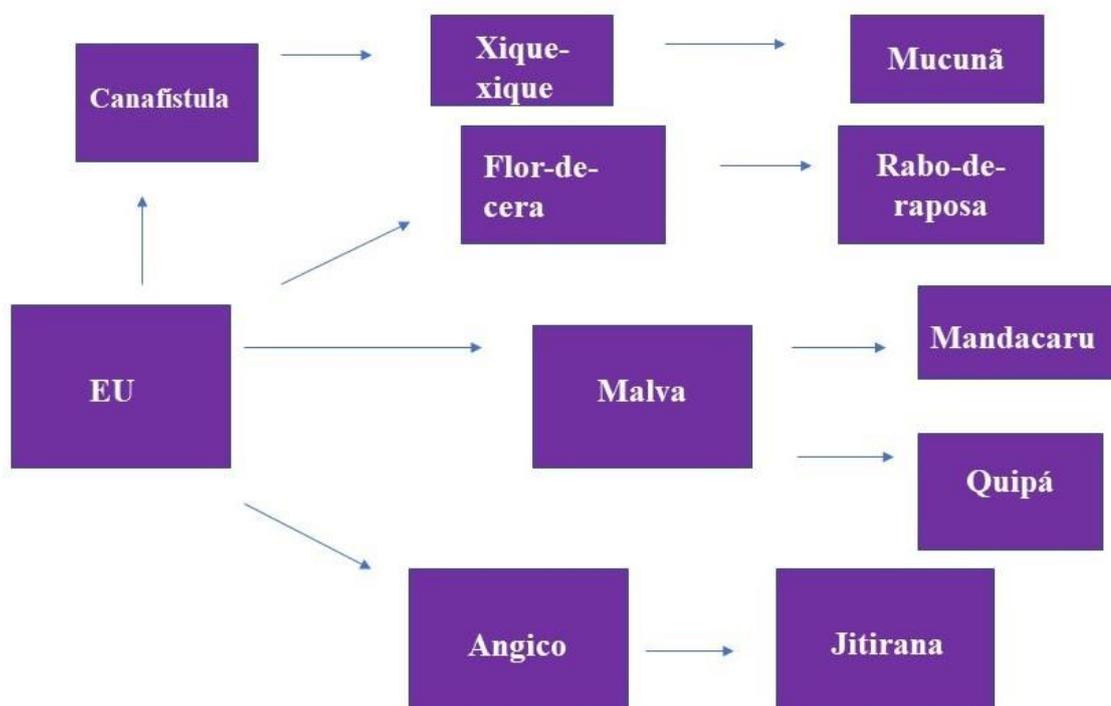
A escolha por essas interlocutoras se deu pelos seguintes aspectos: a primeira que entrei em contato foi Canafístula, foi escolhida por realizar pesquisas sobre gênero e sexualidade na região, onde podíamos discutir sobre essa pesquisa. Assim, a mesma se mostrou aberta a participar do processo, assim como indicar outras mulheres para serem entrevistadas. Entretanto, devido a desencontro de agendas não foi possível realizar a entrevista da mesma.

Flor-de-cera conheci em um debate sobre gênero e raça realizado pelo Coletivo FUÁH e através das redes sociais pude afinar o contato com a mesma. Nas suas redes sociais constantemente apresenta publicações que problematizam as normatizações de gênero e sexualidade e faz a reafirmação da sua identidade lésbica.

Malva havia conhecido assim que cheguei na cidade, através de um amigo em comum. Porém, como a mesma não morava em Serra Talhada naquele momento mantivemos o contato através das redes sociais e foi através dessa que soube que a mesma se relacionava com mulheres e que também pudemos manter o contato.

E Angico conheci em debates que acontecia na cidade e acabaram nos aproximando. A mesma sempre se mostrou como militante quando o debate é sobre negritude, feminismos e LGBT's. E por ter naturalidade em Serra Talhada, percebia que poderia trazer muitas informações sobre as negociações com o território.

Através do contato com as interlocutoras citadas acima, foi possível conhecer as outras mulheres que participaram da pesquisa. Como mostra a figura abaixo:



Quanto as entrevistas, antes de agendar o encontro com as mulheres era explicado os objetivos da pesquisa, geralmente através de contato telefônico e ia esclarecendo as possíveis dúvidas. Comumente nesse momento, as interlocutoras colocavam a impossibilidade de as entrevistas acontecerem em suas residências e isso se dava por diversos fatores, dentre eles: residir na casa dos pais e achar que o ambiente não ia favorecer a liberdade para relatar sua história.

Por isso, as entrevistas aconteceram na minha residência, evitando a exposição em locais públicos e garantindo a confidencialidade das entrevistas e entrevistadas. Foi solicitada a assinatura do Termo de consentimento Livre e Esclarecido as participantes e requerida autorização para o uso do gravador durante a entrevista. Assim como, as participantes foram informadas quanto o sigilo e anonimato que será garantido.

Foram esclarecidas quanto aos riscos da pesquisa, no sentido que as mesmas poderiam vir a se sentir constrangidas diante do gravador ou de se emocionar durante as narrativas; ainda assim, a pesquisadora responsável esteve

atenta aos riscos garantindo-lhes a possibilidade de solicitar a interrupção sem ônus em qualquer momento do processo.

### **3.2.1. Mas como foi, pra mim, construir essa pesquisa?**

Desde que pisei em Serra Talhada, os assuntos sobre gênero e sexualidade sempre me chamaram atenção, além do uso e abuso de drogas, cheguei no dia da “Parada Gay” da cidade e os comentários sobre esta estava na boca de todos, apesar de ainda ter uma repercussão de uma grande festa.

À medida que fui me inserido na cidade, pude ter contato com a experiência de vários dissidentes e sempre me chamou a atenção, como não havia me aproximado de tais vivências anteriormente. Mas isso foi se intensificando e foi se dando uma transição de um mundo hétero e “quadrado” em um mundo com outras possibilidades e um tanto mais colorido, com amores e sabores. As demandas no trabalho também se apresentavam dessa ordem e assim fui repensando práticas e cuidados.

Durante o processo de construção dessa pesquisa, várias conversas com mulheres que se relacionam com mulheres foram possíveis. Essas mulheres possuem naturalidade, classe econômicas, idades e níveis de escolaridade diversas... estavam dispostas a contar suas histórias. Afinal, nem sempre isso é possível.

Conheci mulheres que foram expulsas de casa ainda quando não obtinham a maioria e nenhuma autonomia financeira, algumas delas foram acolhidas por tias e mulheres da família que por mais que não compreendessem aquela vivência não se permitiam excluir aquela mulher. Pude conhecer mulheres que moram juntas há anos, mas que não podem se mostrar abertamente para familiares, que devido a distância não conseguem mensurar o nível de intimidade daquela relação e seguem negociando constantemente o que pode ou não ser divulgado nos grupos de família. Pude conhecer casais que tem boa relação com as famílias, mas precisam enfrentar as constantes violências a si e a sua residência, já que a vizinhança evangélica vive ameaçando matar seus animais de estimação.

Somado a isso, vem as histórias das interlocutoras que contam suas histórias com um gás e ansia de viver, com a paciência de construir diálogos desconstruídos e modificando o mundo que as cercam.

Essa pesquisa me fez refletir a forma como me posiciono no mundo e essas histórias me fizeram compreender que o trabalho era necessário pois essas histórias precisam ser contadas. E por mais que pareçam histórias “comuns” para quem vive uma sexualidade dissidente, por mais que não apresentem grandes divergências das vivências das pessoas de uma cidade grande, esses são os territórios em que transitamos e é esse cotidiano repetitivo e maçante que muitas vezes nos custa a vida. É andar pelos mesmos lugares, é encontrar com as mesmas pessoas, é todo mundo se conhecer e por ser o lugar “que todo mundo sabe da vida de todo mundo” pelo simples fato de estar tudo muito exposto e claro a vista de todos. É o fato de estar tudo muito junto e misturado e ao mesmo tempo o não compreender.

### 3.3. APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS

A partir de agora, serão apresentados resumos das histórias das interlocutoras, com o intuito de demonstrar marcadores e aspectos que chamaram a atenção da pesquisadora. Assim como para situar o leitor acerca dos marcadores que se relacionam e que são apresentados no discurso.

**Quadro 2** – Caracterização das interlocutoras da pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Raça</b>	<b>Religião</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Exerce atividade remuneratória</b>	<b>Assumida</b>	<b>Orientação sexual</b>
Xique-Xique	18	Negra	Católica	Ensino superior incompleto	Não	Não	Pansexual
Mucunã	18	Branca	Não tem religião	Ensino superior incompleto	Não	Sim	Bissexual
Flor-de-	18	Negra	ateia	Ensino superior incompleto	Não	Sim	Lésbica

cera				o			
Rabo-de-raposa	18	Branca	Não tem religião definida	Ensino superior incompleto	Não	Sim	Lésbica
Mandacaru	19	Não soube informar	Não tem religião	Ensino superior incompleto	Não	Não	Lésbica
Quipá	19	Parda	Católica	Ensino superior incompleto	Não	Sim	Lésbica
Malva	20	Não soube informar	Não tem religião definida	Ensino superior incompleto	Não	Sim	Lésbica
Angico	26	Negra	católica	Ensino superior completo	Sim	Sim	Lésbica
Jitirana	25	Branca	católica	Ensino superior incompleto	Sim	Sim	Lésbica

### 1) Xique-Xique

Xique-Xique tem 18 anos, se descreve como de Raça Negra, tem Ensino superior incompleto, não exerce nenhuma atividade remuneratória no momento e coloca que é católica. Reside com os pais. Quanto a sexualidade, se relaciona com pessoas, independente da identidade de gênero ou sexualidade. A interlocutora chegou ao local da entrevista com blusa e short jeans rente ao corpo, cabelo médio alisado, tem uma aparência feminina (próxima ao esperado socialmente), levemente maquiada. Se mostra tímida, mas simpática. Foi a primeira mulher que fez contato comigo para entrevista, após a mediação de Canafístula. Discorre que seus

familiares não desconfiam dos seus relacionamentos com mulheres, mas que sua genitora tem dificuldade de se aproximar de suas amigas que apresentam uma performance mais masculina e que isso é sempre motivo de queixas, já que a genitora associa performance com lesbianidade. Descreve que mora com seus pais e que esses são muito religiosos, fato que dificulta o diálogo sobre questões de gênero e sexualidade. É por esse motivo também que a Xique-Xique não expõe sobre seus relacionamentos com meninas na sua residência, acrescenta que principalmente o pai não aceitaria e que não teria como se manter financeiramente e concluir o ensino superior. Relata que se aproximou de meninas de modo afetivo-sexual após a saída do ensino médio, quando se sentiu atraída por uma menina, mas acrescenta que quando se percebeu gostando desta, ficou preocupada pensando na reação dos pais caso viesse saber do ocorrido. Coloca que tenta gerenciar para que isso não chegue aos ouvidos dos pais, mas vive a sexualidade de modo ativo, com estratégias. No momento da entrevista namorava Mucunã há seis meses.

## **2) Mucunã**

Mucunã tem 18 anos, se autodeclara branca, possui ensino superior incompleto e descreve que não exerce nenhuma atividade remunerada no momento e afirma que não tem religião definida. Reside com amigas. Com relação a sua performance, apresenta um cabelo cacheado médio, estava vestida com uma camisa e de short rente ao corpo, não aparentava utilizar nenhum tipo de maquiagem. Não apresenta aspectos que remetam a feminilidade, mas também não se percebe como masculina. Chegou ao espaço levemente tímida, mas à medida que o processo foi ocorrendo foi se mostrando mais à vontade. A mesma é de um município menor que Serra Talhada e mora na cidade devido a inserção no Ensino Superior. Descreve que é assumida quanto a sua sexualidade para a sua família, que a mãe e irmãos a apoiam emocionalmente e financeiramente. Coloca que a mãe é evangélica, mas devido o vínculo que mantêm com a mesma decidiu falar sobre a sua sexualidade para a mãe antes que alguém contasse, enfatiza que a genitora não concorda, mas também não julga e que sabe que pode contar com o suporte dela. Adiciona que seus pais são separados e que o genitor teve mais dificuldade em aceitar a sua sexualidade. No momento que descobriu a homossexualidade da filha teve uma tentativa de agressão, em que houve a intervenção do irmão que

impossibilitou tal ato. Porém, iniciou uma vigilância intensiva sobre seus roteiros na cidade. Além disso, a ameaçou fazer uma denúncia a polícia, porém não havia crime nos seus atos e quanto a isso ficou tranquila. Acrescenta que o seu irmão a aceita e por ter proximidade com outras lésbicas consegue gerenciar de modo positivo. Descreve que atualmente se percebe como bissexual, apesar de ultimamente ter investido mais em relacionamentos com mulheres. No momento da entrevista mantêm um relacionamento com Xique-xique a cerca de seis meses e destaca que não expõe publicamente afeto por sua namorada por ainda manter a sexualidade em segredo da família. Mas, acrescenta que no espaço da Concha é onde se sente mais protegida para demonstrações de afeto para com Xique-xique. Aponta que Serra Talhada sempre foi percebida como um espaço de possibilidades para vivenciar sua sexualidade, já que por ser de uma cidade de menor porte, onde todos conhecem ela e seus pais se torna um empecilho para vivenciar de forma mais livre sua sexualidade, ficando mais invisível.

### **3) Flor-de-cera**

Flor-de-cera tem 18 anos, é negra, possui ensino superior incompleto e exerce atividade remuneratória informais, ainda descreve que é ateia. Apresenta performance bem feminina e relata que quando coloca que é lésbica é motivo de surpresa, diante do estereótipo de que lésbicas são masculinizadas. Reside com familiares. Já conhecia a interlocutora anteriormente e quando informada sobre a pesquisa se prontificou, inclusive indicou outras interlocutoras, a mesma se mostrou empolgada por estar participando desse momento e reforçou que acreditava o quanto esse trabalho era importante. A mesma coloca que sempre pesquisou bastante sobre o tema, como forma de se empoderar, assim como de se proteger de possíveis ataques, inclusive religiosos. Traz as negociações que teve que realizar com instituições religiosas e enfatiza a interferência nas relações familiares. A mesma apresenta performance feminina, indo de encontro ao estereótipo de que toda lésbica é masculinizada, o que, por um lado, leva as pessoas a questionarem a sua sexualidade dissidente, e, por outro a preserve de violência nas ruas. Descreve que falou de sua lesbianidade para sua mãe e outros familiares, mas que estes acreditam que isso é uma fase e que isso irá passar. Coloca o medo que a família tem da vizinhança saber sobre a sua sexualidade. Descreve as angústias e o quanto

de sofrimento psíquico foi gerado devido ao medo e receio quanto essa repercussão.

#### **4) Rabo-de-raposa**

Rabo-de-raposa tem 18 anos, tem cor branca, cursa o ensino superior, e descreve que não exerce nenhuma atividade remunerada no momento. Reside com familiares. A interlocutora foi indicação de Flor-de-cera. Foi repassado seu contato e acordamos a entrevista através do inbox do Instagram. Compareceu ao local combinado vestindo short jeans, uma t-shirt e sandália e apresenta uma performance feminina. A mesma se mostrou bem desinibida e bastante comunicativa, apesar de relatar o quanto é reservada. Coloca que se sentia atraída por meninas desde a infância, mas que mesmo assim ainda se envolveu com meninos na adolescência. Descreve que se percebeu enquanto bissexual, por muito tempo, mas hoje reafirma-se enquanto lésbica. Apresenta que seus pais descobriram quanto a homossexualidade acessando objetos pessoais e que isso foi um grande impacto na família inicialmente, e os genitores solicitaram auxílio religioso para lidar com tal questão. Acrescenta que hoje lidam de maneira positiva e que consegue levar namoradas para a sua residência para conviver com sua família. Ela enfatiza o quanto a Universidade foi importante principalmente para reafirmar algumas questões, coloca que os discentes trocam muito acerca de suas experiências dissidentes e que se auxiliam mutuamente, assim como garantem suporte para aqueles que a família ainda não sabe sobre a homossexualidade.

#### **5) Mandacaru**

Mandacaru tem 19 anos, não soube informar quanto a raça e afirma não ter religião. Cursa o ensino superior e não exerce nenhuma atividade remunerada no momento. Reside com familiares. Mandacaru se colocou à disposição para participar da pesquisa após o convite de Flor-de-cera, mas destacou que havia ficado receosa inicialmente por não ser “assumida” para a sua família. Acrescenta que “tá na cara” que é lésbica, porém descreve que seus pais têm receio de ter a confirmação acerca da homossexualidade. Entretanto, é importante colocar que a mesma destaca que não precisa assumir para a família, pois percebe que a sexualidade não é algo que precisa ser assumido, já que é algo comum. Mandacaru traz que seus pais falam

acerca das suas roupas, que apresenta uma performatividade mais próxima ao esperado socialmente para o masculino e reforçam que suas amizades com gays atrapalha um possível relacionamento afetivo-sexual com homens. Enfatiza como a internet facilitou o processo de se reconhecer homossexual e coloca que desde a adolescência utilizava as redes sociais para conhecer meninas. Inclusive iniciou um namoro a distância com uma menina, com quem tem uma relação de amizade atualmente, mas coloca que nunca se viram pessoalmente.

## **6) Quipá**

Quipá tem 19 anos, é parda, colocou que está cursando o ensino superior em uma faculdade particular da cidade e que reside com os pais, dependendo financeiramente deles. A interlocutora se mostrou prestativa quando realizado contato, e solicitou que a entrevista fosse antecipada um dia antes do acordado. A mesma chegou ao local combinado vestindo um short rente ao corpo, camiseta e tênis. Performa feminilidade. A mesma se mostrou muito simpática e acolhedora, apesar de relatar que inicialmente estava receosa em aceitar participar da pesquisa por ser tímida, porém se mostrou bem à vontade para falar sobre o assunto. Quipá acrescenta que atualmente está em um relacionamento lésbico e é assumida para os pais, mas o assunto ainda gera desconforto e conflitos no núcleo familiar. Coloca que anteriormente a família interviu severamente diante da expressão de sua sexualidade, e que foi “obrigada” a morar em outra cidade com familiares. Acrescenta que no dia da entrevista havia conversado com os genitores que estava em um novo relacionamento e foram informados quem é sua namorada. Ressalta que estava com receio do que poderia acontecer após o informe, mas não queria esconder por mais tempo.

## **7) Malva**

Malva tem 20 anos, não soube informar quanto a raça, cursa o ensino superior e não exerce nenhuma atividade remunerada no momento. Reside com familiares. Pontua que acredita em Deus, mas não tem religião definida. Apresenta performance feminina e comparece a entrevista vestindo uma blusa cropped, calça jeans cintura alta, sandália de salto alto e levemente maquiada. Enfatiza que por mais que a mãe tenha bastante interferência no modo de se vestir, avalia que

atualmente isso vem mudando e dando sua cara ao que veste. Acrescenta que antes de sair de casa, sua mãe questionou se não era um encontro que estava marcado e colocou que ia encontrar com uma amiga. Malva é de origem de uma das cidades circunvizinhas, que apresenta menor densidade populacional. Reside em Serra Talhada devido estar cursando Ensino Superior. Ela também foi uma das interlocutoras-chaves da pesquisa, encaminhou vários contatos de potenciais colaboradoras. A interlocutora se percebeu desejando meninas ainda na infância, mas também foi nessa fase que sua genitora descobriu e realizou intervenções de modo a reprimir e adequar tais comportamentos. Descreveu que a relação com sua genitora sempre foi de muita proximidade, porém isso era um dos grandes impedimentos para não investir ou esconder suas relações com mulheres. Relata que quando decidiu investir em um relacionamento afetivo-sexual com uma mulher em Serra Talhada, sua mãe tomou ciência do fato e começou a restringir o dinheiro que era enviado, deixando a mesma passar por privações financeiras. Acrescenta que mesmo não sendo sua cidade de origem é muito complicado se relacionar com mulheres em Serra Talhada devido preconceito.

### **8) Angico**

Angico tem 26 anos, é negra, possui ensino superior completo e exerce atividade remunerada. Foi a única interlocutora que me recebeu em sua casa, apartamento com pouco móveis, mas super acolhedora. Sentamos na mesa da cozinha, enquanto fazia café e o jantar estava no fogo. Havia chegado a pouco do trabalho e enquanto organizava as coisas descreveu que estava falando com a namorada, e tiveram um pequeno atrito, mas completou em seguida relatando que ela era abusada e a namorada era um 'amorzinho', e que nem sempre estavam em sintonia. Angico veste camisa, calça jeans e tênis, acrescenta que não se percebe muito masculinizada, mas que fazem referência da mesma dessa maneira. Porém, adiciona que tem dificuldades para encontrar roupas na cidade que reproduzam o seu gosto, deem conta do seu biotipo corporal e seja em um valor acessível. Refere-se que não apresenta uma performance tão feminina e que percebe alguns olhares julgadores nas ruas da cidade. Não reside com familiares, porém divide residência com amigos, que considera família. Trouxe muitos aspectos quanto ao território, inclusive da história da cidade por ser seu lugar de origem.

## 9) Jitirana

Jitirana tem 25 anos, é branca e pontua que é católica por ser algo repassado pela família. Possui ensino superior completo e tem estabilidade quanto o trabalho, garantindo independência financeira. Não reside com familiares e isso é fator de constantes embates por sua genitora, que deseja que Jitirana volte a residir na casa da família. Porém, reside em Serra Talhada desde que alcançou a maioridade com o intuito de viver a sexualidade fora do controle de sua genitora. Atualmente, divide residência com amigos. Jitirana compareceu no horário combinado, vestia uma blusa rosa com um slogan feminista, calça jeans e sandália. Trouxe aspectos da ruralidade ainda não colocada por outras participantes, alocou sobre os acordos com família e como a interferência religiosa repercute na maneira como os pais a percebem. Se emociona quando fala da família e principalmente quanto a sua genitora, por esta apresentar resistência muito grande em aceitar a homossexualidade. Jitirana relata que não objetiva magoá-los, mas que também não pode negar sua essência. Fala sobre anseios profissionais e coloca que algumas mulheres da família têm curiosidade de vivenciar a sexualidade com mulheres, mas que são receosas quanto a isso e acrescenta que o local que residem não permitem tais investidas.

### Caracterização das interlocutoras

No momento da entrevista, a maioria colocou que se apresenta enquanto lésbica, principalmente em espaços que percebe a necessidade de afirmação e para demarcar respeito. Quanto ao termo "Sapatão", é bem claro que só deve ser utilizado por pessoas que mantenha vínculo de amizade ou que seja verbalizado por dissidentes sexuais. Foi utilizada inclusive a seguinte frase para exemplificar essas relações: "só quem pode chamar viado e sapatão é viado e sapatão". Porém, também acrescentam que o termo "lésbica" soa pesado em algumas circunstâncias e por isso dão preferência ao termo sapatão.

Em relação a idade, estão na faixa etária de 18 a 23 anos. Quanto a origem das interlocutoras, a maioria tem naturalidade em Serra Talhada, as outras se deslocaram para a cidade para estudo e/ou trabalho, e são provenientes de cidades menores.

No que se refere a raça, três interlocutoras se declararam como branca. Três interlocutoras se declararam como pretas, uma interlocutora se declarou como parda, duas interlocutoras declararam como raça não definida.

Quanto a religião, quatro interlocutoras se colocaram como católica, uma descreveu que acredita em Deus, três se definiram como ateias ou não possuem religião e uma se declarou como não definida quanto a religião.

No tocante ao nível de escolaridade das entrevistadas, as mesmas ou estão com Ensino Superior em andamento ou concluído. De cursos de área variadas e de instituições diversificadas. A maioria das entrevistadas não trabalham, residem e dependem financeiramente dos pais. As mulheres que apresentam Ensino Superior completo, já desempenham atividades ligadas à sua formação. Essas residem com amigos ou companheira, com quem dividem as despesas da moradia.

Sete das dez mulheres entrevistadas por essa pesquisa é assumida com relação a sua sexualidade para pais, irmãos e amigos. Colocam, que em alguns casos não sentem necessidade de contar para a família extensa (avós, avôs...), a não ser que mantenham contato constante com esses membros. A maioria delas colocam que amigos, colegas de faculdade e pessoas que estão no seu círculo de sociabilidade foram informados antes da família e que geralmente são acolhidas por esses. Outra fonte de suporte e acolhimento são as irmãs e irmãos, que mediante a aceitação restrita dos pais dão suporte emocional para as interlocutoras.

## 4 GERENCIANDO A REGULAÇÃO E NEGOCIANDO COM AS INSTITUIÇÕES

Na história ocidental moderna, a sexualidade foi aspecto de controle e vigilância, e através de várias instituições (escola, família, as instituições religiosas, mídia, religião) são assimiladas as concepções e comportamentos aceitáveis de como devemos lidar com ela. Nesse contexto, as normas de gênero e sexualidade foram constituídas e compreendidas como verdades absolutas (LOURO, 2008).

Percebendo a importância das instituições na construção e propagação dessas normas, será discutido especificamente<sup>8</sup> como a família e a religião interferiram na sua construção e no processo de subjetivação dos que nelas estão imersos.

### 4.1 INFÂNCIA

A infância aqui é percebida como uma fase do desenvolvimento humano. É nessa fase que as crianças vão adquirindo informações para a consciência de gênero. Ou seja, a partir do sexo de nascimento é posto como cada um deve se comportar diante do mundo. Assim se estabelecem “padrões de comportamentos”. Esses aspectos são impressos através da transmissão dos aspectos culturais pelos membros da família e outras relações sociais. Entretanto, nem todas as pessoas desempenham o que está previamente estabelecido, e isso já pode ser evidenciado na infância.

A criança é inserida no contexto social por meio da família, portanto faz-se necessário falarmos sobre esta. Apesar de apresentar e cobrar normas e regras sociais para a criança, a família também não se isenta das cobranças sociais, e as normas e valores que estas tomam para si constroem modelos ideais a serem seguidos. Assim, ao mesmo tempo em que a família cobra que seus membros se encaixem nesse padrão, ela sofre uma cobrança social de sustentação deste. Desse modo, ficar fora do padrão tem consequências de menos valia dentro do contexto social e resulta em dificuldades nas relações de interconhecimento, chegando até mesmo à restrição de acesso a alguns direitos.

---

<sup>8</sup> É importante frisar que por mais que possam ter outras instituições exercendo o papel de normatizadoras, mas será discutido neste trabalho apenas as representações construídas pela família e religião, já que as interlocutoras deram ênfase nas entrevistas.

Vale salientar que o conceito de família utilizado aqui não se restringe a um modelo de família nuclear, pois a maioria das entrevistadas apresentaram uma família em um arranjo ampliado. Ainda assim, pontuamos que a norma da heterossexualidade, que compreende a família como um casal heterossexual com filhos, acaba por direcionar a ideia de família, excluindo desse conceito quem a ele não se adequa.

Esse processo de adequamento, se inicia no período da infância. Há uma maior cobrança quanto aos padrões de gênero. Definições do que meninas e meninos podem/devem fazer começam a ser mais enfaticamente postas, exigindo das crianças que cumpram os papéis condizentes com seu sexo biológico. Vale destacar que as normatizações em torno do gênero e sexualidade se iniciam anteriormente ao nascimento da criança. Pois, assim que os pais são informados quanto ao sexo biológico do bebê, é construído um script de performatividade e manifestações sexuais. O que produz repercussão na constituição da sua subjetividade, como nos significados acerca do corpo e suas práticas sexuais.

As interlocutoras colocam que recordam de algumas histórias marcantes da infância (que serão apresentadas ao longo desse capítulo) e que o comportamento dos familiares diante dessas situações contribuem para que compreendam a repercussão de contradizer a norma, seja de gênero e/ou de sexualidade.

Inicialmente colocaram que, durante a infância, havia o adequamento das brincadeiras das crianças de acordo com seu gênero, e por mais que atualmente a maioria das entrevistadas apresentem uma performance mais próxima ao esperado para as mulheres, descreveram que na infância também se interessavam por brincadeiras na rua, jogar bola, brincar de bolinha de gude... etc., e que várias intervenções foram feitas para que as mesmas se voltassem para “atividades de meninas”, como: brincar de boneca, de casinha, entre outras. Também era feita a exigência com a estética, para que estivessem bem femininas e arrumadas.

Rabo-de-raposa descreveu que era presente nas brincadeiras uma divisão de papéis (feminino/masculino) e que suas parceiras eram suas amigas, vizinhas, primas ou outras meninas próximas. Eram brincadeiras como: casinha, imitar a novela.... e, destaca que na divisão de papéis escolhia os que estavam direcionados aos considerados masculinos. Entretanto, a mesma reforça que gostava de representar a figura masculina, pela amplitude de interação possibilitada na brincadeira, mas que não havia o desejo de querer ser um homem, como muitas

vezes isso é erroneamente estereotipado acerca da vivência das lésbicas (TOLEDO, 2013). Como apresentado na fala abaixo:

[...] a gente literalmente brincando de novela, eu sou o homem e ela é a mulher... aí tipo dava um selinho para fingir o beijo, isso somente [...] (Rabo de raposa, 18 anos).

Malva também descreve as brincadeiras entre meninas, onde reproduziam um casal heteronormativo:

[...] Aí eu acabei dando um selinho, a gente via em novela, a gente queria reproduzir.... “ah, vamos beijar igual na novela”, vamos! Beijava só o selinho, era uma bitoca menina que menos de meio segundo se afastava e ia escovar os dentes, aí foi com isso... aí a gente começou a ter mais amiguinhas, aí a gente começou a falar o que a gente fazia, que no caso era imitar a televisão, e acabava que virava... aí minha gente isso é terrível... mas virava quase que uma surubinha ali com várias menininhas dando bitoquinhas. (Malva, 20 anos).

E vale destacar o que Castañeda (1999) coloca, que por mais que meninas prefiram desempenhar atividades que são consideradas socialmente masculinas, isso não acarretaria no exercício de uma sexualidade homossexual, mas ainda assim são coagidas a permanecer nos padrões de gênero.

Durante esse período, as meninas também iam descobrindo mais sobre seu corpo e também formas de exercer a sexualidade:

Ai até que uma delas ganhou um presente, que era um ursinho que ele vibrava... pra que ela ganhou esse ursinho, né mulher?! Risos. Que presente danado essa mãe deu a ela, viu? E ah, de alguma maneira ela descobriu que colocando nas suas partes íntimas aquilo ia estimular ela de alguma maneira, ela não sabia como, mas dava alguma sensação. E aí, vai contar para o grupo, porque todo mundo precisava dividir essa experiência e dali foi... acabou que eu vi que não tava querendo as outras, ali eram realmente amigas, e foi quando eu vi que tava toda apaixonadinha por uma, né? (Malva, 20 anos).

Ainda na infância, as interlocutoras expõem que se sentiam atraídas por meninas, mas nesse período não tiveram contato mais íntimo com outra menina, já que havia um receio da repercussão de tal ato. Contudo, duas interlocutoras colocaram que nessa fase já houveram trocas de selinhos e brincadeiras eróticas entre amigas, caracterizando o início de um contato afetivo-sexual.

E por mais que as mesmas se sentissem autorizadas a brincar dessa maneira, haviam consciência que era algo que só podia ser conversado com algumas pessoas, e os pais não estavam entre elas. Porém, Malva coloca que isso saiu do seu controle, quando foi pega por sua mãe. Descreve que diante da sua

visão infantil decidiu brincar com sua vizinha no seu quarto e a mãe, como tinha costume de dormir à tarde, não viu problema em deixá-las brincando. Só que a interlocutora juntamente com sua amiga pensaram que fazendo uma barreira com guarda-chuvas estavam escondidas. Assim, seguiram com a brincadeira a ponto de ficarem nuas atrás da barreira construída. Sua mãe acordou e encontrou as meninas nuas. A genitora em choque deu uma surra na filha, como descreve na fala a seguir:

Eu lembro como se fosse hoje, a gente abriu vários guarda-chuvas e a gente fez tipo uma casinha... e se socou lá em baixo, jurando que ia ficar escondida (risos). Foi péssimo, levei uma surra nesse dia e aí mainha chorou muito, disse que era errado e que... "ah, papai do céu castiga, e se você fizer isso de novo eu vou ficar muito triste e seu pai vai morrer de tristeza e se ele morrer a culpa é sua. (Malva, 20 anos).

A genitora utilizou um discurso de culpa, construções ligadas as tradições cristãs, no qual o fato de se relacionar com meninas não é percebido como algo positivo sendo tido como ato pecaminoso que resultaria em sofrimento aos familiares e não lhe permitiria ser bem vista por um Ser Superior. E a partir desse fato, a mesma colocou que passou um bom período sem se relacionar com meninas, mesmo percebendo que tinha interesse nelas, mas preferia negar tal interesse e manter a ideia de que se relacionar com meninas era errado.

O que pode ser observado é que muitas famílias utilizam o discurso religioso para normatizar como as mulheres devem se relacionar, assim como buscam respaldo no discurso religioso quando colocam que isso seria errado, porque é algo que Deus não quer, algo ruim, pecaminoso e passível de punição. Assim, devido a proibição religiosa, aquelas práticas seriam algo que traria sofrimento aos pais lhes causando vergonha. Desse modo, mesmo com pouca idade, as meninas deveriam se sentir culpadas por estarem provocando tais sentimentos a família.

Outro sentido construído pela família sobre a lesbianidade, foi transmitido pela genitora de Flor-de-cera após a interlocutora contar uma situação ocorrida na escola:

Quando eu era bem pequena... eu lembro que na escola, eu lembro que eu dei um selinho em uma menina, daí meus coleguinhas começaram a me xingar, não sei o que... sapatão... essas coisas... eu não sabia o que era isso, eu peguei e falei para mainha: 'mainha, o que sapatão?' Mainha falou: 'menina, não diz isso, isso é errado, não sei o que...' aí ela começou a falar um monte de coisa, aí aquilo já reforçou aquela ideia, foi a minha primeira ideia na verdade do que era... que ser lésbica era uma coisa ruim, ne? Que eu não podia fazer isso! E eu lembro que aquilo me tocava muito, que eu ficava muito assustada quando alguém falava qualquer coisa relacionada a

isso... na verdade, eu acho que ela disse, que era uma mulher que ficava com outra mulher, e isso era muito errado e que eu não podia nem falar aquilo, entendeu? (Flor-de-cera, 18 anos).

A proibição era tão enfática que, ainda mediante a ausência do ato, seu peso estava presente sobre o discurso da interlocutora. Dessa forma, a homossexualidade não poderia existir nem mesmo na palavra. Afastando as interlocutoras da possibilidade de relações afetivo-sexuais com meninas. Colocando desde a infância uma forma não autorizada de exercer sua sexualidade, ainda que, nesse período, esta se encontre em segundo plano.

Cabe acrescentar que “brincadeiras heterossexistas e homofóbicas” servem como mecanismos reguladores para sustentar o silêncio e a invisibilidade de tais vivências. Caracterizado como pedagogia do insulto, no qual os “sujeitos ainda muito jovens podem ser alvo de sentenças que agem como dispositivos de objetivação e desqualificação: “Você é gay!”. Estas crianças e adolescentes tornam-se, então, alvo de escárnio coletivo sem antes se identificarem como uma coisa ou outra.” (JUNQUEIRA, 2011, p. 80). E tais posicionamentos contribuem para reforçar a estigmatização e sustentar a lógica que devem permanecer no “armário”.

Apesar da invisibilidade resultante do preconceito, Malva relata que na infância pode perceber a existência de relacionamentos lésbicos, e por mais que o assunto não fosse algo verbalizado com os membros da sua família era algo que transpassava.

Até eu começar a ter amizade com uma menina nova que chegou na rua, eu tinha na faixa de cinco anos, e a mãe dela era lésbica assumida e ela era casada com uma mulher. E aí ela sempre me contava algumas coisas, criança ouve tudo, e eu ficava na loucura, uma mulher e uma mulher, namorando... são casadas? E eu não conseguia entender que a menina, no caso Joana<sup>9</sup>, não tinha nascido das duas, pra mim ela ia nascer das duas, se elas são casadas, as duas mães gerou de alguma forma. (Malva, 20 anos)

O que fica muito claro aqui é, desde a infância, o controle dos corpos, enfatizado por Foucault, realizado com muita ênfase pelas instituições familiares e religiosas. Diante disso, é possível perceber que as interlocutoras desde a meninice compreendem que aquela forma de exercer sua sexualidade não é autorizada.

---

<sup>9</sup> Nome fictício

## 4.2 JUVENTUDE

No período da juventude, a socialização e sexualidade saem do segundo e tomam o primeiro plano na vida dos jovens. É possível perceber um movimento de se voltarem mais para seus iguais e se manterem um pouco mais distantes dos familiares, além disso, reafirma-se o distanciamento da condição de criança e a preparação para o mundo adulto.

Apesar desses aspectos estarem presentes para algumas pessoas, nem todos vivenciam a juventude da mesma forma, e vale ressaltar que aspectos como sexo, classe econômica, raça, entre outros, devem ser considerados para a compreensão desse momento. É importante deixar claro que tal período é muitas vezes representado pelo termo “Juventudes” por abarcar melhor a realidade.

Quando se trata de juventude, os grupos sociais em que estão inseridos são de extrema importância, já que o definido, organizado e estabelecido por estes que serve de embasamento para seus membros no cotidiano. É dentro dos grupos também que, muitas vezes, se constituem as primeiras relações afetivas e/ou sexuais. Já que existe um investimento e pressão dos amigos pelo exercício da sexualidade, apesar de que pode estar mais relacionado com o “ficar”, “pegar”, “namorar” do que ligada as relações sexuais propriamente ditas.

Em contrapartida ao movimento grupal, os familiares acentuam uma cobrança que as meninas mantenham uma reputação de respeito diante da sociedade e isso abarcaria uma contenção quanto aos impulsos afetivos/sexuais, instituindo assim uma repressão sexual. O que se acentua com a chegada da menstruação, quando as mães são geralmente pressionadas a orienta-las a se comportarem devido a representação social inerente.

Assim como, descrevem que quando era realizada alguma orientação, quanto educação sexual, esta era direcionada para os cuidados com a menstruação e o cuidado referente a proteção mediante possíveis abusos sexuais, como demonstra Flor-de-cera na fala abaixo:

Minha mãe sempre falou de sexualidade no sentido da gente se proteger, de pessoas que pudessem abusar da gente, ela falava muito nessa questão, ela falava mais essa questão, mas do sexo em si não. Ela falava como uma coisa para a gente se afastar, se proteger, que era errado, que era perigoso, não confiar em todo mundo, lógico que isso foi bom também porque nos protegia, de certa forma, mas com relação a sexualidade era muito reprimida [...] (Flor-de-cera, 18 anos).

Somente na escola foi possível acessar mais informações quanto a proteção nas relações sexuais, a prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, mas sempre partindo de um ideal heterossexual. Concordando com isso, afirma Rogério Junqueira (2011, p. 75), “a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as”. Nesse contexto, utiliza normas do campo da sexualidade reprodutiva para naturalizar ideais de gênero e sexualidade, e facilitando que a homofobia e heterossexismo ajam implicitamente.

#### 4.3 RECONHECIMENTO DO DESEJO

Foi ainda na adolescência que as interlocutoras tiveram o primeiro contato mais íntimo com meninos. Mas também foi quando algumas entrevistadas se viram diante de alguns dilemas e, por algumas vezes, decidiram se relacionar com meninos para negar ou evitar o interesse por meninas. Já que se encontravam no período de iniciação sexual e era constante a pressão das amigas que vivenciavam a mesma fase, como demonstra a fala abaixo:

[...] ficava com meninos, tipo... eu não sentia atração por eles nem nada, mas só aquela coisa, a menina tem que ficar com o menino, aí o menino chegava e pedia para ficar a pessoa ficava, era isso... aí eu ficava só que eu não (cara de desânimo) ... eu não sentia nada, sabe o que é nada? (Rabode-raposa, 18 anos).

E muito atrelado a esse processo, era constante os questionamentos de se perceber gostando de outras meninas. As interlocutoras destacam que as primeiras meninas que despertaram seu interesse foram vizinhas, amigas e primas, e que isso gerava certo desconforto já que haviam sido ensinadas que deveriam se interessar por meninos. Além disso, já que não encontrava possibilidade de investimento afetivo nessas relações, decidiam se reprimir quanto esses aspectos, o que se observa na fala a seguir:

Quando eu fui percebendo que eu tinha algum... que meu interesse sexual era mais voltado mais para mulheres, aí sim foi muito pior, então comecei a me reprimir muito em todos os sentidos. E quando eu percebi na verdade eu tinha 13 anos, a primeira vez que eu percebi que eu tava interessada por uma amiga minha, e eu lembro que eu falava: ‘não, isso é coisa da sua

cabeça, eu só posso tá louca, não sei o que'... então me forçava realmente, porque todo mundo gostava de menino e eu fazia aquilo que além de ser pecado, não era 'normal'. Então foi bem complexo [...] (Flor-de-cera, 18 anos).

A interlocutora aponta dois parâmetros nessa fala. O religioso que define o que é e o que não é pecado, dessa forma, o que é permitido e o que é proibido. E o campo da normalidade, que exclui tudo que é patológico, ou seja, o que tem um peso de doença. Assim, relacionamentos entre meninas era algo visto como pecaminoso, proibido, e patológico por estar fora do campo da normalidade. Além disso, nessa mesma lógica pecaminosa e de anormalidade, pode-se analisar a próxima fala:

Quando eu já tava na fase de pré-adolescência, eu sentia muita atração por mulheres, eu achava muito bonito e eu me sentia estranha por achar aquilo. Eu achava que era uma coisa super errada, então eu não falava disso com ninguém, absolutamente com ninguém [...] (Mucunã, 18 anos).

Nesse fragmento, o desejo afetivo-sexual por mulheres chega a um silenciamento a ponto de não ser nunca compartilhado. Havia um estranhamento desse desejo por não ter visibilidade e reconhecimento, já que a interlocutora não reconhecia esse desejo em nenhum outro contexto. Em contrapartida, Mandacaru coloca:

Ah, sei lá, primeiro eu pensei que eu ia surtar, porque não era 'normal' aí depois eu fui relaxando... ficando tranquila, porque depois que eu falo o que eu tô sentindo eu fico mais relaxada. Mas para mim hoje tudo normal. (Mandacaru, 19 anos).

Essa fala enfatiza a necessidade de compartilhar essas experiências tornando-as vivências comuns, o que as coloca no âmbito da normalidade. Além disso, falar sobre o assunto faz com que Mandacaru se sinta "relaxada" quanto a sua homossexualidade. Mediante o exposto, tem-se a fala de Angico:

Foi estranho, mas ao mesmo tempo empolgante, foi uma curiosidade tão incessante, que quanto mais acontecia de eu encontrar com a menina, de eu conversar com ela, parecia que tinha mais coisa para descobrir, e aí eu não sabia exatamente como descobrir, mas eu sabia o que eu tinha que descobrir o que era que tava acontecendo, o que era que eu tava sentindo... que eu nunca tinha sentido na vida e aí eu achava que eu tava apaixonada, mas eu não necessariamente tinha dado uma nomenclatura para aquilo

ainda, eu não sabia fazer isso... mas acho que de Amora<sup>10</sup> em diante, do segundo relacionamento, das conversas com os meninos que já entendiam que eram gays, de outras meninas que tavam começando a se perceberem lésbicas, aí foi quando eu comecei a me encaixar e perceber, ah, eu acho que é isso, essa é minha vibe, e aí foi... não foi um processo tão doloroso, foi mais um processo de curiosidade e pesquisa. (Angico, 26 anos).

Nessa fala, Angico reforça a importância do reconhecimento de experiências homossexuais e da relevância de compartilhá-las através do seu discurso com amigos. Contexto em que essas vivências eram percebidas como fora do campo do pecado e da anormalidade. Aspectos relevantes ao seu processo de auto reconhecimento enquanto lésbica.

Ainda nesse sentido, algumas interlocutoras deram ênfase ao processo de autodescoberta, de conhecer seu corpo, saber o que lhe dar prazer. E a possibilidade de vivenciar outras formas de exercer a sexualidade como aliada ao processo de se perceber gostando de meninas. E destacaram nesse processo, o papel da masturbação e dos filmes pornô, inclusive lésbico. Pois a medida que se relacionavam com os meninos e não obtinham satisfação, através desses artifícios se conheciam e se reafirmavam para si a vivência da sexualidade desatrelada da repressão. Por mais que sentissem culpa devido ensinamentos religiosos.

Nesse contexto, apesar da consciência do desejo por meninas, mas o receio de assumir e ter um posicionamento diante desses sentimentos, Flor-de-cera optou por não se relacionar com ninguém, como é exemplificado na citação abaixo:

é tanto que eu lembro que assim, a primeira vez que eu beijei um menino eu não gostei e eu passei cinco anos sem querer me interessar por mais ninguém, porque nenhum menino me interessava aí eu: 'não, não quero', e... cinco anos... só depois quando eu voltei a me relacionar com meninas. (Flor-de-cera, 18 anos).

Diante dessa mesma ótica, Jitirana descreve que sempre buscava meios para fugir dos investimentos das amigas em encontrar um parceiro amoroso para ela. Descreve ainda que buscava não ir para os locais que eram mais favoráveis as interações afetivo-sexuais, e quando ia para festas locais, sempre justificava a presença do seu pai como impedimento aos investimentos dos meninos. Usando

---

<sup>10</sup> Nome Fictício

essa estratégia, a mesma nunca se relacionou com homens e se descreveu como uma lésbica raiz<sup>11</sup>, exibido na citação abaixo:

Eu vivo minha vida, é... me relaciono só com mulheres, nunca me relacionei com homens, nem nunca tive vontade, nem nunca beijei um homem, sou uma raiz. (Jitirana, 25 anos).

Jitirana destaca esse aspecto, por saber que as mulheres são sempre incentivadas a se relacionar com os homens, e que muitas vezes elas se relacionam com os meninos pela dificuldade em aceitar que estão se interessando por meninas e também pela pressão social em se estabelecer relacionamentos heterossexuais. Assim justifica a dificuldade em encontrar outras “lésbicas raízes”. Além disso, a heterossexualidade compulsória reforça como único caminho possível o relacionamento com homens, direcionando-as para idealização de romances heterossexuais e restringindo as possibilidades de protagonismo da mulher diante da vida afetivo-sexual (RICH, 2010).

Dois cenários de desenham. Primeiro, o processo de autoconhecimento, aceitação e vivência social quanto à própria sexualidade. E, segundo o processo de vivência social dessa sexualidade. Entre esses dois tempos, encontra-se, geralmente, o período do armário. O armário se caracteriza como a fase em que há um conhecimento e aceitação da sexualidade, mas esta é vivida nas sombras. Uma capa heterossexual é sustentada no contexto social e somente retirada na presença de si mesmo ou entre amigos próximos.

Pois, ao ser e se reconhecer lésbica é preciso lidar com estigmas e preconceitos advindos de uma sociedade patriarcal e machista, que direciona as mulheres a se relacionarem com homens. E as que fogem à regra serão vistas como dignas de repulsa, justamente por romper com esses preceitos. E baseado nesses pressupostos, as lésbicas são alvo de múltiplas violências (físicas, psicológicas, sexual) com o intuito de adequá-las ao sistema heterossexual proposto.

A nossa sociedade tem uma preocupação com o corpo e as possíveis práticas com ele envolvidas, valoriza as relações afetivo-sexuais, porém rejeita práticas que fujam aos códigos previamente estabelecido socialmente. Com isso, somos constantemente convocados a repensar as impressões que temos a cerca de

---

<sup>11</sup> O termo utilizado pela interlocutora se refere a um meme muito utilizado nas redes sociais no ano de 2017. Que faz referência a dois momentos de um mesmo objeto, coisa ou pessoa, trazendo o adjetivo “Raiz” como algo autêntico e que vem da essência; e o “Nutella” como algo após uma mudança, reinventado ou modificado.

si, pois o fato de estarmos inseridos em contextos socioculturais faz com que nos individualizemos a partir das relações com o outro.

Todas as interlocutoras destacam como foi conflitivo o processo de aceitação de si diante da percepção de se sentir atraída afetivo-sexualmente por outra mulher. Descreveram como se deu o processo de auto reconhecimento, porque contradizer uma norma imposta que é tão fortemente reforçada gerou a necessidade de ressignificar como percebem o mundo, as relações a sua volta e a si. Esses aspectos são de extrema relevância para compreender como pode ser conflituoso o processo de auto reconhecimento para as lésbicas e bissexuais, já que a sociedade desvaloriza as relações entre pessoas do mesmo sexo.

No tocante à bissexualidade, foi no processo de aceitação ou não de si, de se conhecer mais que as entrevistadas da pesquisa se perceberam inicialmente enquanto bissexuais. Muitas inicialmente tiveram dificuldades em aceitar a sua atração exclusivamente por mulheres e tentavam “negociar” com os sentimentos e desejos, como Flor-de-cera relata:

[...] eu lembro que eu falei com minha amiga, chorando muito, amiga, eu acho que eu sou bissexual, e ela: ‘tudo bem, pelo menos você gosta dos dois e tem gente que só gosta de mulher’, e eu: (risos)... mas também foi a questão de três meses, eu percebi que não tinha nada de bissexual. (Flor-de-cera, 18 anos).

Além disso, como coloca Cheryl Clarke (1988) geralmente colocar-se a ‘etiqueta da bissexualidade é muitas vezes mais seguro para as lésbicas, já que ainda abre a possibilidade de relacionamentos com homens.

Porém, é importante frisar que o trabalho não pretende deslegitimar as vivências de bissexuais e nem enquadrar tais afetos como momentos de transição. Aqui a bissexualidade foi um modo de começar a negociar com outras formas de exercer a sexualidade indo de encontro à proposta da heterossexualidade compulsória. Enfatizo que apesar da maioria das interlocutoras permanecerem se relacionando exclusivamente com mulheres, essa pesquisa também abria a possibilidade para mulheres bissexuais, e somente uma entrevistada se definiu dessa forma, destacando se relacionar majoritariamente com mulheres.

#### 4.4 REVELAÇÃO

Focando na relação da família com encobrimento ou revelação de homossexualidade, muita coisa se discute. Um dos aspectos que ganham destaque é o revelar para família sobre a homossexualidade, pois isso gera sentimentos de incertezas. Já que os dissidentes sexuais temem por uma reação negativa por parte dos membros da família, e tem receio que essa revelação gere sofrimento psíquico e até violência.

De tal modo, a família pode apresentar dificuldades de assimilar a informação diante das expectativas criadas com relação aquele membro. E muitas vezes, a lésbica precisa acionar outra rede de suporte social para conseguir lidar com esse período de conflitos.

Assim, discutiremos a seguir sobre os motivos que incentivaram as interlocutoras a contar para seus familiares e as reações destes diante da revelação da sexualidade dissidente. Iniciaremos com Malva, que descreve que o desejo de poder partilhar aspectos da sua vida com sua mãe, com a qual sempre manteve uma relação de muita confiança, foi o que a estimulou a revelar sobre a sexualidade. Além disso, percebia o investimento e apoio por parte da genitora com o relacionamento heterossexual da irmã, e isso acarretava certo incômodo em Malva, pois desejava que da mesma maneira que a mãe torcia e incentivava o relacionamento da irmã, também incentivasse o seu.

[...] e eu queria compartilhar com mainha... nossa, eu chorava muito, era muito ruim. Aí começou que quando ela (namorada) chegava com essas flores, com essas coisas... ao invés de eu ficar feliz, eu ficava triste, eu ia dividir com quem essa felicidade? Com ela, tá era ótimo, mas eu queria contar para mainha, aí começou a pesar e eu não tava mais sabendo lidar, ela ligava: 'ah, filha tá fazendo o que?' Ah, eu tô assistindo um filme com minha namorada, eu queria dizer, mas eu não podia. E chegou uma hora que eu disse: eu vou contar! E eu contei, pra que? mainha passou meses sem falar comigo direito...aí eu me vi só com o dinheiro da faculdade, do aluguel e eu não tinha mais comida em casa, eu não tinha produto de limpeza, de higienização, eu não tinha nada, porque ela não tava mandando nada. (Malva, 20 anos).

A interlocutora relatou um aspecto muito presente nas relações familiares, que é a família deixar de manter financeiramente aquele membro por causa da sua sexualidade, e destaco mais, que esse é um dos fatores estressantes para as dissidentes sexuais, fazendo com que as mesmas permaneçam na clandestinidade até alcançar certa autonomia financeira. Flor-de-cera informou que nem todos os familiares foram "avisados" sobre a sua sexualidade e conversou com as pessoas

que tinha mais vínculo, deixando os outros saberem com o tempo, um desses foi seu pai que não tem uma relação de proximidade, mas soube que o mesmo não recebeu a notícia bem.

[...] ele falou que preferia que eu fosse prostituta a lésbica. (Flor-de-cera, 18 anos).

E destacou que por ter pouca relação com ele não é um assunto que deseja dividir, até por considerar um aspecto muito importante da sua vida. Chamo atenção para a fala do genitor, por fazer referência a uma forma socialmente não autorizada de exercício da sexualidade, prostituição, e a colocar como preferência frente a lesbianidade. Ao passo que na prostituição a mulher, via de regra, ainda se encontra servindo ao desejo masculino.

Já Rabo-de-raposa foi pega de surpresa por seus genitores que encontraram um áudio de uma conversa da mesma com sua namorada, o que a levou a antecipar a revelação antes mesmo de se preparar para o momento, o que desencadeou bastante ansiedade.

ah, lembrei, a gente chegou lá no quarto, ai eu já me armei logo, toda nervosa, ai sei que começaram a mostrar o áudio, ai perguntou o que era isso, ai eu exatamente o que você tá ouvindo, ai disse assim: “você sabe o que você está dizendo? Sim, eu sei, sou lésbica, sou sapatão (risos) desse jeito, mas por dentro eu tava tão nervosa, nunca fiquei tão nervosa na minha vida, não gosto nem de lembrar daquele nervosismo. Sei que tava com minha mão fechada assim de nervosismo, eu nem unha tinha, mas não sei de onde eu furei minha mão, de tanto que eu fechava minha mão de nervosa. (Rabo-de-raposa, 18 anos).

Ela descreveu ainda que seus genitores demoraram semanas para elaborar aquela informação, que seu pai permanecia a maior parte do tempo chorando e que sua mãe apenas a encarava, mas que pouco era verbalizado naquele período. Acrescentou que fez o possível para demonstrar que era a mesma pessoa, que isso não mudaria quem realmente ela era enquanto filha, mas que foi um período muito tenso e que isso a levou a buscar um suporte psicológico. Mucunã também foi pega de surpresa, seu genitor descobriu através de informações que ela trocava por meio da internet. Abaixo segue a descrição da reação dos familiares diante da descoberta:

Para meu pai... ele descobriu de uma forma não muito legal, mas descobriu. E quando ele descobriu me tratou super mal, ainda queria me bater e tudo mais e já minha mãe não, quando eu contei a ela, ela não entendeu a

princípio, mas depois ela foi tentando me entender... mas também por conta da religião dela. Ela não apoia, mas também não julga. E meu pai ele não entende de maneira nenhuma. (Mucunã, 18 anos)

As construções em torno da heterossexualidade são de tamanha força impositiva que o genitor quando soube da possibilidade da filha ter relacionamentos afetivo-sexuais com meninas, desencadeou uma reação violenta, sendo necessário a contenção por parte de outros familiares. É válido relatar que pelo fato da homossexualidade se encontrar fora da norma, a violência é utilizada com estratégia de adequamento.

Como também aconteceu com Mucunã, a família de Quipá descobriu antes mesmo dela ter uma conversa aberta com eles:

Eles meio que descobriram... minha mãe me perguntou e eu só afirmei. E foi uma loucura lá em casa, ela foi na casa da menina, foi falar com a família dela, eu tava no terceiro ano do ensino médio, assim que eu terminei fui mandada para Recife só voltei 1 ano depois. (Quipá, 19 anos).

A família de Quipá quando descobriu acerca de sua sexualidade iniciou uma vigilância intensiva, ficavam sob controle com o celular da mesma. Além disso, pai, mãe e tios iam busca-la nos lugares que precisaria ir. Havia também intervenções junto aos profissionais da escola com o intuito de evitar o relacionamento com meninas, como ela continua colocando na citação abaixo:

Para tu ter noção... eu estudava no Colégio Anchieta<sup>12</sup>, era o dia inteiro, e eu não podia... era da escola para casa, de casa para escola... eu ia com meu tio e voltava com meu pai, e a minha ex- namorada que era Maria<sup>13</sup>, ela foi algumas vezes lá na escola, porque tipo a gente já tava a 1, 2 meses sem se ver, e ela ia lá a gente se falava pelo portão, e minha mãe chegou a ir lá para falar com a diretora, para não permitir que ninguém me visse, só o pessoal da escola. Bem pesado. (Quipá, 19 anos).

Através da fala anterior é possível demonstrar um exemplo de violência psicológica sofrida pelas mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres, tal violência se faz presente através da reclusão e da exposição em que Quipá foi posta. É importante destacar que o controle e vigilância a sexualidade não é algo exclusivo às lésbicas, mas se expande para as mulheres no geral.

---

<sup>12</sup>Nome fictício

<sup>13</sup> Nome Fictício

Ainda assim, outras posturas foram colocadas. Mandacaru, por sua vez, destaca que a sua sexualidade não é algo que deva ser informado, mas caso surja naturalmente em uma conversa pode ser afirmada. A mesma coloca que isso não precisa ser assumido, revelado... pois assim como as pessoas heterossexuais não precisam reafirmar-se socialmente, ela entende que funcionaria da mesma forma quanto a homossexualidade.

Eu queria que falassem, porque eu dizia logo, porque eu não queria tipo ter de chegar para falar, queria que chegassem e me perguntassem porque eu não acho que eu preciso assumir, porque não é uma coisa errada que eu tô fazendo né? Se me perguntasse eu falaria. (Mandacaru, 19 anos).

Após a descoberta ou revelação, as famílias tiveram diversos posicionamentos, como Malva destaca:

Não permiti que ela se afastasse de mim no intuito de... tipo não liga, eu ligava mesmo que fosse para ela... como era que ela me chamava... 'ei, menino!' Olha eu toda menina, um batom desse tamanho nessa boca, e ela falava: 'oh menino! Agora vou ter que comprar cueca, ela falava isso no começo, vou ter que comprar cueca, tênis... começar pegar as roupas do seu pai e lhe dar para você usar'. E eu: 'mãe, eu não sou um homem, eu sou uma mulher que gosta de outra mulher, qual o problema que a senhora vê nisso? Eu não preciso me caracterizar e nem mudar minhas vestimentas, eu sou assim, eu gosto de ser feminina, eu gosto de usar um batom, isso não vai tirar minha feminilidade de jeito nenhum, eu não vou mudar fisicamente', aí ela não conseguia nem aceitar, nem entender... aí ela parou de me chamar de menino aí me chamava de filho, e eu respondia: oi, mãe!. (Malva, 20 anos).

Isso, retoma a ideia da fantasia parental em relação a mulher lésbica. No geral, os familiares acreditam que por ser lésbica a mesma deve performar a masculinidade e de alguma forma expressam isso através de seu discurso. Ainda no campo da fantasia parental, outro aspecto muito comum apresentado é acreditar que tais impulsos afetivos ocorrerão apenas por uma fase ou que o familiar pode repensar e mudar de posicionamento, como se pudessem desistir de serem lésbicas.

Entretanto, alguns familiares foram percebendo que com o passar do tempo aqueles posicionamentos iam permanecer, devido as interlocutoras se manterem ora negociando, ora resistindo as investidas de re-encaixe a norma heteronormativa.

Por meio da família, a religião adentra as vivências das pessoas. Contudo, nesse contexto o sexo vem sempre associado a ideia de reprodução, o que impõe a heteronormatividade como modelo padrão. Assim, desejos que se encontram fora do campo reprodutivo devem ser negados ou desconsiderados. As interlocutoras

apresentaram várias situações que precisaram negociar com a religião. Isso se torna mais evidente com as famílias de cidades menores que costumam ter uma vinculação mais estreita com os ideais religiosos e conseqüentemente direcionam seus membros ao exercício desta.

Diante disso, será apresentado aspectos da história de vida das interlocutoras onde houve destaque a interferência dos preceitos religiosos na forma como as mesmas se percebem diante da sexualidade dissidente. É o caso de Flor-de-cera, que resolveu posicionar-se frente a sua sexualidade, como apresentado no trecho abaixo:

[...] porque eu realmente assumi minha sexualidade para minha mãe, eu tive depressão, várias crises de ansiedade e ela ficou procurando uma razão, para isso né? E ela me levou no médico, foi quando ela me perguntou se eu era lésbica, se eu gostava de meninas, aí eu disse: 'sim mãe, é isso'. Ai ela: 'tudo bem, não tem problema, eu vou te amar do mesmo jeito'. Só que o que a religião falava para ela, que tudo bem eu ser lésbica contanto que eu não me relacionasse com ninguém, tava tudo bem, porque o pecado era eu praticar, então... na verdade, eu passei acho que um ano nesse sistema... só que não dava, a vida foi indo, eu conhecia pessoas e eu me interessava por as meninas e com o passar do tempo eu fui ficando muito deprimida porque eu tinha que me reprimir muito, eu tinha que controlar minhas amizades, eu tinha que esconder muita coisa, daí eu resolvi... comecei a me relacionar com a menina e está naquele relacionamento me deu uma... eu já queria sair de lá, só que me deu mais uma motivação, me deu mais força para isso, porque eu não tinha ninguém antes que me desse suporte, entendeu?. (Flor-de-cera, 18 anos).

A interlocutora traz nesse trecho um relato de como era e ficou a relação dela com a religião após perceber que se interessava por mulheres e permanecer por muito tempo se contendo e culpabilizando por uma sexualidade dissidente. Já que na sua religião relacionamento entre pessoas do mesmo sexo era algo ruim e se configurava pecado. Diante disso, foi preciso cuidados frente ao sofrimento psíquico gerado. Flor-de-cera destaca que teve depressão, crises de ansiedade e cogitou o suicídio. E acrescenta o quanto reprimir os sentimentos e desejos por meninas estava gerando esse sofrimento.

Além de todo sofrimento referente a repressão do desejo sexual, ela ainda teve que lidar com a doutrinação da igreja. Que, em casos de atos pecaminosos, forma uma comissão visando o arrependimento do pecador e remissão do pecado.

Ato descrito abaixo:

Quando eu cheguei lá, eles olharam para mim e perguntaram: você se arrependeu do que você fez? Eu disse: 'não, eu não tenho porque me arrepender, tudo o que eu fiz foi... eu estava consciente, eu fiz porque eu quis'. Então minha mãe até o último momento ela dizia que eu podia me arrepender, que eu podia mudar de ideia, que poderia ser tudo resolvido [...] (Flor-de-cera, 18 anos).

Como descreve Longaray e Ribeiro (2011, p. 120), a homossexualidade pela ótica das instituições religiosas é percebida como “antinatural, como abominação, como pecado”, já que não serve para a reprodução e conseqüentemente a constituição da família heterossexual. Adjetivando os dissidentes sexuais de anormais e desviantes.

A interlocutora destaca que na concepção da religião a homossexualidade é um pecado que você pode escolher ou não exercer, mas “optando” pelo pecado terá que assumir as conseqüências. E uma delas, dentro dessa religião, seria ser desassociada e perderia o acesso a todas as relações ali constituídas. Diante disso, a mesma descreve como foi passar pela comissão religiosa e sobre a reorganização com suas relações sociais a partir daquele momento:

Na verdade, é dois homens, três... dois que fazem perguntas e o outro faz o relatório sobre o que você está dizendo, então... como eu era menor de idade, minha mãe me acompanhou... mas isso pode ser totalmente perturbador para outras pessoas, porque eles tiveram um certo limite nas perguntas que eles iam fazer pra mim, mas para outras pessoas, eu já vi relatos que eles fazem perguntas totalmente constrangedoras e... é horrível. Eu passei bem por isso, porque eu acho que já tinha me preparado muito e também eu não acreditava mais nas coisas que eles acreditam, entende? Então não foi uma questão: ‘ah, eu vou sofrer com isso, é um pecado’, porque eu fui aos poucos fui vendo que não era, era só uma coisa que colocaram na minha cabeça, mas para quem crer realmente, é muito perturbador, porque além deles perderem, tem aquela coisa da culpa, eles vão cortar os laços com toda uma comunidade, porque eu sempre... a religião era tipo, tudo... minha base, meu convívio social, entende? Então, aos poucos eu tive que reconquistar tudo isso. Tô tendo que fazer novos amigos, então tudo que eu conhecia antes, a partir daquele momento eu tinha que aprender a viver uma nova vida. (Flor-de-cera, 18 anos).

Assim, a religião segue pelo viés da culpa na tentativa de adequação e controle de seus membros, e, como coloca a interlocutora, se o sistema de crença religioso estiver ainda como verdade, esse processo pode vir a se efetivar. Ademais, Flor-de-cera dá enfoque ao processo de reorganização social pelo qual teve que passar. Romper com a ideologia religiosa a qual estava sujeita, lhe custaria também romper com um velho mundo e ter que ocupar outros lugares e buscar outra rede de apoio social. Assumir uma sexualidade dissidente, implicaria, assim, em assumir outra vida, partindo de um lugar de exclusão e solidão.

Essa reorganização quanto à relação com a religião aconteceu tanto com as interlocutoras, quanto com os seus familiares. Elas destacam que algumas famílias

repensaram o modo como deveriam exercer sua fé, como descreve Rabo-de-raposa:

Não, tipo eu não acho que eles se afastaram da religião, assim de certa forma se apegaram mais, mas com outros olhos, não com aqueles olhos fervorosos, que tipo... de privar muita coisa, ou coisa do tipo... porque era aquela coisa, ou atura ou surta, tipo eu sempre soube que quando chegasse a contar aos meus pais, eles nunca iriam me expulsar de casa, isso era uma coisa que eu sempre soube, sempre tive certeza, mas tipo é aquela coisa, é melhor você mandar embora do que você ficar fazendo aquela pressão horrível lá dentro. Mas é isso... ai tipo eles começaram a ver com outros olhos, minha mãe ela tipo... porque a igreja católica daqui, pelo menos a matriz, o padre ele é maravilhoso, minha gente, ele é um amorzinho, ela chegou a comentar com ele sobre... ele: 'Oxe! mais da metade do pessoal do EJC (Encontro de Jovens com Cristo) é tudo assim, não tem menor problema, se ela é assim é porque Deus quis ela assim', blábláblá, aquelas coisas de religião. Aí eu sei que eu adorei porque ele falou isso, mãe ficou bem de boas, acho que ela ficou tipo: opa, tranquilo então... tudo certo, então tá tudo certo. Aí é isso. (Rabo-de-raposa, 18 anos).

Portanto, no caso de Rabo-de-raposa, houve um afrouxamento dos nós que a religião impõe. A sexualidade dela, levou a família a estabelecer outra relação com a doutrinação religiosa, que antes era absoluta e inquestionável. Além disso, a postura do padre acabou flexibilizando ainda mais essas posições da genitora, possibilitando que ela lidasse melhor com a sexualidade da filha.

Em contrapartida, Malva (20 anos) destaca que percebe que muitas famílias ainda tem um pensamento mais restrito com relação a homossexualidade por conta da religião e isso dificulta a aceitação delas:

Eles pensam assim, tem o pensamento da idade da pedra, mulher com mulher, homem com homem não existe, é doença, é errado, é pecado... ai onde vem a religião tudo de volta, que Deus disse que não pode, que Deus disse que é pecado, que vai para o inferno, e ai entra tudo isso.

Um posicionamento mais ligado a rigidez da doutrina religiosa acaba invalidando o processo de aceitação da família, que percebe a homossexualidade como algo do campo do patológico, e, como tal, faz parte de um mal funcionamento do psiquismo e necessita ser tratado. A posição absoluta de Deus não abre espaço para questionamentos ou rearranjos, e posturas rígidas e definitivas se instalam. Um só final se vislumbra: o inferno. E esse final é inaceitável, tornando também inaceitável a dissidência da sexualidade.

Assim também procedeu aos pais de Jitirana (25 anos), que ainda que católicos, não aceitam a homossexualidade da filha.

Por que é como ele fala, assim de uma forma... é do conhecimento que ele tem, meu pai ele só estudou até a quarta série se não me engano, então o estudo que ele tem é religioso, ne? E ai nesse dia, que a gente conversou todo mundo ele disse, que não era uma coisa de Deus, e ai eu: bom, eu não tenho certeza”, na época eu não tinha certeza, eu fui sincera, eu não tenho certeza sobre essa questão e ai vai ficar em aberto, um dia que eu souber eu explico, ia falar, conversar e tal.

A posição de Jitirana frente a afirmação do pai, de que a homossexualidade não é coisa de Deus, foi colocar-se no lugar de dúvida. E acabar adiando para o futuro um posicionamento mais seguro, como ela mesma coloca: deixar em aberto. A proximidade da família com aspectos religiosos mais rígidos leva a certo recuo devido a não aceitação.

Mandacaru (19 anos) descreve os conflitos por conta de alguns posicionamentos que são repassados pela religião de sua mãe e que as mesmas quando conversam sobre o assunto acabam entrando em atrito:

às vezes a gente briga por causa da religião dela, as vezes ela fala umas coisas... ai eu falo: ah, eu não tô nem ai... não quero saber dessa religião ai não, não gosto... mas é só a religião mesmo, a fé eu tenho, eu acredito em Deus, mas eu não gosto de religião. A gente briga muito, pega pau mesmo lá em casa.

As normas e preceitos religiosos da mãe de Mandacaru Ihe são impostos e causam incômodo na relação entre ambas. A genitora expõe a filha aspectos religiosos que ela rejeita impossibilitando um diálogo aberto. E, levando as duas para lados opostos. Enquanto a genitora segue a religião e partilha de suas regras e tabus, isso é exatamente o que Mandacaru rejeita, apesar de deixar claro crer em Deus.

Já Angico (26 anos), descreve como se dá sua relação com a fé atualmente:

[...] eu coloquei minha formação religiosa pra além da religião, minha construção de fé, de divindade mesmo... que eu acho que esse apego a divindade é quase que inerente a todo mundo, a quem negue e se torne ateu, ateia... mas pra mim eu preciso ter essa relação com o divino, independente de que religião eu esteja expressando isso.

Angico traz uma relação de desapego no tocante à religião, que é a instância que define as normas e regras através da doutrina, e busca apegar-se a uma divindade como algo maior, por crer na importância disso para si.

O que nos leva a pensar como a crença em uma divindade interfere nos modos de vida e em como nos subjetivamos. Apesar de nos ser ensinados, desde sempre, que a homossexualidade é um comportamento que foi aprendido e que Deus não havia autorizado, já que criou o homem e a mulher com o objetivo de uni-vos e multiplicai-vos.

Por fim, as interlocutoras destacaram que sempre foram estimuladas a compreender as relações a partir da ótica heterossexual e mesmo quando sentiam e desejavam outras meninas se culpavam já que tinham consciência que seria algo que traria sofrimento aos familiares devido as expectativas dos membros quanto ao casamento e maternidade.

Entretanto, colocam que sempre foram estimuladas a não ter muito conhecimento sobre seu corpo e que as orientações destinadas às mesmas quanto ao campo da sexualidade, restringiam aos cuidados com a menstruação e muito superficialmente sobre a prevenção da gravidez.

Enfatizaram que a ideia inicial sobre si e sobre as relações afetivo-sexuais com mulheres eram vistas a partir do viés da culpa por estarem fazendo algo que era considerado pecaminoso, negado pelas leis de Deus. Pois, quando os pais percebiam algum direcionamento para a sexualidade entre mulheres eram orientadas o quanto aquela prática era pecaminosa, e que resultaria em vergonha e sofrimento para a família.

Essas concepções foram sendo desconstruídas com entrada na juventude quando buscavam conhecer a si, procuravam informações para além do que os pais haviam orientado e/ou quando trocavam experiências com mulheres lésbicas e bissexuais.

## 5 MANOBRANDO BARREIRAS: INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES E NEGOCIAÇÕES COM O TERRITÓRIO

Um dos objetivos a que esse trabalho se propõe é conhecer como se dá as interações afetivo-sexuais das mulheres que mantêm relacionamentos com mulheres, somado a isso compreender as relações das mesmas nos espaços de sociabilidade. Em especial, esse capítulo descreverá as negociações realizadas no território da cidade e suas particularidades.

### 5.1 AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

As interlocutoras descreveram alguns aspectos que contribuem para facilitar as interações afetivo-sexuais entre mulheres, como: os amigos em comum, aplicativos de namoro, redes sociais, entre outros. Cabe destacar também o “rebuçeteio” que é bastante conhecido pelas lésbicas e se refere a uma possibilidade de circuito de relacionamento entre as mulheres, como vai ser melhor discutido posteriormente.

O fator mais destacado pelas interlocutoras foram os amigos em comum. Funcionando como fonte de contatos entre as mulheres, colocam que os amigos fazem a aproximação através das afinidades, relatam sobre a abertura para se relacionar com mulheres, tomando como referencial aspectos em comum, na medida que muitas vezes os laços se estreitam entre elas. Os amigos em comum descrevem que as mesmas têm afinidades em comum e direcionam, como descrito abaixo:

[...] meio que assim... o grupo de amigos chegam: ‘oh, aquela menina tá interessada em você, ou então tem uma amiga minha ‘que curte’, você quer que eu ajeite, apresente e tudo mais’. Ai já fica mais fácil... porque tem amigos que conhece outras pessoas e acabam apresentando e conhecendo mais e mais. (Mucunã, 19 anos).

Além dessa estratégia, as interlocutoras fazem uso do aplicativo *Tinder*. Que se destina a facilitar encontros entre pessoas que objetivam relações afetivo-sexuais. Essa ferramenta faz a seleção de perfis que encaixem nas escolhas dos participantes, isso considerando o território e a distância em quilometragem que as pessoas estão dispostas a percorrer para conhecer alguém. A partir das fotos e informações prestadas pelos usuários é possível sinalizar interesse ou não. Caso as

duas partes demonstrem interesse gera um “Match” (combinação de interesse), que abre possibilidade para uma conversa por mensagens privadas e maior aproximação.

As entrevistadas descrevem que, por mais que o *Tinder* seja uma ferramenta muito utilizada por homossexuais e heterossexuais, não temem expor neste a busca de relacionamentos com mulheres, mesmo quando não são assumidas quanto a sexualidade para a família. E que por mais que não seja a primeira fonte de interações afetivo-sexuais, é um meio bastante utilizado. Inclusive um dos casais entrevistados na pesquisa se conheceu através do aplicativo.

Ainda se falando sobre o uso da internet e suas ferramentas, os aplicativos de redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) são bastante utilizados para a paquera e iniciar as interações afetivo-sexuais. Algumas entrevistadas descrevem que a partir dos contatos dos amigos, descobrem quando uma mulher se relaciona com mulheres e aproveitam as redes sociais para afinar o contato. Através de curtidas nas fotos, interação através das histórias, até estreitar os laços.

Por exemplo, alguém vê um Instagram, aí diz: opa, tudo bom? Ai fica aquela conversinha ai depois marca de sair, ai marca para comer alguma coisa, um lanche, ai sempre a pessoa tá na concha com a pessoa, ou a gente sai para casa de uma ou da outra, geralmente eu sempre vou para casa da pessoa nunca vão para a minha, porque como tem muita gente na minha casa eu nem levo, nem passa. (Rabo-de-raposa, 18 anos).

De acordo com Miskolci (2009, p. 65), as plataformas de socialização é uma maneira de “formar redes relacionais sem necessariamente frequentar boates ou bares gays”. Além disso, isso aconteceria de modo protegido, manobrando a vigilância e evitando a exposição para as que mantêm a sexualidade dissidente em segredo, assim como retaliações sociais.

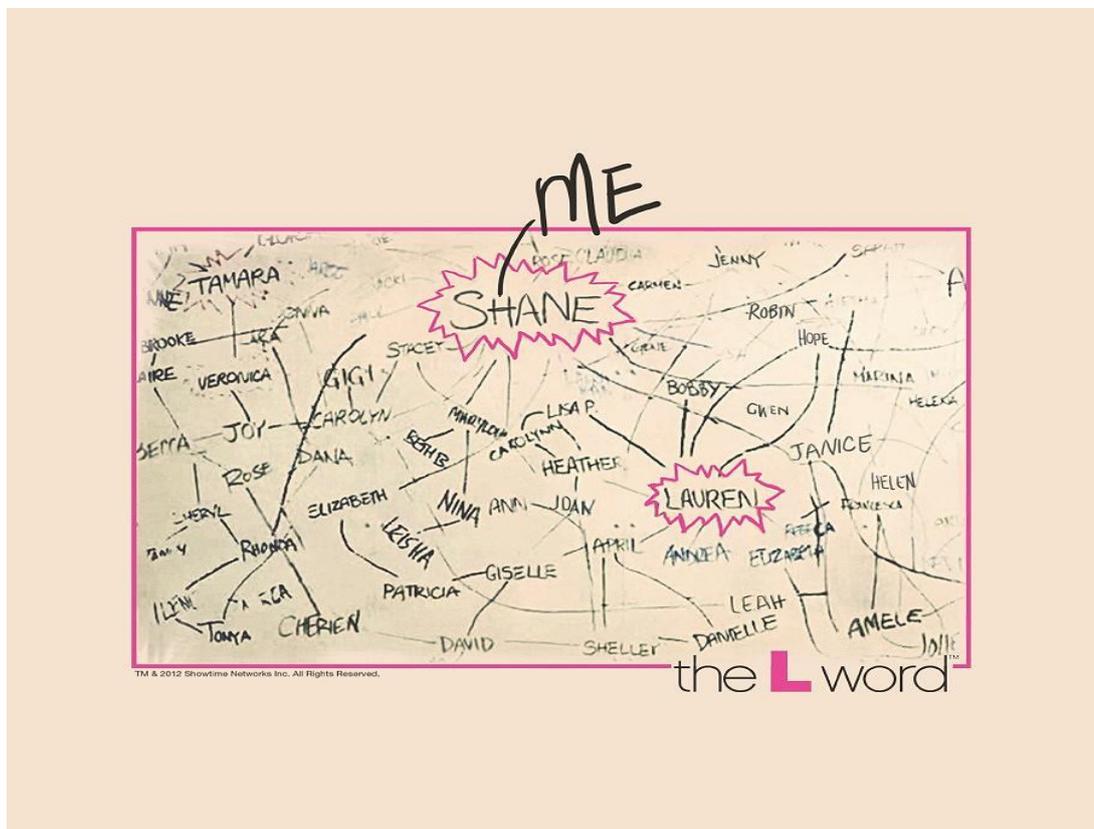
Guacira Louro (2008) descreve que estamos constantemente sofrendo transformações na história, na cultura e que isso interfere nos modos de ser e viver. Isso repercute nas quebras de impedimentos com relação as normativas de gênero e sexualidade, como também abriu possibilidade para os relacionarmos afetivos através dos meios virtuais. Questiono se essas interações através das redes sociais seria um aspecto geracional, já que há uma tendência na atualidade a interagir através das mídias sociais. Ou se isso se deve a um traço mais intimista para fazer investidas amorosas. Acredito que a interação de tais aspectos seja a resposta, já

que através das trocas seria possível anonimato, mas também espelhamento/reconhecimento.

Outro aspecto apresentado pela rede de colaboradoras da pesquisa foi o Rebuceteio, um fenômeno que sempre está presente nas interações afetivo-sexuais entre mulheres. De origem desconhecida, mas conhecida por todas; significa basicamente a rede de relações entre lésbicas, na qual as relações afetivas e/ou sexuais acontecem entre lésbicas que pertencem ao mesmo grupo, como Quipá (19 anos) descreve:

Todo mundo fica com todo mundo. Vai todo mundo para uma festa, eu, você e Thor<sup>14</sup>... aí hoje eu fico com você, aí amanhã tem outra festa aí você vai e fica com Thor, aí depois de amanhã tem outra e aí eu fico com Thor também. Porque simplesmente a gente é amigas e achou Thor interessante, você beijou, disse que o beijo dele é bom, eu vou lá e vou querer beijar também.

Esse modo de interação afetivo-sexual entre lésbicas, é descrito no seriado “The L Word”, que representa um quadro com os relacionamentos vivenciados na trama entre as personagens, e que reflete os relacionamentos lésbicos no cotidiano, como pode ser apresentado a seguir:



<sup>14</sup>Nome fictício

Vale salientar que Rebuceteio também ocorre em cidades maiores, mas parece ganhar outro sentido em cidades menores. Pois, como as interlocutoras descrevem, passa a sensação de ter que repetir de ‘figurinhas’, já que não teria tantas opções assim. Algumas interlocutoras colocam este fenômeno com certo desconforto, outras brincam com a situação. E acrescentam que a tendência dos ciclos do rebuceteio é agregar mais participantes, já que observam que as meninas estão investindo pouco em namoro e buscando permanecer com relacionamentos mais casuais.

A busca por relacionamentos mais casuais é um contraponto nas vivências quanto aos relacionamentos lésbicos. No imaginário coletivo é comumente colocado que as mulheres lésbicas investem mais em relacionamentos mais fechados e duradouros, diferentemente dos gays. E que isso aconteceria justamente pelas meninas serem incentivadas a investir no amor romântico desde a infância. O que não quer dizer que elas se restrinjam a se relacionar afetivamente em detrimento de sexualmente. Porém, como Louro (2009) aponta, as mulheres são ensinadas a investir menos na esfera sexual do que os homens e se mostrar aberta a debater tais assuntos ainda é tabu e demanda um processo de desconstrução do que foi nos ensinado. Peso das questões de gênero que possibilitam aos homens uma vida sexual ativa e as mulheres uma vida regrada.

E por mais que o rebuceteio seja um assunto recorrente e cotidiano, não foi encontrado pesquisas sobre tal fenômeno bastante conhecido entre as mulheres que se relacionam com mulheres. Além disso, é um aspecto importante a ser discutido por existir uma roda de solidariedade que sustenta o rebuceteio.

## 5.2 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Para iniciar falando desse tópico, será apresentada a fala de Angico, que retrata o uso dos espaços de Serra Talhada pela comunidade “alternativa”:

[...] no início dos anos 2000, eu acho que até historicamente o grande espaço de lazer sempre foi a praça da (igreja) matriz, Nossa Senhora da Penha<sup>15</sup>, mas aí no início dos anos 90 e início dos anos 2000 uma outra comunidade jovem começa a tomar de conta daquele espaço. Não é mais

---

<sup>15</sup>Praça Doutor Sérgio Magalhães, praça central da cidade e que fica a 500m da Praça da Concha Acústica de Serra Talhada

só o branco burguês conservador católico que sai da missa e vai sentar na praça com a namorada, ali tem gente que vai para fumar um cigarro, que vai fumar maconha, tem gente que vai para tomar cachaça, tem gente que vai para transar, sei lá, enfim... tinha de tudo na praça nesse período, todo tipo de jovem. Os jovens serra talhadense tavam muito mais antenados e globalizados do que o jovem interiorano da época do meu pai, do seu pai... enfim. E aí basicamente era aquele espaço e quando começou a criar outros espaços de lazer para essa população LGBT era promovida por ela própria, era algumas pessoas que estavam um pouco mais velhas, que tinha um pouco mais de consciência política ou queria fazer algo diferente que fazia uma festa em uma pizzaria<sup>16</sup>, em algum clube da cidade, é.. que reunia a galera em algum lugar, e queria promover alguma coisa diferente, depois de um bom tempo começaram a surgir as paradas da diversidade, que sempre tinha o nome de parada gay, até hoje não é chamado por parada da diversidade ou parada LGBT, é parada gay, e lésbica, bissexual, transexual, travesti e queer esse resto da galera nunca existiu na cidade. Em Serra sempre teve representações muito claras dessas pessoas, de todas essas classes, e... era praticamente isso. Hoje em dia tá mais diversificado, porque eu acho que essa população se sente mais à vontade de ocupar espaços historicamente héteros, de ir para bares que a gente sabe que é historicamente hétero.... mas de vez ou outra a gente encontra um grupinho lá no meio, até nas festas também. Mas eu acho que quase como todo interior não tem incentivo público e quando tem alguma atividade desse tipo é promovida por nós mesmos, de forma bem informal e enfim é isso... e agora a gente tem a concha né? Que é o lugar de tudo e de todo mundo. (Angico, 26 anos).

O que foi descrito por essa interlocutora também é apresentado pelas demais. A Concha é colocada como o principal ponto de sociabilidade LGBT, já os outros espaços (bares, restaurantes e festas) são descritos como “espaços héteros”, onde nem todas as dissidentes se sentem abertas a possibilidade de demonstração de carinho, por mais que frequentem com suas parceiras.

A concha se torna, em especial, lugar de encontro do público LGBT, possibilitando encontros e trocas de afetos, como demonstra a fala abaixo:

Quando a gente tá andando na rua a gente não anda de mão dada, só anda perto mesmo... não anda de mãos dadas, não se toca, não se beija, a não ser quando a gente vai para a concha que é um lugar que todo mundo tá lá, que é um lugar que ninguém liga e tal... a gente se sente mais à vontade lá. Para pegar na mão e beijar. (Xique-Xique, 19 anos).

Nessa fala, é possível perceber também uma duplicidade nos modos de se posicionar, ora precisam negociar com as normativas heterossexuais e ora é possível exercer livremente a sexualidade. Isso varia de acordo com o local em que a mulher lésbica esteja inserida. Esses lugares que acolhem as variadas formas de afetos, facilitam a expansão dos vínculos de amizade e suporte social.

---

<sup>16</sup>Ainda acontece muitas festas em pizzarias que possui espaço para festas, quadras de esportes e clubes, onde o público frequentado é predominantemente LGBT. Esses espaços também são utilizados para calouradas proporcionadas pelos estudantes das instituições de ensino.

Outro lugar de sociabilidade LGBTQI é o bar Espaço Concha's. Para caracterizar melhor o funcionamento do bar em questão, será apresentado um trecho do diário de campo de uma das baladas realizadas no local:

Na abertura da balada, foi cobrada uma entrada e nos foi dada pulseira de identificação. Acessamos a parte interna do bar. Já tinha ido no espaço em outros momentos, mas o mesmo estava diferente, pois havia ocorrido o desabamento do teto e foi realizada uma reforma a um tempo atrás. No primeiro espaço tem uma mesa de sinuca logo na entrada, mas não havia ninguém a utilizando, logo na frente o balcão do bar (que é um para-choque de uma Kombi, onde tem dois atendentes no momento, no lado esquerdo tem uma salinha, que geralmente tem alguns brechós, mas não estava funcionando no dia. Nas paredes era possível ver alguns estêncis, onde tinha algumas personalidades, como: Lula, Dilma, Frida. Seguindo em frente, na próxima porta a esquerda era onde o público estava reunindo, o Dj já estava tocando, mas as pessoas ainda estavam aquecendo. O público estava misto, mas tinha uma presença maior de mulheres, permaneciam em grupo. Algumas interlocutoras da pesquisa permaneciam no mesmo grupo. O espaço de dança não é muito grande, tem pouca visibilidade e pouca ventilação, o que exige roupas mais leves. E assim, a maioria se vestia, com shorts, camisetas, calçavam tênis ou sandálias rasteiras.

A maioria das mulheres que se conheciam permaneceram num grupo maior e dançando todas juntas. Estavam bem ambientadas e em alguns momentos solicitavam músicas ao Dj, que tocavam na parte superior... quando as músicas tocadas respondiam ao repertório, as mesmas se animavam mais e cantavam um coro só. Quando não era uma música de muito ibope no rolê, aproveitavam o momento para ir ao banheiro, comprar bebidas e circular pelo espaço.

O terreno do bar é bem extenso, antes funcionava a casa do artesão de Serra Talhada, se configurando como uma casa antiga e possuindo várias subdivisões. Em um desses momentos de menos movimentação na área de dança, fui ao banheiro e no trajeto foi possível ouvir em outro "quarto" uma banda ensaiando e enquanto estávamos na fila do banheiro podíamos escutar outro repertório musical. Quando chegamos na porta do banheiro, os mesmos não tinham indicação que fizesse referência ao gênero das pessoas (o que não é rotineiro nos outros espaços públicos da cidade), as pessoas se organizavam em filas aleatoriamente. Na porta de um dos banheiros tinha cerca de 4 mulheres e 1 homem (meio fora da fila

conversando), permaneci nessa fila, como maneira de obter mais tempo de observação. Na fila do segundo banheiro, tinha dois homens e uma mulher. Enquanto isso, duas mulheres que não estavam nas filas, estavam se paquerando... as duas apresentavam performances femininas e uma delas estava demonstrando mais iniciativa na investida, até que sai um beijo, todo mundo segue naturalmente o ritual do banheiro.

Se aproximam dois rapazes, que demonstraram não ter tanta intimidade com o ambiente e também apresentavam um estilo diferente das pessoas que frequentam aquele espaço, os mesmos vestiam camisa gola polo, calça jeans e sapatênis... perguntam onde é o banheiro masculino, uma menina direciona os rapazes para a segunda fila e o rapaz que estava posicionado fora das filas e conversava com umas das meninas coloca: *“aqui não tem isso de gênero, não, usa o banheiro que quiser”*, os meninos seguiram para a segunda fila que era a que estava mais vaga e foi a que mulher havia indicado inicialmente como banheiro masculino. Utilizei o banheiro e retornei para o espaço de dança.

Algumas pessoas já transitavam por outros espaços do local, alguns dançavam no primeiro espaço da casa, outras se apoiavam na mesa de sinuca. Uma parte do público permaneceu nas mesas na parte externa do bar. Havia uma expectativa maior para o primeiro Dj, por o mesmo tocar músicas mais próximas ao funk e possibilitar “mexer a raba”, o segundo Dj tinha uma trilha sonora mais próxima ao ritmo trance e isso não possibilitava muitas performances. E foi quando o segundo Dj começou a tocar que foi possível perceber mais mulheres se beijando, mas também foi o momento que as pessoas começaram a circular mais e devido ao calor do espaço, algumas iam para a praça para se refrescar e permaneciam uma parte do tempo na parte externa (em frente ao bar). (Trecho do diário de campo do dia 13 de julho de 2018).

Além do bar ser um espaço de sociabilidade, onde os jovens podem ir para dançar, curtir e conhecer pessoas novas. É também um espaço carregado de significados afetivos por parte desse público por acolher e lutar pelas demandas do público dissidente. Com certa frequência, o espaço é utilizado como ponto de discussões e debates sobre pautas ligadas aos Direitos Humanos, como também é caracterizado com um espaço que combate qualquer tipo de opressão e discriminação. Contudo, algumas jovens também se utilizam de outros espaços para essa troca de afetos.

Como pontuado por James Green (2000), nos anos 50 era presente a utilização dos banheiros públicos, dentre outros, como ponto de encontro de homossexuais masculinos. E coloca que devido à pouca ou nenhuma autonomia financeira precisavam reinventar formas de se encontrar para trocas afetivas e/ou sexuais. As interlocutoras reafirmaram o uso desses espaços, pois como muitas vezes “rolava um clima” em lugares de circulação comum recorriam a banheiros públicos como uma forma de trocar beijos e carícias e não serem percebidas. Como exemplificado abaixo:

[...] a gente ficou de férias do primeiro ano, na casa de uma amiga da gente, viramos a noite bebendo, fui no banheiro e aí vieram três... amiga, abre a porta, não sei o que... sim, eu tô aqui... não sei o que, abre a porta, a gente tá apertada... tá bom... quando cada uma terminou, uma vira para mim e fala: ‘beija a gente’ e a pessoa beba, a pessoa, eu mesmo só sei dar risada, aí eu disse: ‘como assim, menina?’ Oxe... não, é sério, beija a gente! A gente quer saber como é beijar uma menina, não sei o que... você que já beija menina... eu beijo, mas e vocês? Se beijem e vão saber como é que é, eu não vou beijar vocês, até porque não tinha ne? Conexão nenhuma, era só amizade, aí ficaram nisso... beija a gente, beija a gente, e eu não... e sai. Vem bebida, vem bebida, vai hora... e essas meninas ‘beija a gente, você vai ficar com a gente’, aí eu: ‘o que é que eu tô fazendo aqui que não tô beijando essas meninas?’, aí eu fui beijar essas meninas, aí eu beijei a primeira, a segunda e a terceira... aí depois ‘ah, vamos dá beijo triplo, depois ah, vamos as 4’... e aí virou uma bagunça já ne? Risos. Mas foi divertido. (Malva, 20 anos).

ela chegou assim e vamos ali comigo, eu senti na hora, é agora... eu: ‘porra, fudeu... eu tô comendo salgadinho de cebola, não tem problema?’ Ela: ‘não, tem não...’ (risos) eu avisei antes porque eu fiquei morta de vergonha, aí eu peguei... ela me puxou para dentro do banheiro aí a gente se beijou, aí ela beijou e disse assim: ‘tava comendo salgadinho de cebola?’ Eu: ‘eu disse a você, coma um por favor para eu não me sentir tão constrangida’ (risos) aí ela comeu um pouco aí a gente comeu e pronto, foi isso. E se beijamos. E depois saímos e fiquei tipo... olha não conseguia nem disfarçar a cara, sei que eu consegui passar o resto da semana rindo assim, oh (fazendo uma cara de felicidade, demonstrando o maior sorriso que poderia fazer). (Rabode-raposa, 18 anos).

Acrescentam que foram em espaços assim que obtinham trocas no início da juventude até pela impossibilidade de ambientes seguros. E mesmo que não fossem utilizados com muita frequência, era uma alternativa de vivenciar a sexualidade sem exposição. Ocupam esses espaços, em sua maioria, mulheres mais jovens já que as dissidentes com mais idade, estão envolvidas em relacionamentos mais estáveis e circulam em espaços mais privados ou tem maior poder aquisitivo, o que possibilita outras opções de sociabilidade.

O que pretendo problematizar aqui é que as interlocutoras colocam que estão constantemente negociando com o território e fazendo o jogo de luz e sombra. E

assim teriam baixa visibilidade em espaços mais tradicionais e maior visibilidade onde as relações afetivas/sexuais entre mulheres, em especial, são possíveis.

Não podemos deixar de destacar quanto esse território é polarizado quanto as suas repercussões. Com a expansão das mídias sociais, as notícias das cidades são rotineiramente divulgadas através de blogs, é a maneira de exercer a imprensa local em cidades menores. Assim, tanto a Concha quanto o referido bar se tornam alvos constantes de críticas e denúncias.

Porque o pessoal se conhece, é bem tranquilo, e sempre quando você vai, o pessoal vai com os amigos dá um rolezinho lá, aí é isso, é mais fechado, é menos acessível a todo mundo, e fora que o pessoal daqui bota uma fama na concha dizendo que só tem maconheiro e drogado, mas não pow... tem em todo canto[...] (Rabo-de-raposa, 18 anos).

Por conta da repercussão, esses locais se tornam alvo de ações policiais que se justificam no uso de drogas ilícitas.

Tem uso de drogas em todas as praças da cidade, mas sempre teve uma polarização entre essas duas praças, porque a praça Sérgio Magalhães é lugar do branco burguês que desce da missa e vai curtir aquele lugar de fala, que foi uma praça muito importante da cidade, que a matriz é onde a população rica e branca frequenta e expressa sua fé, enquanto a concha era um dos poços de escravos da cidade, e onde a igreja foi construída por escravos, que recentemente foi legitimada como Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e é um lugar marginalizado... por... isso.. assim... por natureza. E a população que é vista como marginal, que ocupa esse lugar é para tentar se empoderar, e perder a história dele é marginalizar duas vezes mais e escantear enfim [...]” (Angico, 26 anos).

Desse modo, surge o seguinte questionamento: já que sabemos do consumo de drogas em outras partes da cidade, porque o espaço se tornou alvo constante de controle e vigilância policial? Qual realmente é o incômodo produzido pela ocupação daquele espaço? Até que ponto a intervenção policial funciona como modo de dispersão da população LGBTQI e enfraquecimento da resistência?

### 5.3 NEGOCIANDO COM A CIDADE E OCUPANDO TERRITÓRIOS

Um dos destaques desse trabalho é discutir sobre as dissidências fora das grandes cidades, e não foi uma tarefa fácil. Como apresentado mais acima, as mulheres buscam estratégias de interações afetivo-sexuais que garantam certa proteção dos ataques moralistas. Quanto aos espaços de sociabilidade, restringem as demonstrações de afetos aos guetos homossexuais. Mesmo quando assumidas, ainda precisam estar em constantes negociações com as construções que sustentam a heterossexualidade compulsória e as instituições que a perpetuam.

Isso, levou muitas das mulheres que foram contatadas para a pesquisa a se mostrarem receosas quando apresentado o objetivo desta. Ademais, negaram qualquer envolvimento afetivo-sexual com mulheres como forma de evitar falar sobre o assunto... outras, até afirmaram algum envolvimento com mulheres, mas tinham receio de que fossem expostas ou descobertas, o que é compreensível. Afinal, quantos medos estavam ali entrelaçados, quantas negociações não são feitas todos os dias para manter a sua “segurança”?

Essa exposição provocada pelo território se mostrou como uma dificuldade para alcançar mais interlocutoras, mas reflete também as tensões que precisam ser negociadas dentro desse contexto. E por mais que Serra Talhada não seja uma das menores cidades da Região, o forte diálogo e trânsito com as outras cidades, assim como as tensões provocadas pela personalidade das relações, nos fazem sentir ameaçadas e vigiadas.

Com relação a vigilância, algum dos aspectos que chamam a atenção de familiares e vizinhos é a performance apresentada pelas mulheres. Caso apresentem uma performance mais próxima a masculina a vigilância se acentua.

E nós lésbicas que não performamos essa feminilidade desejada... a gente é muito comparada a homem, seja sutilmente, seja com o olhar, mas uma hora ou outra rola. E quem é lésbica que performa feminilidade sempre tem aqueles comentários machistas “que nem parece”, que é hipersexualizada, que isso também acontece, não é o meu caso, mas várias e várias amigas minhas são alvos de “mas tu é tão bonita e tu é lésbica..”, “ah, é lésbica porque não achou um homem que te fizesse feliz”, graças a Deus que não achou, se ela é lésbica é porque achou alguém que a fizesse feliz (risos).... de outro jeito ne?! É um falocentrismo tão voraz, que é muito sustentado pelo homem. (Angico, 26 anos).

Ainda sobre as possibilidades de performance, Xique-Xique retrata:

Primeiro, se você... mesmo que você não tenha nenhum relacionamento, mas veem você andando com uma menina que se veste de forma masculina e tudo mais ai já causa olhares, o pessoal... acho que é porque tem muito aquela questão, de tradicionalismo aqui... eles não aceitam ou nunca viu, não sei. (Xique-Xique, 19 anos).

Esse fator interfere nas interações afetivo-sexuais, já que a interlocutora colocou que por diversas vezes sua genitora exige afastamento quando suas amigas apresentam performance masculinizada por compreender que isso as fazem lésbicas. Lívia Toledo (2008) problematiza o estereótipo que “lésbicas são masculinizadas” apontando que as construções sociais direcionam o que é

masculino e feminino, e contrapõe colocando que as características de gênero estão presentes em todas as pessoas, tanto femininas quanto masculinas. Então, apresentar uma performance mais próxima ao que é considerado masculino não as fazem lésbicas.

As colaboradoras da pesquisa declararam que percebem a pressão por adequamento, mesmo de pessoas que não tem proximidade, através dos olhares, quando apresentam uma performance mais próxima ao considerado como masculino. Acrescentam que concomitante a isto, são cobradas quanto aos papéis sexuais femininos, como demonstra o trecho abaixo:

Se Lampião era o cabra macho, Maria bonita que era também a figura que deve ser seguida, a mulher que obedecia seu homem entre muitas aspas, mas que tava ali ao lado dele. E ai ser mulher lésbica no sertão Pernambucano, bichaaa... é complicado porque as vezes querem igualar a gente a que quer ser um homem, e ai se você não performa feminilidade você é homem, quer ser homem, ai você quer ser tratada como homem, ou ser tratada de uma forma... te subjugar até você virar mulher entre aspas e performar essa feminilidade que é aceita, e eu não performo tanto assim... apesar de não me achar muito masculinizada, só as vezes enfim [...]  
(Angico, 26 anos).

Como já foi citado anteriormente, estamos em terra de Lampião, e essa figura masculina prevalece entre as histórias da cidade, assim como as representações em torno dos personagens se expandem para os habitantes do município, principalmente no que se refere aos padrões de gênero. O homem Lampião, aquele que impera masculinidade, autoridade e poder; a mulher Maria Bonita, que por mais que tenha rompido algumas normas impostas pela sociedade, permanece a sombra da figura masculina.

Além disso, as terras do Nordeste Brasileiro, principalmente seus interiores, carregam tradições de coronelismo e forte patriarcado. Foi muito vigente o poder de decisão e autonomia restringir-se apenas aos homens, estes que iriam definir até sobre o uso do corpo feminino. Conseqüentemente, as mulheres que almejam esse poder de decidir para si, são percebidas como alguém que deseja “ser homem”. É essa lógica que sustenta também a violência contra as lésbicas, onde tais práticas objetivam adequamento das mesmas, seja no quesito gênero ou sexualidade.

Ainda com relação a definição quanto as construções sociais de homem e de mulher, Flor-de-cera apresenta:

Tem muito aquela construção de que é homem, mulher, tem que ser assim, 'ah, isso é coisa de viado', eles realmente falam assim... e eu acho que para as mulheres é uma questão forte, porque quando a gente se posiciona que a gente não se submete, aos homens nem mesmo na questão sexual porque para as outras mulheres, elas se desvinculam dos homens em outras relações, mas elas ainda continuam se relacionando com eles. Acho que ser lésbica em uma cidade assim que tem muito a masculinidade, é muito imposta e as mulheres se submetem a ela, é uma afronta mesmo. Você diz: 'não, eu não vou me relacionar com homens', e é uma coisa muito que... eu acho que as vezes pode soar como um insulto para a sociedade. (Flor-de-cera, 18 anos)

Na terra onde o homem tem o poder, querer se posicionar contra as normas é considerado um insulto. A subversão é algo que vai ser constantemente vista como ameaça.

Ainda pensando o que é colocado como autorizado para as mulheres ou não, Angico traz as dificuldades quanto a restrição de espaços para as mulheres, em que foi constantemente estimulada a ocupar espaços domésticos. Vale salientar que esses aspectos não são apenas direcionados para as mulheres que contrapõe a norma hegemônica da sexualidade, mas se expande para todas em geral.

Na adolescência, até uns 17, 18 anos, era bem mais enfático, de sempre eu sair de casa com os meus amigos e a vida boemia da comunidade, da população LGBT de Serra Talhada é bem intensa e marginal, mas é intensa. E eu queria viver aquilo, mas pelo fato de ser mulher e viver numa família extremamente machista a ponto de não ser LGBTfóbica, mas machista é muito e ai eu não podia fazer certas coisas, não podia chegar em tal horário, não podia sair sozinha e fazia tudo isso a rebelia mesmo, sempre com muito embate, com muito mal estar dentro de casa, mas acontecia. (Angico, 28 anos).

Destinar a vida ao núcleo familiar, assim como apresentar uma sexualidade recatada é a imagem positivada da mulher, imagem essa que é perpetuada. Porém, a mulher que nega ser cautelosa e submissa é constantemente direcionada para ajustamento, poder esse geralmente exercido pelas figuras maternas da família, que são responsabilizadas pelos cuidados da prole. Assim, a família exercia um controle sob a interlocutora de modo que gerava acentuados conflitos como meio de colocá-la em ordem e objetivando também evitar comentários que pudessem atentar contra a moral do núcleo familiar.

Quanto às negociações com o território Angico coloca que os corpos dissidentes incomodavam nas suas expressões e que a repercussão se dava de modo negativo, mas que os amigos acabavam exercendo uma função de espelhamento para ressignificar a forma como se percebiam, como demonstra a fala abaixo:

A comunidade, a população homossexual de Serra Talhada sempre se encontra em determinados lugares que acho que com as relações de amizade você se sente seguro, e fora dela era bastante hostil, de poder sair, de poder expressar a sexualidade namorando... e aí meados dos anos 2000 e pouco, que foi quando essa turma foi crescendo, que foi o maior burburinho na cidade, que os emos estão tomando de conta, que só tem viado e sapatão na cidade, foi que foram se aproximando as turmas, tinha muita pegação, tinha muita pegação, todo mundo se pegava com todo mundo, menos eu. (Angico, 26 anos).

Malva apresenta também como a personalidade é característica nesse território:

E aí, um certo dia a gente tava bebendo de novo, parece que eu não faço outra coisa... uma das meninas que era Joana<sup>17</sup>, ela tava com uma mão no meu ombro eu tava sentada, ela ergueu minha cabeça e me beijou, na frente de todo mundo no aniversário dela, e eu fiquei tipo...(expressão de chocada) e todo mundo olhando, ninguém disfarçou, eles nem tentaram disfarçar, eles olharam mesmo e aí qual a explicação de tudo isso, Brasil? E aí não tinha o que dizer, eu: 'eita, Rayanne<sup>18</sup> tá é bêbada' (risos). Amiga, mulher, vai deitar um pouquinho'... (risos). E aí no outro dia, meu amor... 'Malva, a filha de Alberto<sup>19</sup>, sapatão...' era só o que o povo falava, era... aí pronto, saíram o bafafá... dentro da escola era só o que o povo falava. (Malva, 20 anos)

A colaboradora da pesquisa coloca que em cidades pequenas as pessoas são conhecidas pela árvore genealógica. É sempre referenciada por ser filha de alguém, pois é comum nas cidades pequenas as pessoas se reconhecerem pelas famílias as quais pertencem, assim como as relações constituídas entre uma família e outra. E dessa forma, boa parte da população se (re)conhece nos espaços do território.

Por conta dessa familiaridade, as famílias são cobradas quando um membro realiza alguma transgressão. A fofoca como apresenta Elias Norbert (2000) se caracteriza como um fenômeno dependente, pois se norteará a partir das crenças, normas e relações construídas socialmente naquela localidade. Desse modo, serve como um instrumento para pressionar a família para realizar o adequamento do transgressor, já que a moral da família seria colocada em xeque.

Como nessas localidades as redes de relações são bem próximas, existe uma preocupação exacerbada com a reputação. Desse modo, as pessoas cogitam não realizar algumas ações, pois irão "ficar faladas" e envergonhar toda a família. Resumindo, a pessoa indicada na fofoca é o alvo de controle, assim como a fofoca serve de instrumento para sustentar o estigma de alguém que não zela pela sua

---

<sup>17</sup>Nome Fictício

<sup>18</sup>Nome Fictício

<sup>19</sup> Nome fictício

honra e nem a de sua família, traço de moralidade bem acentuado em cidades menores.

Sabem daquela coisa bem de perceber, mas em momento algum, principalmente meu pai teve “vamos sentar e conversar...”, eu sou lésbica, namoro com tal pessoa e tal... nunca teve muito disso, mas meu comportamento e o comportamento da minha irmã e... as histórias, ne? O que o povo fala na rua, que isso é bem de interior mesmo, sempre rolou essa conversa.”(Angico, 26 anos).

Malva também retratou sua experiência com relação as fofocas:

Aí começou o falatório, andávamos sempre juntas, nenhuma era flor que se cheire, e aí perceberam que algo mais ali, que a gente não tava mais ficando com os outros meninos, só andavam as mulheres e quando vinha alguém para ficar não queria. Ah, se você dar um fora em um homem, então é porque você é lésbica, na língua deles, sapatão. (Malva, 20 anos)

Residir em uma cidade pequena é como se houvesse um quase total controle, no qual seus genitores não precisam estar presentes constantemente, pois existem muitas formas de vigiar.

é, porque digamos assim, porque tem muita gente ainda que os pais não sabem, mas tipo... mesmo que todos os amigos saibam... por morarem aqui e terem família aqui não podem saber, ai muitas vezes você vai para casa da pessoa para poder ser mais discreto e ser mais confortável, porque é muito chato tá com alguém e a pessoa ficar... (faz expressão de como estivesse sendo vigiada)... ‘não, não... agora não...’ isso sabe? E é tanto que por exemplo para se relacionar aqui em Serra, muitas vezes quando uma é assumida e a outra não é, aí é complicação é essa, ou quando um é e o outro não é, ou quando os dois é... mais ou menos assim. Por exemplo, minha primeira namorada não era, eu também não era, mas eu era mais tranquila, na verdade que a gente só ficava quando a gente tava em casa, quando a gente saia pro rolas a gente nem pegava na mão direto, morrendo de vergonha, mas morrendo de vontade, ai pronto. Mas ai, quando eu tava com Joana<sup>20</sup> a gente já era mais de boa só que, por exemplo, é o pai dela não sabia e nem podia saber, porque o pai dela é bem mais bruto, ai lá na faculdade como tinha mais gente que conhecia ela, que ela morava em outra cidade ai ela vinha e voltava todos os dias e no carro tinha pessoas que conhecia a família e tudo, ai na faculdade a gente não tinha tanta liberdade assim, mas salas estão ai para isso. (Rabo-de-raposa, 18 anos)

Desse modo, mesmo em uma cidade que não a sua de residência, Rabo-de-raposa e a namorada ainda não gozavam de liberdade de expressão de sua relação, devido à vigilância a que estavam sujeitas por um grupo de sua cidade ultrapassar os muros e também está presente em Serra Talhada.

---

<sup>20</sup>Nome Fictício

Diferentemente aconteceu com Mucunã, que ao sair da sua cidade de origem e mudar para Serra Talhada abriu seu campo de possibilidades com relação a trocas afetivo-sexuais, mas, sobretudo ao que se refere ao controle e vigilância.

assim, em partes eu achei melhor... porque minha cidade é menor do que aqui, todo mundo realmente lá se conhece de alguma forma, quando não me conhece, conhece meus pais, não tem para onde ir... e pra mim eu me sentir mais livre aqui mais à vontade aqui do que lá, porque aqui é uma cidade que ninguém me conhece, então não vou ter que ter medo para tá andando de mãos dadas com alguém, só que eu sei respeitar o local que eu tô. Porque muitas pessoas não aceitam e pode ser que eu sofra algum tipo de preconceito num local, então eu prefiro em alguns momentos, e em alguns locais me recantear, ficar na minha. E para mim foi melhor tá aqui do que lá em Jardins<sup>21</sup> para eu conseguir ser mais eu. (Mucunã, 18 anos)

E continua:

Lá em Jardins quando eu saio com meus amigos, assim dentro da... quando eu saio para alguma balada, lá eu consigo ser a mesma pessoa que sou aqui, mesmo tendo as pessoas ao redor que conhecem enfim e falam e tudo mais... mas eu me comporto normal que eu me comporto quando tô aqui mesmo, quando chego em qualquer lugar... mas assim, no meio da rua, de dia, perto de algum lugar que tenha bem conhecidos do meu pai, aí eu preferi me comportar para não levar nenhum constrangimento a eles. (Mucunã, 18 anos)

Mucunã, assim, possui um policiamento das suas ações, já que algumas demonstrações de afeto poderiam ser percebidas como da ordem do imoral e repercutir na honra da sua família.

Ainda assim, é como se houvesse uma libertação, na qual é possibilitada a vivência. Mas, se antes tinha principalmente o medo de machucar os familiares com a exposição de afetos, hoje por estar em território diferente dos pais, teme a violência alheia. Aquela que desconhece o agressor... fato também apresentado por Flor-de-cera quando traz a intervenção de um desconhecido frente a sua expressão sentimental para com sua namorada.

Eu lembro que a gente nem sequer andava de mãos dadas na rua, uma vez a gente tava passando ali no centro, eu olhei para ela e falei: 'amor, não sei o que, não sei o que'... o homem olhou para mim assim assustado, ele disse: 'não, isso não tá acontecendo... isso não é possível.' Entendeu? Realmente é uma surpresa para as pessoas. (Flor-de-cera, 18 anos).

É importante analisar que os postulados que sustentam a norma hegemônica da sexualidade são repassados implícita ou explicitamente por diversos canais, como por exemplo, mídia e/ou pelas instituições. E a medida que assimilamos

---

<sup>21</sup>Nome fictício

vamos tornando-a como referência e naturalizando esse modo de existência, de modo a rejeitar as infinitas possibilidades de exercer a sexualidade.

Ainda no tocante a esse aspecto, Rogério Junqueira (2011, p. 85) pontua que “Quem não se mostrar apto a ser normalizado torna-se digno de repulsa e abjeção, habilitando-se a ocupar um grau inferior ou nulo de humanidade.”. Foi o que apresentou Malva na fala quanto ao posicionamento da proprietária do imóvel que residia:

Primeiro ela começou com tipo vagabunda, ordinária... aí depois ela inventou coisas, que aí eu acho que foi a menina (vizinha) que ela falou: ‘você tá fazendo da minha casa um cabaré’. E aí tipo, era eu, minha namorada e os meus livros porque eu não conhecia tantas pessoas, eu não conhecia quase ninguém, quase ninguém andava lá e casa, o tempo que eu tinha fora da faculdade eu queria passar com ela, e era eu e ela o tempo todo, eu não tinha som, eu não tinha televisão, eu não tinha nada, eu tinha um fogão, uma geladeira e um colchão, nem guarda-roupa eu tinha, então que cabaré eu ia fazer nessa casa? E aí ela falou várias e várias coisas assim. (Malva, 20 anos)

Tenta atingir a moralidade dela, coloca o cabaré – que é o espaço para prostituição do corpo da mulher e como um lugar que não tem honra. E dá andamento as agressões verbais evidenciando o real motivo do desconforto com a interlocutora.

Aí falou que eu era nojenta, que eu era uma sapatãozinha sebosa, essas coisas assim bem.... me chamava de lixo, essas coisas assim bem pesadas. Aí disse que me queria fora da casa dela, que nem precisava pagar o último mês, essas coisas assim: ‘só quero você fora da minha casa até o final dessa semana, porque você tá sujando minha casa. (Malva, 20 anos).

A interlocutora pode compreender que mesmo residindo fora da sua cidade de origem, a vigilância era ainda presente. Além disso, pode perceber como o preconceito quanto a homossexualidade propicia a caracterização da lesbianidade como algo digno de repulsa e nojo. Com isso, as lésbicas são constantemente submetidas a processos de higienização e exclusão. E esse episódio teve um efeito na forma como Malva percebia que estava constituído seu modo de ser e viver.

Mas aí eu me dei conta que eu tinha que esconder um pouco quem eu era até aqui, ne? Que ninguém me conhecia, eu disse: ‘eu preciso ser aquela hétero para eu poder morar numa casa, que eu vou pagar com meu dinheiro’ e aí por um tempo eu tive esse medo, de dizer assim um pouco, porque sempre perguntam, ‘vai morar com quem? o que é seu?’... tipo entrevista de emprego, quase... parece que eu vou ganhar quase para morar na casa. E aí eu menti, menti... fui uma pessoa totalmente o contrário, ne? (Malva, 20 anos).

Esse episódio leva Malva a questionar se sempre seria vista de maneira estigmatizada, como aponta o trecho abaixo:

E aí eu ficava no início muito, meu receio era esse medo, de como a sociedade ia reagir, eles iam me ver como uma estudante? Eles iam me ver como uma garota boa, que tira notas boas, que se esforça ou como uma sapatão? E aí os meus vizinhos, eles iam passar e iam me passar e ia me dar bom dia, boa tarde quando passasse na escada ou eles iam virar a cara porque eles me viram com a minha namorada e sabe que ela não é só uma amiga? Porque no começo eu comecei a negar, ne? Quando eu me mudei a dona do apartamento disse ah, é tua irmã? Eu poderia ter dito é minha namorada, mas eu não consegui, porque me deu um medo, de ser tratada diferente, de quando eu fosse reclamar de alguma coisa ela não quisesse atender, ou de me colocar para fora. (Malva, 20 anos).

Isso levou a mesma a se avaliar quando a quem era e como era percebida, afetando o seu modo de subjetivação, como aponta Livia Toledo (2008, p. 11): “A influência dos processos de estigmatização está no sentido da captura, do condicionamento, do enclausuramento da vida, desfalcando oportunidades de vida dos processos de subjetivação, condicionando-os a uma essência sexualizada. A partir de abertura a possibilidades de vivência, é possível sair dessa captura por meio de linhas de fuga”. Além disso, Junqueira (2011) coloca o quanto os dissidentes sexuais precisam se sobressair em outras áreas da sua vida para não sofrer mais violências.

Assim, é possível perceber dois grandes movimentos no território, um grande acolhimento por parte de algumas pessoas, ou uma rejeição de tão grande tamanho que nos sentimos ameaçadas quanto a nossa segurança, inclusive física.

#### 5.4 CONSTRUIR E RESISTIR: ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO E RESISTÊNCIA.

Por mais que maneiras de adequação, controle e vigilância sobre as mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres possam ser exercidas, as mesmas buscam estratégias para vivenciar seus desejos e afetos. Com isso, esse trabalho desde o seu princípio se desenvolveu com o objetivo de apresentar o que pulsa, instiga, emociona e fortalece. Vem demonstrar a força da resistência e sobre todo o orgulho de ser quem/como é.

Diante disso, serão apresentadas as estratégias utilizadas para vivenciar experiências afetivo-sexuais pelas interlocutoras em uma cidade no Sertão do Pajeú e que é conhecida nacionalmente pela cultura de Lampião e machismo.

Considerando também ser uma cidade em constante diálogo com a ruralidade e seus aspectos.

A maioria das interlocutoras declararam que revelaram, acerca da homossexualidade, para a sua família e para pessoas que fazem parte das suas relações de proximidade. Colocam que o poder da norma heterossexual ainda é muito forte e que precisam dialogar constantemente sobre a temática nos lugares que circulam, já que entendem a necessidade de desnaturalizar práticas sobre as questões de gênero e sexualidade. Apesar da ciência de que o peso quanto o “desvio a norma” dificulta o diálogo, ainda assim avaliam que as mudanças acontecem em processo, e que já conseguem negociar e propor uma reflexão com algumas pessoas.

As interlocutoras do trabalho de Ana Maria Brandão (2015) também colocam que buscam meios para lidar com o estigma de apresentar uma sexualidade dissidente, seja demonstrando um “padrão heterossexual” para os que estão a nossa volta ou utilizam estratégias e “manipulam” as informações para que não saibam da homossexualidade, ou divulgam a orientação sexual sabendo que necessitarão lidar com as consequências.

Mesma estratégia foi também utilizada com os familiares, que aproveitavam situações em que a família estava reunida e assuntos em torno de gênero e sexualidade eram colocados em pauta para aprofundar as reflexões, pois acreditam que é uma forma de ir desmitificando como também é um modo de ir preparando os familiares para falar sobre suas relações afetivo-sexuais com mulheres.

As interlocutoras adicionam ainda a importância de se conhecer, como também de se informar sobre as discussões de gênero e sexualidade. Argumentam que no processo de descoberta a internet funcionou como uma importante ferramenta para alcançar mais informações sobre a homossexualidade, proporcionando que tivessem mais segurança e propriedade sobre o assunto.

Esse empoderamento sobre o assunto proporcionou a proteção diante de algumas violências, principalmente quanto a pressão de religiosos diante do posicionamento de contrapor o que era postulado quanto a sexualidade. Além disso, reforçam o quanto as conversas com outras meninas por meio de chats foram relevantes para desmitificar o estigma e facilitar a aceitação enquanto dissidente sexual. E assim, podiam driblar a vigilância do contexto repressor.

O peso de contradizer a norma ainda faz com que algumas mulheres permaneçam se camuflando acerca do exercício da sua sexualidade. Três interlocutoras declararam que os familiares não sabem sobre sua dissidência sexual, porém explicam que apesar de sentirem medo da reação da família diante de uma revelação, isso não impede de vivenciar as relações afetivo-sexuais com mulheres.

Acrescentam que é um assunto que pode ser conversado, mas que percebem que muitas vezes é negado pela família por receio da confirmação. Assim, Marli Lima (2008) destaca a Política do tipo “você não me conta, eu não te pergunto”, e coloca que é uma forma de evitar conflitos e tensões nas relações familiares. Na qual, as mulheres acreditam que os pais sabem acerca da homossexualidade, mas preferem não perguntar sobre, por não saberem como reagir diante da resposta.

Aqui destaca-se a dificuldade de ter que “assumir” uma homossexualidade, o que não acontece com os heterossexuais. É como se tivesse que apresentar que “desvia” de uma norma. Norma esta que foi construída socialmente e que para elas não faz sentido. Como colocado pelas entrevistadas, percebendo o exercício da sua sexualidade como igual a todas as outras pessoas, e assim como os casais heterossexuais não precisam anunciar que estão juntos e defender o porquê se relacionam daquela forma, também acreditam que não precisam sinalizar nem para a família que se relacionam com mulheres.

As interlocutoras destacaram ainda a preocupação de seus familiares com a repercussão, com os “outros”, decorrente da revelação da homossexualidade, e que muitas vezes, era negociado a possibilidade dessa vivência acontecer, porém deveriam se manter discretas nas relações. Essa negociação se dá no intuito de garantir para a dissidente moradia e sustento, acreditam que esse acordo foi acentuado pois, no período, ainda não obtinham a maioria e autonomia financeira. Da mesma forma, solicitam das colaboradoras a discrição com o intuito de evitar alguma forma de lesbofobia, enfatizando a dificuldade das pessoas em lidar com a temática.

Reforçam que se fossem expulsas de casa chamaria a atenção da vizinhança e de parentes da família extensa, e precisariam lidar com a temática que estava causando incômodo. Discorrem que existe um acordo implícito com os familiares, no qual vão poder se relacionar com mulheres, mas deverão ter cuidados quanto as demonstrações de afeto. Descrevem que em lugares que tem a presença de casais

héteros com crianças evitam ter ações de carinhos com suas parceiras, é o modo de respeitar esse grupo, mas como também de prevenir alguma violência.

Entretanto, em alguns lugares são mais propícias as demonstrações de afeto, como também se sentem mais protegidas, mesmo que não conheçam as pessoas que possam estar presentes, mas é como se demarcassem que naquele território isso é possível.

Como algumas não tem sua sexualidade revelada para a família se utilizam da estratégia de apresentarem-se como amigas para “camuflar” suas parceiras. Como apresentado nas citações abaixo:

Por que os lugares que eu ia para ir ver a minha namorada, no caso, era ou na casa dela ou na concha, meus pais nunca vão na concha e eles nem imaginam que eu voltei a andar lá. Então tipo, sempre foi tranquilo e ir para os cantos... tipo quando a gente vai para alguma festa que eu sei que eles vão também, eles perguntam com quem tu vai eu digo, só que tipo nunca tá só eu e Angico, tá eu, Angico, Jitirana, Beatriz<sup>22</sup>, ... entendeu? (Quipá, 19 anos).

A vantagem das amizades entre mulheres apresentarem sempre uma proximidade maior, já que somos constantemente incentivadas a sermos amorosas, fazia com que os pais da interlocutora não percebessem que existia uma relação afetivo-sexual com uma das meninas do grupo. Assim, como todo grupo favorecia a proteção do casal.

A mesma estratégia que utilizava com a menina do EJC porque eu ia deixar ela em casa, ela ia me deixar em casa aí ficava nisso...dormiam uma na casa da outra, uma coisa supernormal. (Quipá, 19 anos).

Como aponta Cynthia Cancissu (2007) que geralmente a família de origem costuma passar por uma fase de adaptação quando ocorre a revelação da homossexualidade feminina e que muitas vezes se afastam desse familiar para fazer a elaboração. Em consequência, as lésbicas tendem a buscar na comunidade homossexual pessoas que possam oferecer esse suporte social necessário no momento, entretanto o que a autora reforça é que esses laços se estendem para após o período de tensão, e inclusive essa família escolhida pode ser constituída por familiares sanguíneos, amigos e ex-parceiras (característica das relações lésbicas).

Jitirana relatou que diante da repercussão da revelação, seus irmãos colocaram que a apoiariam, mas que ela aliviasse os embates e “que não tentasse impor aquilo para família” (sic), já que sua mãe havia apresentado um quadro

---

<sup>22</sup> Nome fictício

depressivo e estava precisando de cuidados. E o assunto trazia muitos conflitos e tensões por seus pais não aceitarem a homossexualidade. Ainda com relação as famílias, as mesmas destacam que com o passar dos anos, as famílias que tiveram resistência inicialmente começaram a se apresentar mais abertas para conversar sobre o assunto possibilitando outras negociações.

As entrevistadas reafirmaram por diversas vezes a importância dos outros dissidentes sexuais para o processo de auto reconhecimento e também nos momentos de tensão com a família de origem. Destacam que amigas e por vezes ex-namoradas exercem o papel de família escolhida, e que muitas vezes é um único suporte social em momentos de conflitos. Além disso, as interlocutoras colocam que a medida que foram relatando para os amigos acerca da sexualidade, foram aumentando o círculo de amizades de pessoas dissidentes.

Destacam a relevância dos movimentos sociais, ainda que não se percebem enquanto ativistas. Versam o feminismo como um movimento de grande impulso para se compreender e acima de tudo compreender as construções sociais que envolvem as mulheres. Somente uma interlocutora colocou que participa de movimentos sociais, e avultou a dificuldade em alguns momentos de negociar algumas pautas, apesar de haver um bom diálogo.

Quebrar o tabu de falar sobre gênero e sexualidade com mulheres e colocar que esse não é um assunto para ser discutido apenas entre mulheres (mãe e filha) mas com a família como um todo, vai desmitificando o papel de submissão e de resignação que nos é colocado. A desconstrução de um ideal de mulher que não pode falar sobre sexualidade vai se reformulando. Assim, também as colaboradoras da pesquisa vão se conhecendo e ficando mais fortes, e se sentem mais empoderadas para se posicionar em outros espaços, e não permitem serem subjugadas (pelo menos não facilmente).

As colaboradoras descrevem que permanecem no jogo de luz e sombra em que apenas revelam a homossexualidade em lugares que se sentem protegidas e que sabem que seu “segredo” possa ser mantido. Além disso, tem família que coloca constantemente a contrariedade diante da homossexualidade, mas as interlocutoras não permitem a interferência nas suas relações. Destacam que utilizam estratégias para se manterem discretas quando estão sob olhares de

pessoas heterossexuais e que os dissidentes sexuais mais próximos auxiliam na cobertura para que os relacionamentos ocorram com segurança.

Foucault (1984) considera que os sujeitos estão submetidos a regimes de verdade, que contribui para a definição da verdade através das práticas. Porém não compreende o sujeito como totalmente assujeitado, pois tem a possibilidade de romper com tal assujeitamento. De tal modo, que através das práticas de si o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre seus modos de vida, regular práticas e negociar entre o assujeitamento ou o rompimento das normas construídas socialmente. Abreviando, assim como a heterossexualidade é colocada como verdade única sobre os modos das pessoas se relacionarem, as mesmas podem romper com essa lógica, mas isso irá repercutir na relação consigo, com outros e com o mundo.

O autor ainda coloca que “onde há poder há resistência”, já que estamos todos submetidos a jogos de poder e por mais que não seja possível nos isentarmos das construções sociais a que somos submetidas, podemos construir novos modos de negociar com as mesmas. Esse capítulo vem reforçar o proposto pelo autor. Destacando que fazer resistência não é apenas contrapor o que é instituído, mas é fazer disso um processo criativo.

Onde a restrição pode se tornar criação. É re-criar, mudar, arquitetar, potencializar... é inventar estratégias e manobras. É sair do mesmo, ainda que em território com forte vigilância e controle, onde as violências se tornam mais acentuadas pelas relações de proximidade. As interlocutoras fazem resistência quando reinventam em um contexto, onde a autoridade masculina se faz tão presente. Estão colocando cotidianamente suas existências como forma de resistência, onde costumam ser espaços imperados pelo forte machismo e patriarcado.

E como Cheryl Clarke (1988, p.1) destaca “Não importa como uma mulher viva seu lesbianismo - no armário, na legislatura ou na rêmamara. Ela se rebelou contra sua prostituição ao amo escravista, que corresponde à fêmea heterossexual que depende do homem”. Revelar a sua dissidência sexual socialmente não é a única forma de resistir. É preciso negociar com os desdobramentos da revelação da orientação sexual. E buscar meios de resistir ao esgotamento da saúde mental diante dos impedimentos. É resistência quando promove debates em contextos tão tradicionais. É resistência por tentar mudar o contexto que o cerca.

Mas como seriam resistência? São resistência, quando não aceitam que seus corpos sejam moldados e produzidos para uma lógica heteronormativa, que exclui seus desejos e afetos. São subversivas quando extrapolam o mesmo, quando rompem a inteligibilidade sexo/gênero e desejo sexual. Por quebrar as lógicas, gênero e sexualidade e, sobretudo em um contexto que tem como característica o apego às tradições. Resistem quando negam as prescrições sociais para a feminilidade. Quando subvertem tudo o que historicamente lhe é colocado como obrigação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por estar inserida em contexto interiorano durante toda minha vida, posso destacar que isso favoreceu dialogar com esse universo. Contudo, como exposto ao longo desse trabalho, ainda são escassos estudos sobre mulheres que mantêm relações afetivo sexuais com mulheres em contextos interioranos e/ou rurais. E por mais que essa pesquisa tenha tido como objetivo apresentar essa temática, muita coisa ainda escapa, seja devido ao tempo ou pelas impossibilidades colocadas pelo próprio contexto.

Considero esse estudo de origem exploratória, por ter como objetivo geral conhecer as estratégias de negociação entre a regulação social e resistência a norma da heterossexualidade, utilizadas por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres. E mais especificamente, compreender os sentidos produzidos acerca da sexualidade feminina e das relações afetivo-sexual entre mulheres, atribuídos dentro e fora da comunidade homossexual; Descrever como se dá as interações afetivo-sexuais dessas mulheres; identificar os mecanismos de regulação da sexualidade que tem mais repercussão nesse contexto. Enfatizando as especificidades de ter um relacionamento com pessoa do mesmo sexo em uma cidade pequena.

As narrativas de cada mulher que aceitou colaborar com a pesquisa foram de uma estimada contribuição, a disponibilidade com que se colocaram, a alegria por poder contribuir e a satisfação de poder falar delas por elas, elas me fizeram crescer e positivar meu processo de subjetivação. Entretanto, vale ressaltar que essa pesquisa retrata apenas uma parcela das experiências das mulheres lésbicas e bissexuais que vivem naquele território, destacando que não podem ser generalizados para a população como um todo.

Foi exposto o quanto a sexualidade feminina ainda é tabu nas relações familiares. A genitora ainda permanece como a figura responsável por orientar as filhas. A mesma é responsável inclusive pela adequamento às normas e regras sociais que são exigidas para as mulheres. Cabe destacar que a maioria das interlocutoras foram orientadas quanto a sexualidade apenas ao que se destinava aos cuidados da menstruação e proteção contra violência sexual.

A família ainda se constitui como uma importante instituição de regulação da sexualidade. É através dos ensinamentos e orientações repassados por esta que

seus membros começaram a vivenciar a sexualidade. Por esses aspectos, também, as colaboradoras se viram em conflitos diante do que estavam sentindo e o que lhes foram apresentados, implicitamente ou explicitamente, como padrão sobre as questões de gênero e o exercício da sexualidade.

Além da família, as interlocutoras destacaram a religião também como poderoso instrumento de regulação. Por meio das famílias, elas adentraram esses espaços, que, no tocante a sexualidade, também objetivava: determinar, controlar, vigiar e quando necessário, punir. Propagam a ideia da homossexualidade como algo que escapa à normalidade e que se constitui como um pecado, algo que foge das leis de Deus. Essa 'inadequação' ao definido socialmente e o peso dado a essas questões pela religião proporcionava culpa e repressão, desencadeando sofrimento psíquico em algumas interlocutoras.

Após o auto reconhecimento da sexualidade dissidente e a revelação para familiares, a relação com a religião foi modificada. Em alguns casos, houve resignificação do modo como exerciam sua fé, mas também houve quem se afastou totalmente da religião. Assim, como foi enfatizado, quanto mais rígidos são os preceitos religiosos, mais difícil se torna a aceitação da homossexualidade feminina por parte da família.

Como efeito da heterossexualidade compulsória, se envolviam em relacionamentos com meninos como forma de se adequar a norma, porém reforçavam o desejo por meninas. Contudo, houve também quem criou estratégias de negociação e conseguiu não fazer investimento afetivo-sexual em meninos e ser uma "lésbica raiz".

Atualmente, a maioria das interlocutoras se apresentam enquanto lésbicas, mas descreveram as dificuldades encontradas no processo. Citaram que primeiramente perceberam-se interessadas por meninas próximas e que negociavam o contato mais íntimo através das brincadeiras. Não tinham consciência do que estava acontecendo, mas através das orientações implícitas por familiares, compreendiam aquilo como algo que não podia ser verbalizado com qualquer pessoa.

Como tais desejos precisavam ser mantidos em segredo, as buscas pela temática se deram através da internet. Meio que proporcionava confidencialidade e trocas com meninas que vivenciavam as mesmas situações. A medida que se apropriavam quanto a temática e sobre seu corpo, foram buscando estratégias de

negociar com o contexto em que viviam. Negociações estas com família, amigos e parceiras.

Essa proteção ofertada pela internet para se reconhecer a homossexualidade feminina, ainda favorece as interações afetivo- sexuais. O uso de aplicativos sociais se destaca como meio que proporciona a aproximação das dissidentes, assim como forma de manobrar a vigilância e exposição. Como ponto de destaque das interações afetivo-sexuais entre mulheres foi dado ênfase ao Rebuceteio, como uma rede de conexão em que várias mulheres já se relacionaram afetivo-sexualmente entre si. Porém, não foi encontrada nenhuma literatura sobre o assunto.

Buscamos ainda compreender o uso dos espaços de sociabilidade e as negociações com o território. As entrevistadas destacaram a Praça da Concha da cidade e o bar Espaço Concha's como locais em que os afetos entre homossexuais são autorizados, constituindo ali como um gueto homossexual, onde o que acontece ali, permanece ali. E que algumas negociações são feitas quando acontece algum evento do município no espaço.

Com relação as especificidades do território, a cidade ainda mantém suas tradições e representações ainda muito acentuadas em torno das figuras de Lampião e Maria Bonita, que por mais que seja um casal transgressor, permanece sendo heteronormativo e sustentando alguns padrões. Cabe destacar que pelo território ser restrito, as relações de proximidade são mais intensas como também a vigilância, abrindo possibilidade para a fofoca. Que funciona como instrumento para pressionar a família para exigir da interlocutora à adequação. Por outro lado, para as dissidentes sexuais que não tem Serra Talhada como sua cidade de origem abre-se o leque de possibilidades, mesmo que com algumas restrições.

Ser marcada pela diferença faz com que repensemos constantemente sobre as normatizações e como nos adequar a elas, porém logo é perceptível que assumir tal posicionamento tem um preço para nossa saúde mental. Esse traço marca a diferença das demais pessoas, se caracteriza como estigma, e nem sempre é possível de ser acessado visivelmente. Aqui cabe a homossexualidade, que exige de cada uma a gestão de tal aspecto. A decisão por si só não é fácil já que precisa organizar vários fatores. Vários aspectos psicossociais precisam ser repensados quanto estamos entre a revelação e ocultamento.

Quantas colocações ouvimos no cotidiano sobre as lésbicas: que são masculinizadas, quando não esboçam como algo digno de nojo ou promíscuas, algo

da ordem do impróprio e que as crianças não podem ter proximidade, que estão querendo se tornar homem ou sofreram desilusão com eles, e que existe uma lógica de passiva ou ativa que sustenta a relação delas. Todas essas construções sociais são reforçadas no cotidiano e as mulheres que se relacionam com mulheres precisam estar em constantes negociações.... principalmente desconstruindo-as para evitar algumas violências.

O que objetivo destacar nesse espaço é o quanto as normatizações construídas socialmente determinam um lugar para a mulher na sociedade e como a mesma deve se portar no mundo, inclusive sexualmente. É ressaltar o quanto as normatizações e suas imposições tão definidas nos fazem nos perceber inadequadas e “desajustadas” diante dos contextos em que estamos inseridos e afetando a forma como nos percebemos e nos relacionamos com as outras pessoas e contextos.

Trazer a força da resistência, ainda que precisando lidar com algumas formas de regulação, e vê-las aí vibrando, brincando, brindando.... é impressionante. É importante ver a potência desses encontros, ver o empoderamento dessas meninas, que muitas vezes me fez sentir uma velha diante da ânsia e da fé de vivenciar coisas maravilhosas. Também foi importante ouvir delas o quanto esse trabalho era relevante e até a curiosidade em saber como eu tinha conseguido estudar sobre tal temática, tipo... como tu conseguiu essa façanha?

Assim, compreendia como esse trabalho era importante, e como parece que temos tantas barreiras para quebrar, que ninguém se importaria e permitiria que nossas vivências fossem escritas. Se quiserem me colocar em caixinhas, que me encaixem. Mas que o que pude (re)aprender é que não posso perder a ânsia de viver do modo que me for conveniente, que só cabe a mim os caminhos que vou traçar, mas o mais importante é ter a consciência de que quem escreve a minha história sou eu.

Pela história delas e pela minha essa pesquisa foi constituída. Construída para aquelas que ainda sofrem muitas dificuldades por ser resistentes, por aquelas que foram expulsas de casa ainda muito novas, aquelas que sofrem com agressões de familiares, aquelas que vivem sob ameaças de vizinhos e precisam reforçar a segurança de suas casas, aquelas que são violentadas e assassinadas. Mas

também para mostrar que mesmo mediante muita pressão, existem histórias boas para contar.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Regina Maria; FACCHINI, Regina. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. s291-s300, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009001400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001400011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 de jun. de 2017.
- BRUNER, Jerome. A Construção Narrativa da Realidade. **Critical Inquiry**, 18(1), pp. 1-21. 1991. trad. Waldemar Ferreira Netto.
- BUTTON, Scott B. (2004), "Identity management strategies utilized by lesbian and gay employees: A quantitative investigation", *Group & Organization Management*, 29(4), p.470-494. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1059601103257417>
- CARRARA, Sérgio. O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o "lugar" da homossexualidade. In: GROSSI, Miriam Pillar [et al.] (orgs). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 17-24.
- CASTAÑEDA, Marina (1999). **Comprendre l'homosexualité: Des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes**. (Collection Réponses) Paris: Editions Robert Laffont.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo; Brasiliense, 1984.
- CLARKE, C. "Lesbianismo: un acto de resistência". In: MORAGA, C.; CASTILLO, A. **Esta puente, mi espalda: vocês de mujeres tercer mundistas en los Estados Unidos**. São Francisco: ISM Press, 1988, pp. 99-108.
- Norbert, Elias. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FERREIRA, Anderson; BARBOSA, José Gabriel. Homossexualidade Masculina e cidade pequena. **Bagoas**, n. 11, p. 211-236. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/viewFile/6550/5080>. Acesso em: 30 de jul. 2017.
- FERREIRA, Paulo Rogers. O Texto brasileiro sobre o rural. **Ruris**, v. 2, n. 1, 2008b. FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 21 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, M. (1984). **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade**. In op. cit. Vol. V.
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 ago. 2016.

FRANÇA, Felipe Gabriel Ribeiro. A questão do – armário – e a emergência da internet nas narrativas de professores homossexuais. **Ensino em Revista**, v. 23, p. 345-366, 2016.

GALLAS, Ana Kelma Cunha; REIS, Pâmela Laurentina Sampaio. Inclusão e exclusão: etnografia sobre as redes de sociabilidades lésbicas e gays na cidade de Teresina. **Amazônica: Revista de Antropologia**, v.8, n. 2, 2016.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **ACENO**, Vol. 2, N. 4, p. 24-40. Ago. a Dez. de 2015

GONTIJO, Fabiano de Souza. Sexualidade e ruralidade no Brasil: o que os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade (não) dizem sobre essa relação?. **Vivência: Revista de Antropologia**, n. 45, p. 145-158, 2015.

GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, n. 15, p. 271-295, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Rogério (2011). Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário. In: **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. 2011, p. 74-92. Disponível em: <http://porteiras.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2011.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

KRAEMER, Celso; SILVA, Carla Fernanda da; LESSA, Fabiele. Homoafetividades femininas em Blumenau: cartografias possíveis. **MÉTIS: história & cultura** – v. 10, n. 20, p. 219-242, jul./dez. 2011.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. “... A minha religião não aceita homossexuais”: analisando narrativas de adolescentes sobre religião e homossexualidade. In: **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. 2011, p. 115- 131. Disponível em: <http://porteiras.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2011.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação** - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias contemporâneas. (2008) \_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. Pro-Posições. Campinas, n. 2. v. 19.

mai/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Maria Cristina Uchôa de Abreu. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 81-90, Mar. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722007000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 30 de Jul. 2017.

MARRA, A. V.; BRITO, V.G.P. Construcionismo Social e Análise do Discurso: Uma Possibilidade Teórico-Metodológica. In: **XXXV Encontro da ANPAD**, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ380.pdf>. Acesso em: 06 de ago. de 2016.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.239-262, 1993.

MIRANDA, Adílio Renê Almeida; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MAFRA, Flávia Luciana Naves. **Contribuições do Método História de Vida Para Estudos sobre Identidade**: o Exemplo das Professoras-gerentes. VII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPED, 20 a 22 de maio de 2012, Curitiba. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo\\_2012/2012\\_ENEO152.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2012/2012_ENEO152.pdf). Acesso em: 23 de abril de 2018.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/06.pdf>. Acesso em 15 nov. 2018.

MISKOLCI, R. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88/64>. Acesso em 15 nov. 2018.

MISKOLCI, R. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, L et al (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012b, p. 35-55.

MISKOLCI, R. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 61-90, janeiro-junho, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332015000100061&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100061&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 nov. 2018.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. 2006.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. A conjugalidade homossexual no sistema de gêneros e para além: micropolíticas homoeróticas. **Revista das Ciências Sociais**, v. 37, n. 1, 2006.

PALMA, Yáskara Arrial; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 771-779, dezembro de 2008. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=pt\\_BR&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=pt_BR&nrm=iso). Acesso em: 20 de jun. de 2017.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de confete no “Mar de Xarayés”**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. 2015. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PISANO, Margarida. **Incidências Lésbicas ou Amor ao próprio reflexo**. 1997. Disponível em: <https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/incidencias-lesbicas-ou-o-amor-ao-pr%C3%B3prio-reflexo-leitura.pdf>. Acesso em: 06 de out.2018

OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. O (outro) lugar **do desejo: Notas iniciais sobre sexualidades, cidade e diferença na tríplice fronteira amazônica**. *Amazônia, Rev. Antropol.* (Online) 8 (1): 118 - 141, 2016.

RIOS, Luís Felipe. **O feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2004.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo**: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1582>. Acesso em: 01 de ago. de 2017.

SAFFIOTI, Helleieth I. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Geisa Cristina dos. Rompendo o silêncio e a invisibilidade Lésbicas negras de Salvador. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES** -Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Salvador, 2009.

SANTOS, Daniel Kerry dos; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, p. 50, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127019>. Acesso em: 16 de ago. de 2017

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, vol. 28, p. 19- 54, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em 11 nov. 2016.

SILVÉRIO JÚNIOR, Renato Cezar. **Curtições, amizades e injúrias**: as expressões de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade de pequeno porte. 2013. 206 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/97574>. Acesso em: 10 de ago. de 2016.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas - uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**. Vol. 5, nº 2 – Inverno, 2000.

SILVA, Cinthia de Oliveira; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de; Rios, Luis Felipe. As virgens de paraíso: socialização e controle da sexualidade de mulheres jovens evangélicas residentes em um bairro popular do Recife. In: **Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidade, deslocamentos**, 2010.

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 75- 98, Jun. 2014.

SORJ, Bila. O feminismo como metáfora da natureza. **Revista Estudos Feministas**, CIEC/ECO/UFRJ, n. 0, p. 143-150, 1992.

TELLES, João A. A trajetória narrativa: história sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas-SP, jul./dez., 1999.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. 234 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/97601>. Acesso em: 10 de jun. de 2017.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **“Será que eu tô gostando de mulher?”**: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. 2013. 434 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105610>. Acesso em: 10 de jun. de 2017.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

Serra Talhada (PE). In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_18.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf). Acesso em: jan. 2016.